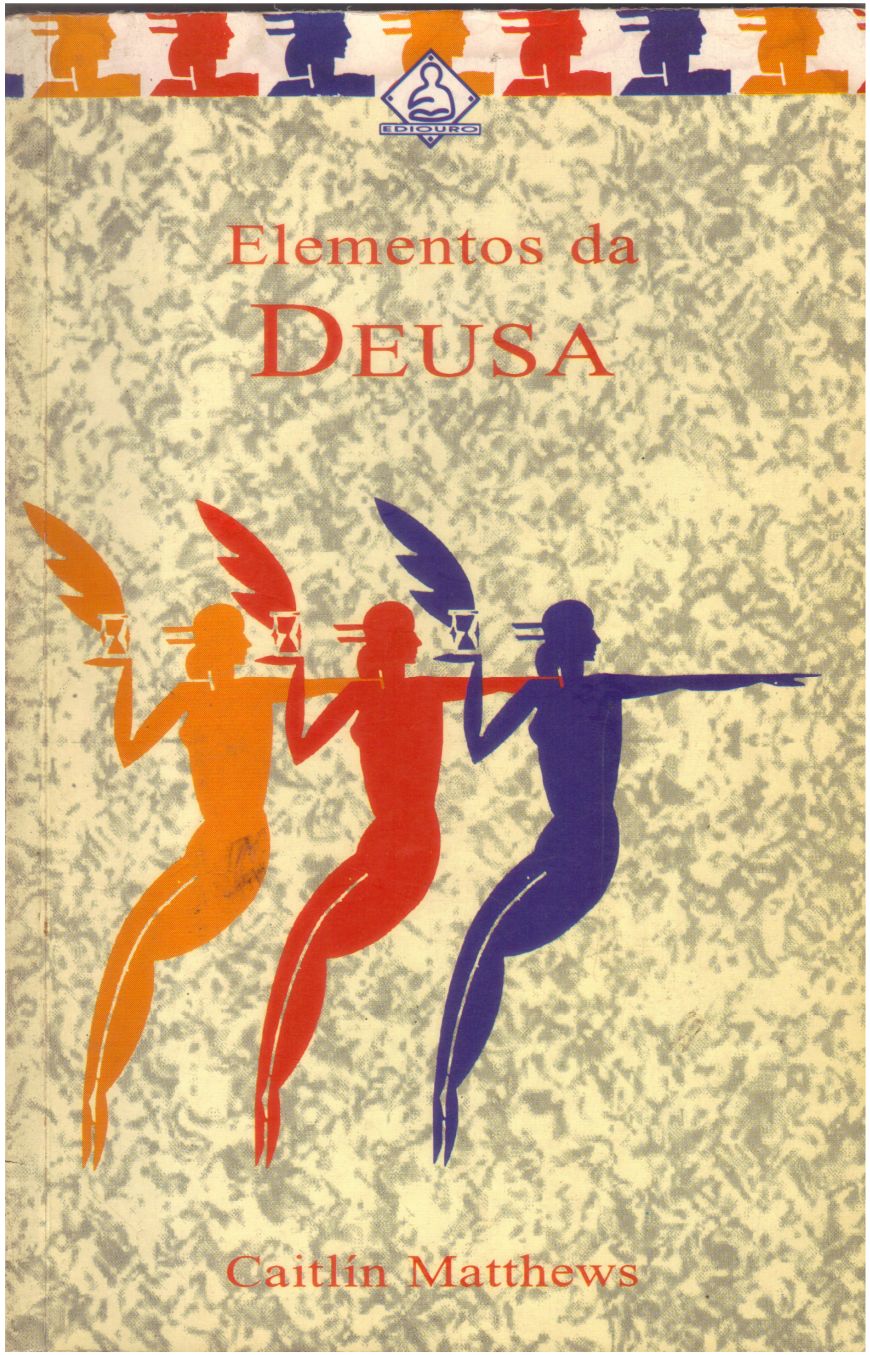


CAITLÍN MATTHEWS
ELEMENTOS DA DEUSA

Uma revolução silenciosa, uma conspiração positiva se processa em nosso planeta. Cresce entre os homens e as mulheres o culto da Deusa, cuja energia transformadora provê uma maior harmonia dos seres humanos com o Cosmo. *Elementos da Deusa* é um convite para que você faça parte deste movimento, que você se conscientize de que a Deusa está de novo entre nós e Sua força influencia nossas vidas.

Caitlín Matthews acredita que a sabedoria, o poder, a força libertadora e a proteção da Deusa podem operar em nosso benefício, se decidirmos aceitá-los. Ela sustenta que há vários caminhos para se chegar à Deusa e Seu culto não exige templos formais nem sacerdotes oficiais. Seu livro apresenta de forma original o Princípio Divino Feminino e enumera suas manifestações no Oriente e no Ocidente.

Por isso, além de conhecer como a dedicação aos deuses alivia a dor humana, qual a importância de se ter um mito como guia para a vida e o que são a Constelação Interior, o Templo da Sabedoria, as tríadas dentro das tríadas e muitos outros mistérios, você vai compreender que poderá cultuar a Deusa à sua maneira, exatamente como sua inspiração mandar.

Caitlín Matthews, autora de *The Western Way*: *The Hermetic Tradition* e outros, ficou conhecida por produzir novas abordagens da tradição celto-arthuriana em seu brilhante estudo sobre o *Mabinogion*. Seus outros trabalhos sobre a Deusa incluem uma antologia do sacerdócio feminino, *Voices of the Goddess* e um grande estudo sobre a Sabedoria Divina, *Sophia, Goddess of Wisdom*.

A série *Elementos* foi planejada com propósito bem definido: abordar temas essenciais nos campos esotérico, filosófico e religioso de forma bastante acessível e prática.

Cada livro, conciso porém abrangente, foi escrito por um especialista, não apenas por teóricos brilhantes, mas autores que exercessem regularmente a atividade sobre a qual discorreriam. Essa característica torna a série apropriada não só para o leitor leigo, iniciante, mas também para os que já têm noções sobre o assunto e gostariam de atualizar-se, aprimorar seu conhecimento ou descobrir novos caminhos em direção a objetivos anteriormente alcançados.

Muitos destes livros contêm — sempre que justificável e o tema permita — sugestões práticas e exercícios que tornam possíveis as experiências e o vivenciamento da teoria abordada.

Série Elementos:

Elementos da Alquimia
Elementos da Astrologia
Elementos da Cabala
Elementos da Deusa
Elementos do Herbalismo
Elementos do Judaísmo
Elementos da Magia Natural
Elementos da Meditação
Elementos da Psicossíntese
Elementos da Sonhoterapia
Elementos das Runas
Elementos do Taoísmo
Elementos do Tarô
Elementos da Tradição Druida
Elementos da Visualização
Elementos do Zen

ELEMENTOS DA

DEUSA

Caitlín Matthews

Tradução de
MARLI BERG

Título do original em inglês:
The Elements of the Goddess

© Caitlín Matthews 1989
First published in Great Britain in 1989
by Element Books Limited, Longmead, Shaftesbury, Dorset.

© da tradução, Ediouro S.A., 1994.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 5.988 de 14/12/73.
A reprodução, sejam quais forem os meios, de qualquer parte deste livro é ilegal, e configura uma apropriação indébita de direitos intelectuais e patrimoniais.

Capa:
Tira Linhas Studio

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

M388e

Matthews, Caitlín, 1952 –
Elementos da Deusa / Caitlín Matthews; tradução de Marli Berg. — Rio de Janeiro: Ediouro, 1994.
(Elementos)

Tradução de: The elements of the Goddess
Inclui glossário.
ISBN 85-00-32593-3

1. Deusa. 2. Religião da Deusa. 3. Vida espiritual – Religião da Deusa. I. Título. II. Título: Deusa. III. Série.

94-1386

CDD – 291.2114
CDU – 291.214

EDIOURO S.A.
(SUCESSORA DA EDITORA TECNOPRINT S.A.)
SEDE: DEP.TO DE VENDAS E EXPEDIÇÃO
RUA NOVA JERUSALÉM, 345 — RJ
CORRESPONDÊNCIA: CAIXA POSTAL 1880
CEP 20001-970 — RIO DE JANEIRO — RJ
TEL: (021) 260-6122 — FAX: (021) 280-2438

SUMÁRIO

Agradecimentos, 9

Introdução, 11

Parte 1: Limpando o terreno, 17
1. A Deusa à sombra da colina, 19
2. A dedicação aos deuses alivia a dor humana, 24
3. Um mito para guiar a vida, 33
4. A segunda vinda da Deusa, 38

Parte 2: Visualizando o templo, 45
5. A Constelação interior, 47
6. O Templo da Sabedoria, 53

Os Pátios Externos
A sabedoria além da sabedoria: Criadora de Tudo, 59
Primeira sabedoria: A Energizadora, 64
Segunda sabedoria: A Medidora, 70
Terceira sabedoria: A Protetora, 75

Os Pátios Internos
Quarta sabedoria: A Iniciadora, 81
Quinta sabedoria: A Desafiadora, 85
Sexta sabedoria: A Libertadora, 91

Os Pátios da Sabedoria
Sétima sabedoria: A Tecelã, 97
Oitava sabedoria: A Preservadora, 102
Nona sabedoria: A Que Dá Poderes, 108

Parte 3: Dançando no espaço, 115
7. O templo interior, 117
8. A triplicidade de nove partes, 124
9. Assim na Terra como no Céu, 131

Glossário das Deusas, 151

Aos Reverendíssimos
Olivia Robertson e Lawrence Durdin-Robertson,
Sacerdotisa-Hierofante e Sacerdote-Hierofante de Isis,
fundadores da Irmandade de Isis,
e
Para todos que procuram a Deusa

Estamos entrando na era da estrela de nove pontas.
A estrela que tornará realidade, na terra,
O sonho dourado de paz que vive dentro de nós

Brooke Medicine Eagle

AGRADECIMENTOS

Minha primeira dívida de gratidão vai para os anônimos portadores da tradição, tanto homens quanto mulheres, encarnados ou desencarnados, que preservaram e redescobriram a sabedoria da Deusa. Sem sua paciente persistência, este trabalho não teria sido concluído.

Devo a publicação deste livro ao tempo livre que me foi concedido para escrevê-lo. Esta afirmação pode parecer estranha, a princípio, mas todas as mães entenderão o que quero dizer quando agradeço às mulheres que me ajudaram a cuidar de meu filho, Emrys, especialmente Sandra Mandey, Ann Cox e Léonie Caldecott. Sem sua ajuda, eu não teria conseguido produzir mais do que três parágrafos por dia. Essas mães de criação são mais valiosas, para mim, do que pedras preciosas.

Para Meinrad Caighead, minha sogra divina, pelo companheirismo que demonstrou, mantendo-se a meu lado ao longo de todo o caminho.

Aos reverendíssimos Olivia Robertson e Lawrence Durdin-Robertson, fundadores da irmandade de Ísis, pelos seus *insights* curativos, que me deram inspiração e confiança para prosseguir na tarefa.

Agradeço à reverenda Vivienne Vernon-Jones, sacerdotisa-hierofante do Liceu de Isis e Sofia das Estrelas por me ajudar a voltar a entrar em contato com a Mãe.

Agradeço também a Felicity Aldrige — um verdadeiro exemplo de tecelã — por seu simpático apoio e estímulo.

A meus muitos alunos, cujos penetrantes *insights* iluminaram meu caminho.

A Diarmuid, sacerdote e modelo do Energizador, pela ajuda que me deu e por manter o livro em andamento. Sua inspiração poética me transformou numa mulher melhor.

A Philip Clayton-Gore, meu irmão espiritual, que me mostrou o rosto da Libertadora sob uma luz mais clara do que eu jamais teria imaginado ser possível.

Para todos os meus desafiadores, que fizeram com que me concentrasse mais nitidamente na Deusa e menos em mim mesma: sua grande sabedoria foi uma profunda fonte de humildade quando me senti tentada a ficar cheia de mim.

A todos os meus leitores, que esperaram pacientemente por este livro. Embora este seja um dos livros mais curtos que já escrevi, foi também um dos mais difíceis de elaborar — é quase impossível agradar a todo mundo, e apresentar fatos óbvios sobre uma divindade em seus muitos aspectos, em meras 50 000 palavras.

Para Jerry Ozaniec, um verdadeiro herói não reconhecido, por ter me ajudado a tornar-me uma entendida em computador, e que gastou seu tempo para salvar o texto quando eu acidentalmente apagava capítulos inteiros.

E, finalmente, para meu querido marido, John, sacerdote de Arianhod, preservador e protetor de minha vida, pela sua extrema compreensão e apoio. Sem ele, este livro nunca teria sido escrito.

INTRODUÇÃO

"Tenho uma visão à minha frente, e ela é tão clara quanto água. Nela, a antiga Mãe acordou de novo e está sentada em seu trono, rejuvenescida, mais gloriosa do que nunca. Proclamem-na para todo o mundo, com uma voz de paz e bênção."

Vivekananda.

No decorrer de minha vida, a Deusa saiu da obscuridade em direção ao primeiro plano da consciência espiritual. Em todo o mundo, as pessoas estão começando a admirar e a venerar o princípio Divino Feminino. Há, agora, muitos recursos para ajudar os novatos a encontrar um modo de chegar à Deusa. Em cada geração aparecem, sempre, novas pessoas, adultos em sua maior parte — já que poucas crianças tiveram o que poderia ser chamado de uma "educação para a deusa" — que desejam conhecer a Deusa por si mesmos. Por onde devem começar?

Todos os livros que estão, atualmente, no mercado são oriundos de um ponto de vista em particular; do feminismo — tanto o radical quanto o cristão — da psicologia ou da antropologia. Na verdade, cada livro que existe sobre a Deusa tem seus próprios adeptos, que são partidários de uma ou outra corrente. No entanto, não se pode esquecer que foram moldados por ferramentas feministas ou psicanalíticas e colocam questões que podem ser diferentes daquelas feitas pelas pessoas que têm a intenção de estudar a Deusa sozinhos.

O meu ponto de vista pessoal — quero deixar isto bem claro, logo de início — tem sido o de uma pessoa cuja concepção de

cosmologia sempre inclui um princípio divino tanto masculino quanto feminino. Durante vinte e quatro anos, minha visão foi moldada por uma formação em estudos célticos e um treinamento em tradições esotéricas e místicas ocidentais.

E meu compromisso com a Deusa me levou a procurar sua sabedoria em muitos aspectos da minha vida.

Reconheço, de forma generosa, como todas as mulheres deveriam fazer, uma dívida com a corajosa e histórica liberação que o feminismo, como movimento político, obteve para meu sexo. Mas também reconheço uma dívida com os guardiães tradicionais da sabedoria da Deusa, quer eles tenham sido homens ou mulheres, porque estes dedicados seres humanos mantiveram abertos os caminhos que levam a ela, muitas vezes a custo de suas próprias vidas, capacitando e estimulando muitos a seguir seu exemplo. A esses místicos, sejam eles conhecidos ou anônimos, descobridores, escritores e praticantes, todos devemos muito.

A Deusa é habitualmente definida de duas formas: por suas funções que são comumente classificadas em termos do ciclo de vida feminino ou de acordo com a cultura dentro da qual ela aparece. Escolhi adotar uma abordagem ligeiramente diferente, de forma que só a Deusa seja meu ponto de referência. Eu a delimitei sob alguns de seus muitos títulos, e minha intenção, ao fazê-lo, foi permitir que o leitor possa abordá-la diretamente e estabelecer uma relação imediata com seus aspectos, o que não depende de ideologias dualistas. Porque a Deusa é a soma de suas partes, que são muitas e indivisíveis.

Fiz, também, pouca distinção entre a Deusa e seus modelos, suas sacerdotisas e heroínas, que foram abrigos para a Deusa e mediadoras de suas muitas funções. Estas mulheres transcenderam — ou talvez fosse mais adequado dizer que transformaram — sua condição humana e se tornaram mediadoras da Deusa. Similarmente, incluí santas e a Abençoada Virgem Maria neste livro, porque elas também nos mostram aspectos do Divino Feminino e têm a virtude de serem conhecidas no Ocidente, onde as pessoas estão familiarizadas com as qualidades mediadas por elas. Ao escolher essa abordagem holística, espero apresentar um novo modo de trabalho cooperativo com a Deusa, que beneficiará todos os recém-chegados ao templo de seu coração.

Todo ser humano é filho da Deusa. Lembro-me que há alguns anos atrás, li um livro sobre a Deusa que tinha, em suas páginas de abertura, a seguinte informação:

"Homens, se vocês estão lendo este livro, larguem-no agora. Este é um livro para mulheres".

Lembro-me de ter ficado profundamente chocada, já que o livro pretendia ser um estudo sério sobre a Deusa, em seus múltiplos aspectos.

Há, é verdade, muitos desequilíbrios em nossa sociedade, mas, pessoalmente, acredito que a Deusa ressurgiu para nos ajudar a encontrar meios de restaurar a criação e de sanar divisões — não de reforçá-las. Conseqüentemente, neste livro, não falarei sobre patriarcado e matriarcado, nem colocarei culpa alguma sobre nenhum gênero de nossa espécie.

O caminho para a Deusa é a lei e a sabedoria naturais. É proveniente de tempos primordiais e ainda está sendo trilhado pelas pessoas nascidas neste mundo. É uma tradição viva.

Os ocidentais são, em primeiro lugar, órfãos da Deusa. Os motivos sociais e políticos desse estado de desolação foram documentados em muitos livros que lidam com o Divino Feminino. Tanto mulheres quanto homens precisam encontrar sua Mãe, relacionando-se com ela e sua criação de formas novas e equilibradas, porque é necessário que cada um de nós beba de sua sabedoria e se realinhe com suas leis naturais.

Presumi, ao longo deste livro, que o leitor é um membro da família humana, que procura os *insights* transformadores que só a Deusa pode trazer, mas que é suficientemente maduro para perceber que estes *insights* devem ser partilhados com outros irmãos e irmãs, já que o caminho da Deusa se tornará lugar comum no Ocidente.

Pelo fato de a Deusa não ter sido parte integrante da vida ocidental durante os últimos duzentos anos, cada um de seus filhos tornou-se, de algum modo, afastado e desajustado. Muitos grupos maravilhosos e eticamente motivados surgiram, oferecendo formas de encontrar a Deusa. Mas alguns foram menos equilibrados e tentaram impôr métodos fundamentais de trabalho e de adoração a ela.

O caminho para a Deusa é diferente de outras sendas espirituais do Ocidente — não tem templos formais ou administrados pelo estado, nem sacerdócio organizado. Cada pessoa deve, em primeiro lugar, encontrar seu próprio caminho para ela, embora ninguém possa afirmar *possuir* a Deusa ou parte da sua tradição.

Este livro tenta ajudar o leitor a encontrar a Deusa de forma própria, enquanto também leva em consideração as dificuldades que

uma pessoa do século vinte encontra ao entrar em relação com suas qualidades primordiais.

Acredito que algumas palavras sobre a organização do material deste livro seriam úteis. A parte 1 é, realmente, uma limpeza de terreno, onde nos defrontamos com alguns dos argumentos, opiniões e problemas com os quais precisamos lidar. Nesta parte, tentamos clarificar nossos próprios pensamentos, sentimentos e preconceitos em relação à Deusa. A menos que lidemos com isto em primeiro lugar, não estaremos verdadeiramente aptos e em condições de entrar no Templo da Deusa. Na parte 2, exploramos os elementos reais da Deusa à luz de muitos de seus modelos. Esta é a parte factual e intelectual do livro, onde as informações são dadas. A parte 3 tenta ir além das anteriores e estabelece métodos práticos de trabalho e de relacionamento com a Deusa. Não há parte 4, a menos que você mesmo dê continuação ao livro.

Falando de forma geral, só me referi diretamente pelo nome a cada aspecto da Deusa, em vez de ficar repetindo frase como "o tibetano dakini Mamaki", como há no glossário, ao final do livro, que faz uma relação de cada deusa pelo nome e dá detalhes de seu país ou cultura de origem e características específicas.

O que está escrito nestas páginas é, necessariamente, muito condensado, devido ao formato desta série. Mas, através da meditação constante e devotada em relação à Deusa, você será capaz de provar — ou refutar — esses dados para si mesmo.

Se você encontrar, nestas páginas, algo de que não goste ou não pode aceitar, espero que comece a questionar sua reação mais profundamente, porque talvez seja por aí que você vai começar a construir uma relação sua com a Deusa. Existem coisas como os "antilivros" — é assim que os chamamos — que são textos que chocam, desencadeiam reações e fazem com que você tenha vontade de escrever seu próprio livro. Se for assim, ótimo. Vá em frente e escreva!

Se você não conseguir executar os exercícios práticos apresentados, do modo como sugerimos, procure encontrar seus próprios caminhos ou adapte-os a suas necessidades. É para isto que eles servem. A palavra escrita não tem valor a menos que possa ser transformada em verdadeira experiência.

O espírito da Deusa é completamente inclusivo, compassivo e cheio de verdade. E é nesse estado de espírito que dou as boas-vindas a todos os leitores destas páginas, não importa qual seja seu sexo, raça, idade ou cor.

Uma parte dos direitos autorais recebidos por este livro serão doados, todos os anos, para caridade, como agradecimento à Mãe por ajudar este livro a nascer, após uma gestação de dez anos. Foi um longo trabalho de parto. Agora, peço ao leitor que adote esta criança e cuide dela para que cresça de forma abençoada.

Que Ela esteja com você para onde quer que você vá e o guie ao longo de toda sua vida!

Caitlín Matthews
1º de fevereiro — 27 de março de 1989.

Parte 1

Limpando o terreno

1. A Deusa à sombra da colina

Havia uma velha senhora que vivia à sombra da colina
E, se ela não se foi, ainda mora lá.

Antiga cantiga infantil

O advento de uma nova fase de espiritualidade está à nossa frente, sob a forma da Deusa. Muitas pessoas a estão descobrindo pela primeira vez, embora, para a humanidade em geral, isto não seja nenhuma novidade e sim o ressurgimento de uma deidade que foi, outrora, familiar.

A partir daí, as perguntas começam a surgir: por onde andou a Deusa? Por que seu arquétipo ficou ausente de nossa cultura durante tanto tempo? Estas perguntas são profundas e para elas não existem respostas fáceis. A trajetória histórica espiritual do homem não é planejada do mesmo modo como documentamos a história política ou social; conseqüentemente, as mesmas regras não podem ser aplicadas às duas.

O fato é que a humanidade ocidental ficou sem métodos ou acesso para alcançar o Divino Feminino durante mais de mil anos, exceção feita a formas não muito apreciadas e que passaremos em revista nos capítulos seguintes.

Isso não significa que a Deusa, em seus muitos aspectos, ficou ausente durante todo este tempo, pelo contrário: fomos nós que nos

afastamos dela. A Deusa se mantém, ainda, com todas suas mudanças e transformações, da mesma forma que a velha senhora da cantiga infantil. Ela é a Deusa que fica à sombra da colina, a quem muitos se dirigiram louvando, agradecendo, adorando e, nas horas difíceis, levando a Ela sua dor, angústia e desespero. No entanto, muitas pessoas nunca encontraram a trilha que leva à colina.

Por quê?

Se considerarmos a estrutura religiosa do Ocidente, essa recusa de abrir-se à possibilidade do Divino Feminino torna-se muito clara. A culpa cabe, parcialmente, ao cristianismo e seu casamento com o estado, que fechou e bloqueou os caminhos para alcançar a trilha.

As instituições judaicas, sobre as quais o cristianismo se baseou, e a filosofia helenística, sobre a qual grande parte do cristianismo foi construído, excluíram todos os aspectos do feminino, do divino ao humano, e o consideraram um canal imperfeito. Quando as religiões pagãs foram, efetivamente, afastadas, no ano 408 d.C., o acesso à Deusa tornou-se restrito. Nessa mesma época, foi feita a inclusão da Abençoada Virgem Maria na teologia da Igreja, mas, mesmo assim, ela não era reverenciada por seus próprios méritos, mas por ser a mãe de Deus.

É fácil jogar a culpa no cristianismo, mas não tão fácil produzir um corretivo para o desequilíbrio que foi provocado pela exclusão intencional do Divino Feminino da nossa cultura. Hoje em dia, já é possível falar da Deusa, como uma deidade, por seus próprios méritos, embora ainda haja muitas pessoas que acham esse assunto totalmente inaceitável. Objetam que a Deusa é pagã, idólatra e cheia de abominação. E, para justificar sua rejeição a Ela, citam as Escrituras. A possibilidade de que a influência da Deusa possa ser regenerativa, estimuladora da vida ou benéfica não lhes ocorre.

Para entender o enorme problema que envolve a atitude mental da civilização ocidental, precisamos olhar a situação como se o oposto fosse verdadeiro. Imagine, por um momento, que o curso da história espiritual da humanidade fosse invertido. Agora, imaginemos uma história ficcional, na qual o cristianismo fosse apenas um dos muitos cultos do princípio Divino Masculino existentes. O cristianismo poderia, talvez, ter sido colocado em meio a uma série de cultos, nos quais, diversos aspectos da divindade fossem promovidos, de forma que poderia ter havido uma devoção ao Bom Pastor em um lugar e um culto ao Cristo Crucificado em outro. Cada pessoa teria percebido o Salvador de formas diferentes, embora tudo

fosse levado com muita seriedade em sua adoração. Os fiéis, então, pediriam a seu Deus segundo suas necessidades, rogariam bênçãos para seus filhos, seus campos e também para que Ele os recebesse bondosamente após a morte.

Agora, vamos imaginar que uma sucessão complementar de cultos começasse a se espalhar e que o imperador Juliano (331 a 363 d.C.) — ou Juliano, o Apóstata, como os cristãos o chamavam — fosse imperador naquela época crucial, quando Constantino, o Grande, liderou a grande reorganização da crença espiritual. O imperador Juliano (que poderia ser chamado de o grande, nesta narrativa ficcional) poderia ter estimulado um novo culto, relativo a um aspecto da Deusa. No caso de Juliano, o culto teria sido, sem dúvida, a algum aspecto da Magna Mater, a Grande Mãe, por exemplo, a deusa Cybele. Imaginemos que ele tivesse declarado a adoração a Cybele como religião oficial do Estado, à qual todos deveriam aderir. O que teria acontecido?

Caso isso tivesse ocorrido, não há dúvida alguma de que haveria uma resistência da parte daqueles que cultuavam o Divino Masculino sob a forma de Cristo. Mas vamos também supor que, sob o governo de Juliano, devido à influência de certos filósofos e teólogos respeitados, ocorresse uma repulsa generalizada pelas divindades masculinas e todos os cultos — fossem de divindades masculinas ou femininas — que não estivessem alinhados à adoração de Cybele, devessem ser destruídos. Mas, por ser persistente e devotado, o culto provavelmente teria continuado secretamente e talvez fosse até incorporado, numa forma disfarçada, à nova devoção. Imagine, também, que apenas as sacerdotisas femininas fossem toleradas. Isto teria levado a uma hierarquia de prelados, filósofos e teólogos femininos.

A polarização da divindade num proeminente Divino Feminino e um recessivo Divino Masculino teria, sem sombra de dúvida, deixado suas tristes marcas em nossa cultura. Um culto ao amante sacrificado de Cybele, Attis (a quem não se prestaria honras divinas, mas apenas reverência) teria, talvez, resultado em clausuras masculinas, devotos castrados e, ao fim, seria considerado de menor importância, pela diretriz partidária oficial da deusa.

No entanto, vamos supor que, apesar da oposição e resistência, todo o mundo ocidental manifestasse, ao menos, apoio externo ao Divino Feminino e que a idéia de um ser divino masculino fosse considerada estranha e repugnante. Talvez mais tarde, uma sutil infiltra-

ção do culto de Attis pelos adeptos do culto de Cristo acontecesse, tentando inverter a "história" e afirmando que Deus era masculino.

Este caso extremo e distorcido refletiu, exatamente, o desenvolvimento do cristianismo como influência religiosa. Não estou afirmando que essa seqüência esteve, necessariamente, vinculada numa cultura de adoração da Deusa. Na realidade, as coisas foram, sem dúvida, muito menos extremas e muito melhor equilibradas. Apenas dei o exemplo acima para levá-lo a repensar nossa atual situação, tão difícil.

Para a maioria das pessoas que vive no mundo ocidental do século vinte, um ser como a Deusa não pode ser visto como tendo alguma validade ou autoridade espiritual. Não importa se fomos educados como judeus, cristãos ou sem nenhuma crença, porque todos nós somos influenciados por uma atitude mental comum, da qual é difícil livrar-se.

Mesmo se pudéssemos repensar nossa posição e aceitar o fato de que todos os aspectos do Divino Feminino existem, da mesma forma que as deidades de outras religiões aceitas, ainda teríamos um grande problema. A quem devemos nos dirigir para ter a experiência da Deusa? Não há templos reconhecidos, sacerdócios profissionais ou práticas tradicionais provenientes do tempo em que a Deusa era uma influência espiritual sobre o Ocidente.

Felizmente, é a própria deusa que vem responder. Apesar da imensidão dos problemas, a Velha Senhora à sombra da colina voltou, através de muitos canais, para ajudar o maior número de pessoas a encontrar seu lugar dentro de suas leis naturais.

Ela veio através do feminismo, para lembrar ao mundo que as mulheres têm valor e potencial e que símbolos e imagens femininas têm força.

A Deusa voltou à frente desse movimento como um símbolo significativo do poder das mulheres.

A Deusa foi usada, entre muitos outros aspectos, para ser ponta-de-lança da reforma política, do lesbianismo, dos direitos iguais e de melhores condições sociais. E o que é mais importante: essas reformas e reavaliações foram realizadas com considerável sucesso; e ainda mais, talvez, por causa do fator de choque do movimento feminista.

Ninguém espera que as mulheres se levantem e lutem, mas, quando o fazem, isso é surpreendentemente eficiente.

A passividade feminina e o *laissez-faire* masculino estão se tornando atitudes sociais do passado, neste momento mesmo em que

escrevo, embora ainda tenhamos que esperar algumas centenas de anos até que a consciência mundial das questões femininas esteja plenamente estabelecida.

A Deusa esteve envolvida nessas diversas questões, desde o início dos tempos; só porque estamos, atualmente, vivenciando esta mudança radical em nossa sociedade, não significa que a Deusa esteja limitada à reforma política ou seja uma figura de proa do movimento feminista.

Ela veio, através da psicanálise, para sanar a divisão que havia na psique ocidental entre a cabeça e o coração, a percepção racional e intuitiva. Os analistas estimularam e exploraram, com seus clientes, os mitos, histórias e imagens da Deusa, para ajudar a curar esta ruptura.

A Deusa também veio através das religiões ortodoxas, sob disfarces sutis e agora volta, sem máscara, para sacudir velhas formas e criar movimento a partir de seu interior. As feministas cristãs e mulheres com vocação para o sacerdócio fizeram florescer toda uma nova teologia sobre Deus-Mãe, que terá repercussões interessantes no mundo cristão.

Ela também veio através do mundo da ciência, onde a imagem e o simbolismo da deusa grega da Terra, Gaia, foram aplicados à própria dinâmica viva do planeta. Essa designação simbólica, muito apropriada, foi sugerida por William Golding ao mais importante proponente dessa teoria, o cientista James Lovelock, e teve conseqüências arrasadoras no Ocidente, já que trouxe consciência ecológica a todos os níveis da sociedade. Agora, a "consciência verde" avança.

A humanidade pode sentir com empatia a situação angustiante de Gaia, reação impossível de se manifestar em favor de uma massa inerte de rochas e gases.

Todo esse progresso aconteceu ao longo do século vinte, sobre o qual, na minha opinião, muitas pessoas dirão, no futuro, que foi uma época revolucionária, quando a Deusa estava entre nós. Fico imaginando que espécie de mito contarão sobre o nosso tempo...

Por que você não pára de ler neste momento e escreve uma versão desse mito, fingindo que é uma pessoa que está vivendo daqui a muitas centenas ou milhares de anos? Escreva o texto a partir de sua percepção atual da Deusa, mesmo que ainda não saiba, intelectualmente, que ela é. Se você não sabe como dar partida, comece com a Velha Senhora à sombra da colina mencionada no início deste capítulo — ela o ajudará.

2. A DEDICAÇÃO AOS DEUSES ALIVIA A DOR HUMANA

Una as energias masculina (solar) e feminina (lunar),
Desenvolvendo o método de misturar energias mais altas e mais baixas
Fêmea ajudando o macho e o macho ajudando a fêmea.
Instrução tântrica de lady Yeshe Tsogyel

Deixe-nos imaginar a pura Deidade, privada de forma. Ela não tem sexo nem definições, ela apenas é. Os padrões metafóricos e simbólicos que aplicamos à Deidade são máscaras para nosso conforto, para nossa limitada compreensão humana. O Deus e a Deusa, o Divino Masculino e Feminino são como as mãos esquerda e direita da Deidade (falando metaforicamente, é claro). Isto mostra, imediatamente, como é difícil falar em linguagem neutra, não simbólica. Mas esta é apenas uma das muitas confusões que surgiram em nossa cultura.

De que forma as naturezas dos princípios Divinos masculino e feminino diferem? Se aceitarmos que eles são, ambos, emanações simbólicas da deidade pura, que não têm imagem nem sexo, deixemnos classificá-las sob seus títulos: o Deus e a Deusa. Dentro desta dualidade, a unidade também é entendida: um fato que é, rapidamente, visto em simbologias espirituais em todo o mundo. A imagem usual é a de relações sexuais entre as formas masculina e feminina da Deidade, embora isso raramente seja retratado de forma tão clara na iconografia ocidental. A experiência do êxtase da sexualidade humana continua na simbologia dos deuses, porque é, talvez, a mais comum de todas — na verdade, muitas vezes, a única — experiência de não dualidade.

As religiões orientais foram as que melhor conceitualizaram essa compreensão do simbolismo do Yin e do Yang, onde o ponto preto do Yin aparece no meio-círculo branco do Yang e o ponto branco do Yang aparece no meio-círculo preto do Yin. Hindus e budistas representam Shiva abraçada a Shakti — as emanações masculinas e femininas em verdadeira relação sexual — em tanca (pintura religiosa instrutiva) chamada *yabyum*, como uma mandala para a contemplação sagrada: "Todos os deuses são um deus, todas as deusas são uma deusa e há um iniciador."

Em nossa discussão sobre a Deusa, não podemos ignorar o Divino Masculino, o Deus, que também tem um papel a desempenhar. Os mitos da Deusa raramente falam dela isolada de outras divindades. De forma muito simplista, a natureza primeira de Deus é a do êxtase, enquanto a natureza primeira da Deusa é a do movimento. Da mesma forma como não podemos ficar sempre parados ou sempre em movimento, nossa visão dos deuses não permanece estática nem em permanente mutação.

Uma espécie de "enantiodromia" é vivenciada em nosso mundo — isto é, uma sucessão de opostos complementares, um dos quais permanece recessivo, enquanto o outro é o dominante para uma parte do ciclo; em seguida, as polaridades se invertem. Como o princípio dominante e imutável, ao longo dos últimos dois mil anos foi o de Deus — um período em que tivemos todo o espaço para o êxtase máximo —, agora precisamos de uma forte ênfase na Deusa para sacudir as coisas e nos libertar do imobilismo no qual entramos irracionalmente. Faz parte da natureza da Deusa nunca descansar, mas encontrar os meios mais apropriados e eficientes para criar. A Deusa voltou para destruir um monte de velhas noções que foram, e ainda são, consideradas como úteis em nossa sociedade.

Ao tentar encontrar uma *thealogia* para a Deusa (*thea* vem do grego e se refere à Deusa), vários problemas começaram a surgir, não sendo o menor deles a divisão que existe entre os sexos. As mulheres, como a própria Deusa, tiveram sua potência diminuída ou suprimida. Programas feitos com casais na televisão tentam,

freqüentemente, jogar homens e mulheres uns contra os outros nos testes de aptidão física ou destreza intelectual, embora falhem no momento de estabelecer as pontencialidades secretas de homens e mulheres. A sociedade ocidental é um reflexo desta atitude. As mulheres têm suas próprias forças e aptidões, da mesma forma que os homens, mas a diferença entre essas aptidões não é nem qualitativa nem quantitativa: é complementar.

As aptidões complementares de qualquer espécie são facilmente discernidas até por naturalistas amadores. A natureza adaptativa da humanidade é, também, positivamente óbvia. Vimos que o que se considera como sendo funções naturais de um sexo pode se tornar território do outro sexo. Por exemplo: durante a primeira guerra mundial, as mulheres provaram ser extremamente capazes de dirigir carros, trabalhar na agricultura, mineração e uma extensa variedade de outras atividades que, até aquele momento, tinham sido consideradas adequadas apenas para homens. Aqui, as qualidades complementares e adaptativas da humanidade se manifestaram de forma bastante natural: se há carência de homens, as mulheres devem realizar suas tarefas. A sociedade do século vinte mostrou que as mulheres podem atuar em todas as funções e setores que, há apenas cem anos, eram considerados pesados ou inadequados para elas.

Não há nada mais irritante do que ser catalogado como uma função.

Quando estranhos lhe perguntam "o que é que você faz?" eles normalmente querem dizer: "Em que categoria posso arquivá-lo?" As mulheres foram classificadas sob o título "crianças" e "casa" por um período muito longo e é provável que continuem aparecendo sob este tópico por um período indefinido. Apesar do fato indiscutível de que, como espécie, podemos nos adaptar quase infinitamente, é claro que os homens nunca vão parir crianças, apenas gerá-las. As mulheres, no entanto, são capazes de exercer, também, muitas outras atividades, além da de parir.

Durante o despertar da consciência feminina, na segunda metade do século vinte, os homens foram alvo de agressões crescentes, passando a ser percebidos como patriarcas opressores, carregando a carga total da responsabilidade pela repressão feminina, que foi colocada sobre seus ombros. Alguns homens reagiram sensivelmente a essas acusações e tentaram encontrar meios de desagravo. De repente, ter nascido homem começava a ser visto, em alguns círculos, como o máximo do azar!

Pare, por um momento e pense no que sua vida teria sido se você tivesse nascido num sexo, raça ou espécie diferentes. Se você conseguir empatia bastante para se identificar com um sexo, raça ou espécie de que você, consciente ou inconscientemente, não gosta, verá, imediatamente, que a vida não pode prosseguir ao longo dessas linhas de desequilíbrio e que não se pode esperar que um segmento da sociedade carregue a responsabilidade por dívidas cármicas. Nossa educação dualista nos leva a polarizar tudo em categorias: nós e nossas opiniões são consideradas boas e as de que não gostamos ou discordamos são consideradas más. Quer você veja o feminismo como a mão da Deusa colocando as coisas em equilíbrio ou como montes de mulheres histéricas ficando agitadas a troco de nada, ele produziu, inegavelmente, seu impacto. Devemos, antes de tudo, ser sensíveis e ter consciência uns dos outros como seres humanos, permitindo, assim, que o amor e o respeito entrem em cada relacionamento. Pois esse é o amor que a Deusa traz: ela não despreza parte alguma de sua criação.

Os homens não precisam ir de chapéu na mão para se encontrar com as mulheres ou a Deusa. A única coisa necessária é que eles lhes concedam o devido respeito. Porque os homens têm sua própria relação com a Deusa, da mesma forma que as mulheres. Mas o que parece, até o presente momento, é que as mulheres obtiveram o máximo de prazer pondo-se em contanto com a Deusa e descobrindo como se relacionam com ela. As mulheres têm *workshops* e dias de mistério feminino, seminários de menstruação e piqueniques muito divertidos — tudo muito intenso, ruidoso e dionisíaco. Se as mulheres voltam desses eventos intoxicadas com seu próprio poder, isso deve ser encarado, num certo nível, como o equivalente ao homem voltando do bar, onde ele se divertiu muito com seus companheiros. Essas celebrações de feminilidade não estiveram disponíveis para as mulheres durante muitas centenas de anos, no Ocidente, e, por isso, os homens deveriam pensar em como se sentiriam se fossem submetidos a tanto tempo de opressão!

Por causa do clima criado pelo feminismo, os homens foram dissuadidos de se aprofundar muito na investigação sobre a Deusa, porque ela parecia pertencer, essencialmente, às mulheres. Mas não é esse o caso. O coração da Deusa é um templo e, para atingi-lo, precisamos apenas de nosso próprio coração para nos guiar. Se o desejo o apressa para ir em direção à Deusa, siga seu impulso.

Algumas pessoas parecem imaginar que a mulher se iguala à Deusa. Essa confusão existe há longo tempo, embora isso seja, realmente, uma questão de metáfora.

A maneira pela qual entendemos os deuses é complexa e, ao falarmos deles, usamos uma linguagem simbólica, da imaginação, que, infelizmente, é, com freqüência, mal interpretada e aplicada literalmente.

Por exemplo: a Deusa não é a Terra, embora a Terra possa ser uma imagem muito boa para representá-la.

Por mais que nos agradasse vê-la, a Deusa não é uma pessoa, apesar de podermos visualizá-la em uma de suas muitas imagens antropomórficas.

Os primitivos povos da pré-história fizeram poucas representações pictóricas dos deuses, mas a Deusa é claramente visível como a Mãe, com sua forma fecunda explodindo de vida. Outros ainda a viram como sendo a própria natureza e, por isso, passaram a venerar locais como colinas, correntes e lagos como se eles fossem a Deusa.

Poderíamos dizer que a Deusa é (como) a Terra. Mas logo a alegoria se desfaz e se torna metáfora, que prontamente aceitamos. Neste livro, tentei manter os canais simbólicos de forma muito óbvia, para que permaneçamos alertas às dificuldades trazidas por opiniões inconseqüentes.

A Deusa é, essencialmente, uma via de comunicação espiritual que penetra em nossa alma. Usamos o pronome "ela" para o que é, sensivelmente, uma corrente de sabedoria do Divino Feminino. O fato do pronome e imagens serem femininos não confere poderes, automaticamente, a todas as mulheres, em qualquer lugar, para se tornarem a Deusa ou agir como ela. Pessoas de todos os tipos têm se voltado para a Deusa, pedindo sua ajuda em todos os níveis, desde o início dos tempos. A Deusa não é uma mulher, embora a forma feminina seja uma das muitas roupagens que ela pode escolher usar.

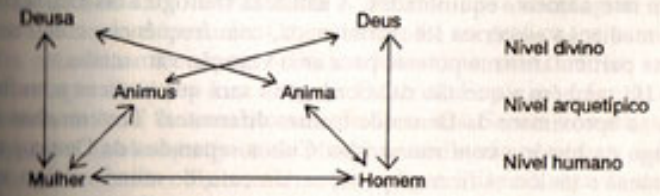
Nossa sociedade confusa e dualista interpretou mal a comunicação com a Deusa, ao mostrá-la como sendo adequada apenas para as mulheres.

Isto mostra uma confusão de níveis e polaridades que devemos experimentar e ir direto ao princípio. A velha armadilha simbólica espera pelos que veneram a Deusa, da mesma maneira que fez com os que veneraram o Divino Masculino: Deus é Deus, não homem; Deusa é Deusa, não mulher.

Em meu livro *The Western Way: The Hermetic Tradition (A Via Ocidental: A Tradição Hermética)*, expliquei o erro de pensar que apenas as mulheres podem fazer a mediação do Divino Feminino e somente os homens podem fazer a mediação do Divino Masculino. Mediação é um termo técnico para a recepção e transmissão de uma energia, neste caso, energia divina. Você provavelmente conhece muitas pessoas que são mediadoras naturais de energias diferentes: isto é, elas estão sintonizadas com os arquétipos que representam suas próprias aptidões inatas. Por exemplo: minha falecida tia era o próprio espírito da sensibilidade e eu costumava pensar sempre nela como mediadora de Iris, a mensageira da deusa Hera, que tinha que assumir, freqüentemente, missões difíceis. Tenho também um amigo que é, de forma muito evidente, o mediador de Minerva, a deusa da sabedoria, embora, para muita gente, ele pareça estar no sexo "errado".

O ensinamento esotérico tradicional sobre este assunto é inequívoco: há divindades e há mediadores. Podemos trabalhar com qualquer pessoa que nos seja adequada. Em grupos esotéricos, que usam, constantemente, formas de deuses em seus rituais, é normal dar a um homem uma forma de deus masculino e a uma mulher a de uma deusa feminina, mas há fortes exceções a essa regra, principalmente quando, em função da aptidão natural ou como exercício de treinamento, um homem é designado, por exemplo, para representar a deusa Hathor ou uma mulher para representar o deus Enlil.

Em última análise, não é a forma que importa, mas a energia ou poder que está sendo mediado. As energias, por sua própria natureza, não têm gênero: amor, força, *insight*, justiça ou proteção são tão adequadas para homens como para mulheres.



As solaridades divinas, arquetípicas e humanas.

Como o gráfico mostra, a maneira pela qual percebemos e mediamos as energias da Deusa e de Deus são simples, ainda que sutis. Cada nível tem sua parceria equilibrada, formando um todo. Deus e

a Deusa formam o nível divino. Mulher e Homem constituem o nível humano, enquanto no meio estão os demônios transpessoais da anima e do animus, formando o nível arquetípico. Peguei as palavras anima e animus emprestadas da psicologia junguiana como termos oportunos para esta explicação. Os gregos chamavam os seres deste nível arquetípico de *daimons*, querendo com isto designar os espíritos que moram em nós, que nos ajudam e inspiram. Um homem tem uma anima, concebida como uma mulher ideal interior. Uma mulher tem um animus, concebido como um homem ideal interior. Essas imagens gêmeas assombram nossa imaginação e, freqüentemente, tornam nossas vidas amorosas incrivelmente tortuosas até que percebemos que esses *daimons* nunca se tornarão realidades físicas. São mensageiros, que se situam entre os domínios divinos e os níveis humanos de nossa experiência.

A dinâmica deste gráfico mostra os relacionamentos complexos que podemos ter com os deuses e uns com os outros. Um homem pode se relacionar com uma mulher no nível físico, com o Divino Masculino no nível espiritual e, através de sua anima, pode se relacionar com a Deusa; ou pode perceber a Deusa de maneira mais sutil através de uma mulher. Uma mulher pode se relacionar fisicamente com um homem, direta e espiritualmente com a Deusa e pode perceber as feições de Deus através de seu animus; ou, na realidade, pelo relacionamento com um homem.

É claro que as patologias esotéricas de homens e mulheres homossexuais são mais variadas e nem todas se adaptam a este modelo heterossexual.

A homossexualidade nunca foi desprezada no interior dos mistérios da Deusa, onde as forças femininas e masculinas sempre estiveram internamente equilibradas. A natureza andrógina ou transsexual da mediação esotérica foi reconhecida, com freqüência, como uma base particularmente potente para uma vocação xamanista.

Há também a questão da abordagem: será que homens e mulheres se aproximam da Deusa de formas diferentes? Testemunhas ao longo da história confirmam isso. Cultos separados da Deusa para homens e mulheres fizeram parte, certamente, do mundo antigo, em diferentes épocas. O culto da deusa romana Bona Dea era administrado pelas Virgens Vestais e freqüentado apenas por mulheres. Esses mistérios eram tão cuidadosamente guardados que ninguém, hoje em dia, tem a menor idéia do que eles realmente envolviam. Em contraste, o culto da deusa Cybele, da Trácia, embora tivesse sacerdotes femininos e masculinos, era caracterizado, tipicamente, por seu sacerdócio extático: os *galloi*, que se castravam em honra da Deusa. Esse culto é o melhor exemplo de como a visão de que "todas as almas são femininas para a Suprema Realidade" tem uma tendência a se manifestar.

Não importa qual o ritual ou atividade de culto público que escolhemos para nos ligarmos, nos dias de hoje, ainda há abordagens distintamente diferentes do Divino Feminino. Como vimos no gráfico anterior, as mulheres têm uma associação direta e familiar com a Deusa; para os homens, a Deusa é mais impressionante e menos acessível de forma imediata. As mulheres têm o apoio do simbolismo mítico, que associa seu ciclo de vida com o das fases da lua e as fases ou aspectos correspondentes da Deusa. Esses aspectos, normalmente definidos como Donzela, Mãe e Velha foram descritos, em linhas gerais, em muitos livros, cursos e *workshops* e, para muitas mulheres, representam a base válida para toda uma teologia, aplicável de forma prática e pessoal.

Esse conhecimento já era comum na época de Pitágoras: "As mulheres dão, a cada estágio sucessivo de sua vida, o mesmo nome que dão a um deus; elas chamam a moça solteira de Donzela *(Kore)*, a moça prometida em casamento a um homem de Noiva *(Nymphe)*, aquela que tem filhos de Mãe *(Meter)* e a que tem filhos de seus filhos de Avó *(Maia)*". Se invertermos esta afirmação descobriremos, é claro, que muitos nomes de deusas derivam do ciclo vital das mulheres. Embora as mulheres possam ter qualquer idade e ainda mediar as diferentes qualidades ou aspectos da Deusa durante cada estágio de seu ciclo de vida.

Os homens, no entanto, não podem, evidentemente, funcionar empiricamente do mesmo modo e, portanto, uma abordagem diferente torna-se necessária. Como esboçado no gráfico, os homens têm uma linha direta com o Divino Masculino, mas também estão em relação dinâmica com a Deusa. O Divino Feminino é focalizado através da lente de aumento ardente da anima. Se um homem pode separar o nível arquetípico do nível humano e não projetar a anima sobre uma mulher física, ele pode se ligar à Deusa através desse caminho.

Nos antigos mistérios, esse conhecimento era plenamente utilizado e o homem iniciado era acasalado com uma sacerdotisa que lhe passava o conhecimento através de todos os níveis. Uma narrativa sobre esse treinamento explica, parcialmente, como ele era feito, nos

romances de Dion Fortune: *The Sea Priestess (A Sacerdotisa do Mar)* e *Moon Magic (Magia da Lua)*. Hoje, um esquema de treinamento desse tipo é virtualmente impossível, não apenas porque não há um número suficiente de sacerdotisas plenamente treinadas, mas também porque os valores morais sofreram uma enorme mudança desde os tempos antigos. O ensinamento esotérico desse aspecto da abordagem é claramente mostrado no ensaio "The Worship of Isis" ("A Adoração de Isis") no livro de Dion Fortune, *Aspects of Occultism (Aspectos do Ocultismo)*.

> Toda mulher é uma sacerdotisa da Deusa. Ela é a forte rainha do mundo subterrâneo, cujos beijos magnetizam e dão vida. No seu interior, ela é toda poderosa, ela é a fertilizadora. Leva o homem a criar, porque sem desejo, a vida não vai adiante.
> O homem não deveria ser potente para sempre, mas repousar latente nos braços de Perséfone, rendendo-se a ela. Então ela, que era escura e fria como o espaço exterior, antes da Palavra criativa, se torna rainha do mundo subterrâneo, coroada pela rendição do homem, e seus beijos se tornam potentes sobre os lábios dele.

A verdade que repousa na essência desse ensinamento é algo difícil de ser aceito por alguns homens, isto é: que a Deusa e suas representantes sacerdotais estão numa posição de poder, que o tempo de ouvir a sabedoria da Deusa e aprender através dela chegou.

Os homens vivenciam a Deusa através do seu lado criativo. Ela torna suas idéias manifestas através da estimulação de sua criatividade adormecida. Há um forte sentido de fluxo e refluxo em relação a essas energias, que dão aos homens uma experiência a respeito da natureza cíclica do período menstrual feminino. Essa espécie de relacionamento raramente é reconhecida pelo que ela é, embora todos os homens possam descobrir e dar as boas-vindas a tal experiência. Apesar de o efeito da Deusa sobre um homem ser menos físico, de forma imediata, do que numa mulher, ele é, todavia, potente.

Na parte 2, apresento um método de abordagem que pode ser praticado tanto por homens quanto por mulheres, sem entrar em conflito com nenhum dos outros métodos existentes, e podendo ser combinado a eles.

3. UM MITO PARA GUIAR A VIDA

> Não pode haver mundo sem direção. Os deuses têm nomes e lugares na bússola. Ao chamar seus nomes, eles vão para seus lugares: suas casas.
>
> Wija, manipulador de fantoches balinês.

O caminho através do qual chegamos aos deuses foi largamente esquecido. Esse é o motivo pelo qual os psicoterapeutas estão tão ocupados, tentando processar e interpretar nossos sonhos fugazes, para que possamos encontrar as forças arquetípicas dos deuses em nossas vidas, muitas vezes confusas e abaladas por doenças.

A análise junguiana mostra como o funcionamento de nossos complexos segue, freqüentemente, um paralelo arquetípico ou mítico. Os analistas que seguiram a orientação de C. G. Jung acharam que sua teoria do inconsciente coletivo era significativa e útil. Essa teoria afirma que todos temos acesso a uma estrutura mais ampla de referências simbólicas, míticas ou arquetípicas, que podem ser fornecidas tanto pela herança genética quanto pela programação cultural. Isto significa, de acordo com Jung, que nossos sonhos e roteiros míticos se harmonizam, freqüentemente, com este nível simbólico do inconsciente coletivo.

Conseqüentemente, a mulher que se encontra num relacionamento limitado, no qual nenhuma luz parece penetrar, pode ser definida

como alguém identificada arquetipicamente com Perséfone, Rainha do Mundo Subterrâneo. Da mesma maneira, o homem que aprecia uma intensa variedade de companhias femininas, sem incluir nesses relacionamentos nenhum senso de responsabilidade, pode estar levando uma vida do tipo da de Zeus. Quando histórias míticas apropriadas são contadas a pessoas que têm esses mesmos desequilíbrios arquetípicos, o problema é identificado e trazido à superfície, onde ele pode ser examinado. Ao menos, essa é a teoria.

Ninguém está insinuando aqui que homens e mulheres são deuses, apenas que eles, às vezes, vivenciam a vida através do foco de uma divindade particular ou de aspectos dessa divindade. Esse é, claro, um modo diferente de encarar a espiritualidade, no qual poderíamos, normalmente, concentrar nossa atenção de forma consciente numa divindade ou num aspecto da divindade e, de acordo com o princípio místico que nos guia, tentar *identificarmo-nos espiritualmente* com ela ou estabelecer alguma espécie de relacionamento com a deidade.

Mas, apesar de tudo, a pergunta permanece no ar: onde vamos encontrar a Deusa? Como podemos — como homens e mulheres adultos — sair por aí tentando descobrir de que forma ela se encaixa em nossas vidas?

A Deusa é como uma história que não acaba nunca e a quem podemos convidar para entrar dentro do círculo de nossas vidas pela simples menção do seu nome. Mas de que forma reagimos à história subseqüente, dos efeitos que ela nos provoca, já é um outro assunto. E onde encontramos essa história?

Poucas tradições do culto à Deusa sobreviveram no Ocidente. Os resíduos de nossa herança neolítica foram para o subsolo e lá ficaram durante dois milênios. O *revival* pagão teve que usar a informação fornecida pela arqueologia, antropologia e erudição lingüística para apresentar os mistérios da Deusa no século vinte. Comunidades da Deusa e grupos no Ocidente, hoje, extraem suas informações de histórias que aparecem em mitologias antigas, folclore, e esquecidas escrituras de religiões arcaicas.

Somos condicionados a pensar no mito, história e escritura como três coisas diferentes. Para muitas pessoas, um "mito" é uma inverdade; para outras, representa escritura redundante; histórias são consideradas apropriadas para crianças, decrépitos ou cegos; enquanto a escritura é suporte e apoio do devoto. Mas, na verdade, o mito, a história e a escritura são formas de textos para se viver.

Muitas pessoas que estão em luta com seus modelos infantis de espiritualidade podem só achar impossível aproximar-se da Deusa mantendo uma atitude cautelosa ou de medo. Talvez tenham ouvido narrativas sobre a Deusa que lhes foram transmitidas através de teólogos e apologistas de outras tradições espirituais "rivais", nas quais o arquétipo feminino total da Deusa é apresentado, para as próprias mulheres, sob uma luz muito pouco favorável. A manipulação política da tradição espiritual deformou, muitas vezes, a história, mito ou texto de salvação, colocando-os longe da verdade. Como isso afeta nossa própria procura por uma história?

Vamos considerar as possibilidades. Há as mitologias sobreviventes do mundo antigo, resíduos de tradições que não são mais objeto de veneração (se daí tirarmos os *revivals* modernos). Há as tradições vivas da Deusa em lugares como a África, Índia e Japão, onde elas permanecem sendo parte da sociedade tribal ou existem sob a proteção de alguma das principais religiões mundiais. Há as histórias e tradições da Deusa que foram reanimadas e retrabalhadas pelas modernas religiões pagãs e feministas. Estas repousam, normalmente, sobre ricas tradições, que são, então, sutilmente reorganizadas para produzir um subtexto que serve de apoio às necessidades daquele grupo. O livro *Ancient Mirrors of Womanhood (Antigos Modelos de Feminilidade)* de Merlin Stone é um bom exemplo de mitologia reescrita para uso das feministas.

Ao encontrar um mito da Deusa para vivê-lo, é importante encontrar também os padrões de julgamento certos. Se escolhemos trabalhar com antigas mitologias da Deusa, não devemos viver em nosso passado ancestral, quer percebamos ou não que ele é um matriarcado dourado, ou numa sociedade igualitária, na qual homens e mulheres viveram juntos, de forma amistosa. Vivemos no século vinte e muita água já passou sob a ponte desde aquela época. Algumas pessoas podem não considerar adequado, por exemplo, invocar a Deusa para torná-las férteis. Em tempos antigos, as crianças mantinham a estrutura tribal, e estas preces eram comuns (e ainda hoje são úteis para casais estéreis). No entanto, numa época em que a superpopulação e métodos eficientes de controle de natalidade mudaram nossa estrutura social, numa época em que as mulheres estão liberadas de partos seguidos, outros níveis de fertilidade devem ser procurados.

Se escolhermos trabalhar dentro da estrutura das religiões da Deusa existentes, como Rita Gross sugere em seu ensaio "Hindu

Female Deities as a Resource" ("Divindades Femininas Hindus como Riqueza") devemos perceber que podem existir problemas culturais e simbólicos que não foram levados em consideração. É preciso muito tempo para ficar, simbolicamente, familiarizados com uma religião cuja base cultural é diferente daquela que a pessoa tem.

Se separarmos os mitos da Deusa reanimados que fazem parte do *revival* do século vinte, podemos ficar em desigualdade com o modo controvertido pelo qual o subtexto pode ter sido escrito; ou então, podemos estar descrentes da autenticidade destas histórias reelaboradas.

Na verdade, há um único critério numa escolha dessas: *será que funciona para você?* Podemos encontrar nosso formato mítico, nossa história, nosso texto salvador a partir de uma associação de todas estas abordagens. Pode ser que leve muito tempo até que isso comece a jorrar para dentro de nossa consciência. Espero que, ao longo deste livro, você comece a encontrar os sinais que o conduzirão a uma senda espiritual ou então encontrar novas abordagens para um velho roteiro mítico.

Devemos ficar em alerta para o fato de que para encontrar nosso mito pessoal da Deusa é necessário um questionamento constante. Talvez uma das primeiras perguntas que surgirá será a seguinte:

"Sobre que autoridade baseamos nosso mito? Essa autoridade é digna de confiança?"

Mas fé e confiança só surgem quando nosso mito escolhido foi testado e provou ser o adequado. Para começar, precisamos agir de acordo com uma premissa básica: devemos nos comportar "como se" o mito fosse digno de confiança. Estas palavras são importantes e nos dão a fé necessária para começar. A questão da autoridade está muito ligada a nossa própria auto-imagem e confiança; se não acreditamos em nós mesmos, não seremos capazes de acreditar em nosso mito pessoal. Tudo isso é, na verdade, algo que se move em círculos!

A lei da Deusa é não haver leis. Encontrar seu mito pessoal é uma questão de saber o que funciona para você e de como reage com habilidosa sabedoria quando seu bom senso é estimulado. Na verdade, algumas pessoas têm uma abordagem muito conservadora e precisam de orientação firmemente estabelecida para prosseguir. Um procedimento como esse tem poucas chances de ser bem-sucedido, porque a Deusa deveria infiltrar-se em nossa vida de forma espontânea. Ela nos dá o espaço para que possamos dizer a nós mesmos:

— É bom fazer isso.

Abrir um espaço para si mesmo, para nele funcionar, é uma questão de liberdade pessoal. De saltar liberto de todas as restrições e limites auto-impostos.

A próxima pergunta a fazer, uma vez que você já começou, deveria ser: "O mito é bastante desafiador?"

Reagimos, instintivamente, aos mitos que refletem, de algum modo, nossa própria condição e é muito fácil escolher um mito que leva a sentirmo-nos bastante à vontade. O mito pode tornar-se, com muita facilidade, uma camisa de força ou uma prisão, a menos que reavaliemos, continuamente, nossa situação, que é mutante. Fugir de um mito que já não tem significado e cuja energia não tem mais a força de nos estimular, para um outro que é dinâmico e desafiador para nosso eu em evolução é muito importante. Uma abordagem sensível a esta transformação do mito pode ser encontrada em *Personal Mythology (Mitologia Pessoal)* de David Feinstein e Stanley Krippner.

4. A SEGUNDA VINDA DA DEUSA

Em sua segunda vinda, a Deusa não se envolverá, necessariamente, com as mesmas atividades que exerceu no passado ou com religiões que a cultuam no momento atual. Ela pode fazê-lo, mas também pode apresentar soluções para problemas completamente novos.

"Divindades Femininas Indianas como Recurso para a Redescoberta Contemporânea da Deusa"

Rita M. Gross

Há muitos problemas reais para os que procuram a sabedoria da Deusa e as soluções não estão ainda disponíveis. Tratando-se de um conceito bastante novo para muita gente, as oportunidades de aprender e treinar com quem tem a experiência da Deusa são poucas. Nesta parte do livro, observaremos, minuciosamente, a espiritualidade da Deusa e tentaremos definir alguns desses problemas.

Há muitas formas através das quais a Deusa está voltando ao nosso mundo, mas cada uma delas depende, com muita urgência de nossa definição a respeito da forma como a visualizamos e que espécie de reação é despertada como resultado dessa visualização. A reestruturação da Deusa entre nós dependerá do que pensamos e sentimos a seu respeito, porque estamos numa importante encruzilhada da compreensão humana frente ao divino.

Se prestarmos atenção à história dos conceitos espirituais, veremos que há duas espécies de expressão espiritual: uma esotérica e outra exotérica. A espiritualidade exotérica representa o denominador comum básico da crença aceita; ela opera com um conjunto de orientações limitadas, muitas vezes estreitas, e imagens. A maior parte das pessoas espiritualmente ativas pratica o lado exotérico de sua crença: elas vão à igreja ou à sinagoga, mas não estão normalmente envolvidas com o lado mais místico da prática espiritual. Elas raramente vão além da prece falada, que pede alguma coisa, e encaram a meditação ou um compromisso espiritual como tarefa para profissionais. Os praticantes exotéricos agem sob o ponto de vista de que estão separados de sua divindade.

A espiritualidade esotérica, por outro lado, representa a compreensão mística da crença; ela opera a partir do interior para o exterior e está familiarizada com todos os níveis de suas imagens e conceitos. Dentro de todas as tradições espirituais, os praticantes esotéricos constituem apenas uma pequena porcentagem dos crentes. Esse grupo inclui místicos que têm profundos *insights*, santos ou pessoas cujas vidas refletem, no mundo cotidiano, a bem-aventurança que jorra de sua fonte espiritual. Para os esotéricos, a distância entre eles mesmos e sua divindade é pequena ou mesmo inexistente.

Estamos assistindo, atualmente, a um infeliz surgimento de fundamentalismo espiritual pelo mundo, o que acaba com a compreensão esotérica e mística da fé e freqüentemente deforma o misticismo para fins políticos. A prática esotérica é também considerada pelos fundamentalistas como coisa de pouco valor e as formas de ação espiritual (quantidade de preces rezadas, de serviços religiosos freqüentados, e assim por diante) são ainda mais rigidamente definidos.

Se você acha que os problemas espirituais do mundo têm pouco a ver com a Deusa, está errado. Uma apreciação mais ampla do Divino Feminino, em suas muitas formas, está surgindo em todos os níveis da vida, e já é possível enxergar, com facilidade, o desenvolvimento que acabamos de descrever. Temos a religião da Deusa, a mística da Deusa, os crentes da Deusa, e também, — que ela nos ajude: — os fundamentalistas da Deusa!

Também está claramente expresso, em algumas abordagens contemporâneas da Deusa, que a imagem do todo poderoso e patriarcal Jeová foi o modelo para uma vingativa Mãe Deusa matriarcal. Embora seja improvável que toda a ordem de poderes da Deusa pudesse, em algum momento, operar através de modelo tão intolerante

como este, é importante ter em mente que as formas, imagens e conceitos que criarmos em relação à Deusa terão um efeito significativo sobre gerações futuras. Depende de nós evitar deixar como herança o pior do legado espiritual que herdamos para nossos filhos. E isto nos leva a um outro problema, com o qual temos que nos defrontar: que estado de espírito possuímos para efetuar a segunda vinda da Deusa? Será nossa estrutura espiritual ampla o suficiente para incluir a Deusa ou esperam que partamos do zero?

Embora nosso condicionamento espiritual possa ser de natureza específica — por exemplo: cristão ou judeu — isto não deveria ser um obstáculo para nosso progresso, porque estamos lutando para jogar fora um conjunto de idéias e assumir outro. Precisamos entender que não é possível fazer uma divisão clara entre as tradições espirituais e também que as marcas espirituais que recebemos em nossa infância não precisam atuar contra nós.

Na minha opinião, os problemas com os quais nos defrontamos durante esse primeiro contato espiritual com a Deusa são, muitas vezes, olhados de cima. Nesse momento crítico, em que procuramos fazer uma revisão de nossa espiritualidade, nossas expectativas são muito altas. Infelizmente, nossos recursos espirituais também são limitados e, sem uma orientação segura, torna-se, muitas vezes impossível prosseguir com alguma confiança. É a mesma coisa que aprender a nadar em águas profundas sem um instrutor. Devemos nos lembrar que é permitido usar bóia de borracha! Embora haja muitas pessoas que aprenderam a nadar jogando-se sozinhas em águas profundas, a maioria destes afundou sem deixar vestígios.

Se você é devoto de verdade de uma religião ortodoxa ou tem o precondicionamento de uma tradição que abandonou, o Divino Feminino — quer você o veja ou não como Deusa — não se exige que você jogue fora nem suas crenças atuais nem seu treinamento espiritual. Para a energia espiritual é mais fácil passar através de canais já existentes do que penetrar numa superfície rochosa, que ainda está no processo de ser minada. Mas a energia espiritual, como a água, logo prepara seus próprios canais e, seja como for que você venere a Deusa, novos caminhos se abrirão.

A disciplina de diversas tradições espirituais fornece um andaime sobre o qual a pessoa que está a procura, aprende a se movimentar de um lado para o outro. Se você nunca removeu o andaime do espaço divino, talvez seja obrigado a demoli-lo, a fim de montar uma nova estrutura. Se, no entanto, confia no interior da imensidão divina, não precisará que eu lhe diga que a Deusa já está com você.

Embora alguns aspectos de outras tradições espirituais possam ser úteis, os modelos monoteístas das religiões ortodoxas não são a melhor base sobre a qual se deve fundamentar uma compreensão da Deusa. Um dos principais problemas que o ocidental que deseja venerar a Deusa enfrenta é o fato de o Ocidente não absorver uma divindade que tem vários aspectos e até permite a existência de um par polarizado, formado pelas Divindades masculina e feminina.

A divindade que tem vários aspectos faz parte da tradição oriental. Vemos suas manifestações no induísmo, por exemplo, onde a própria divindade é formada de três poderes funcionais: Criador, Preservador e Destruidor, nas pessoas de Brahma, Vishnu e Shiva e suas consortes polarizadas, Sarasvati, Lakshmi e Parvati. O próprio Cristianismo Místico mantém traços da divindade que tem muitos aspectos — embora os teólogos dificilmente concordem com esta definição — nas pessoas dos santos. Mesmo a doutrina da Trindade — tendo Deus como Pai, Filho e Espírito Santo — que está colocada no centro da crença cristã, nos dá uma idéia de como a tradição ocidental tentou empalidecer os conhecimentos pagãos mais antigos.

O monoteísmo não é um entendimento que pode ser considerado natural para a humanidade. Mesmo dentro do místico Islã, Alá tem uma centena de nomes e "de acordo com Shah Ni'matullah Wali, os quatro anjos, Gabriel, Micael, Serafiel, Azrael correspondem aos quatro aspectos do nome Alá. As letras que formam o nome de Alá correspondem ao Coração, Intelecto, Espírito e Alma dos místicos".

Como descobrimos anteriormente, a Deusa não pode ser plenamente entendida se for vista como uma imagem específica, porque ela se espalha por toda a criação. Se a abordarmos a partir de um único ponto de vista estaremos à beira de transformá-la numa imagem humana ou de limitá-la a um conjunto particular de símbolos. Apesar de falarmos no Divino Feminino como "a Deusa", o que deveríamos realmente fazer é encontrá-la de muitas maneiras diferentes, através de metáforas espontâneas que surgem em nossa própria experiência e em muitos aspectos conhecidos e desconhecidos.

As expectativas que temos em relação à Deusa derivam, necessariamente, da espécie de estrutura mítica ou história na qual trabalhamos. Não podemos esperar, no entanto, que cada imagem, cada aspecto da Deusa seja igualmente válido para nossa condição

contemporânea. Algumas serão mais úteis do que outras, mas o fato de que há mais do que um conjunto de imagens logo se torna óbvio.

Podemos achar que é difícil nos aproximarmos da Deusa de forma significativa porque simplesmente não sabemos como começar ou porque nunca tivemos nenhuma espécie de treinamento espiritual. As pessoas que seguem a partir dessa base são, talvez, as mais afortunadas, embora também possam se sentir como se fossem aquelas que estão levando a maior desvantagem. Elas não têm modelos anteriores com os quais se harmonizar ou aos quais rejeitar e ainda não aprenderam nenhum método eficaz para alcançar essa habilidade. Espero que a última parte deste livro e os exercícios que se seguem o ajudem a encontrar uma sabedoria prática que seja aplicável e que lhe dê apoio.

Uma das principais questões com as quais nos defrontamos é: "Onde a Deusa se encaixa?" Parece, às vezes, que nos falta qualquer sentido real da Deusa, já que ela não tem uma cosmologia, mitologia ou teologia imediatas. Mesmo assim, vivemos numa época que vai suprir estas deficiências, seja por uma redefinição de modelos antigos ou por meio do simples contato espiritual com a própria Deusa. No entanto, neste momento, devemos encontrar nosso próprio caminho. Embora a crença que temos na Deusa possa parecer o ponto mais importante desse estágio, questionamentos sobre suas origens, natureza, atos, e assim por diante, ainda poderão surgir. Nossa mente pode estar um pouco perturbada com o fato de a Deusa ser uma "coisa nova"; daí, ficarmos imaginando se não estamos aderindo a um conceito que foi reinventado e reinvestido com verdadeiro significado.

Estas preocupações são válidas e são úteis para nos manter alertas para o fato de que a Deusa está reaparecendo em muitas formas novas, usando, com freqüência, pessoas ou movimentos de que não gostamos, a fim de se estabelecer novamente no mundo. No entanto, é preciso lembrar que não foi a Deusa quem nos abandonou, outrora, mas fomos nós que a ignoramos. E este é o ponto mais importante de toda a questão.

Há um provérbio ioruba que diz: "Onde não há gente, não há divindade". O peso e a autoridade que as deidades existentes e as tradições religiosas carregam foi acumulando ao longo de centenas de anos de prática e crença. Vivemos numa época em que a revisão da espiritualidade da Deusa já está acontecendo. Nosso papel é o de

encontrar os métodos mais eficientes para cooperar com ela a fim de estabelecer uma tradição forte e que possa se manter.

Alguns podem indagar, com D. L. Carmody: "Será que a Deusa representa uma regressão intelectual para todos, apesar de tudo que ela pode propiciar em termos de progresso emocional?" As velhas noções dualistas, que vêem a Deusa como volúvel, instável e produto de um mundo pagão corrupto são difíceis de mudar. A única resposta para isto é descobrir em que medida nossa sociedade está querendo mudar. Porque a mudança radical se faz necessária se estamos verdadeiramente com medo de perder nossa superioridade intelectual sobre a criação, o que acontecerá se não favorecermos a compaixão da Deusa.

Em todos esses temores e ansiedades a respeito do erro e orientação espiritual, é importante estabelecer uma regra básica: a principal diretriz da Deusa é, como acontece com todas as formas de deidade, que ela não é boa nem má. A deidade é um poder, uma energia, uma força.

A Deusa pode surgir sob aparências coléricas, que não devem ser consideradas como manifestações de hostilidade. Ela é a semente da verdade que se encontra no interior de tudo e se ela lhe aparecer sob formas desafiadoras, pense nisso mais aprofundadamente e pergunte-se por que aconteceu. Muitos dos que veneram a Deusa sentem um mal-estar em relação a seus aspectos supostamente escuros, porque associam, dualisticamente, *escuro* com *mal*. Mas, para salvar seus filhos de algo perigoso, qualquer mãe ficará aborrecida, gritará ou berrará, o que não significa que ela, por isso, ame menos seu filho.

A antiga concepção dualista da Deusa como sendo cruel e inconstante deve ser vista pelo que ela é: um reflexo de nosso lado sombrio, uma terrível polarização da responsabilidade social em função da qual as mulheres foram discriminadas como sexo. Já a imagem inversa da Deusa, como sendo totalmente doce e luminosa, é um modelo duvidoso, sobre o qual nada podemos construir. A Deusa tem força dinâmica e a sabedoria que transforma e também uma compaixão envolvente.

A Deusa está colocada no centro da vida, morte e existência pós-morte e assumirá as formas que forem as mais adequadas em sua relação com nosso mundo. Se estiver preparado para descobrir estas formas, você se tornará um instrumento de sua segunda vinda, um mediador de compaixão, ambas as coisas em seu próprio ciclo de tempo e dos que esperam nascer de seu útero.

PARTE 2

VISUALIZANDO O TEMPLO

5. A CONSTELAÇÃO INTERIOR

"Aqueles que invocam Isis com fé afirmam que a contemplam em suas múltiplas epifanias."

Litania Oxyrhynchus

Nesta parte do livro, começaremos a esboçar a forma da Deusa, invocando nossos poderes mentais e visuais para que nos ajudem a compreender o incompreensível. Ao usar qualquer imagem, hieróglifo ou diagrama para descrever a Deusa, estamos usando o que é pouco mais do que um apoio que nos ajuda a prosseguir até que possamos andar com nossos próprios pés pela luz da morada da sabedoria. Até que isso brote de nosso interior, observe o que se segue como uma cosmologia teórica da Deusa, um modelo de trabalho, nada mais.

A Deusa é composta de muitos aspectos: ela é multifacetada como uma jóia. Suas manifestações são tão variadas que não há linguagem ou simbologia universal que possa revestir, adequadamente, seu poder. Vamos tentar encontrar uma linguagem comum nesta parte, de forma que, independente de mitologia, condicionamento cultural, educação ou falta dela, a Deusa brilhará sua luz justa sobre nós todos.

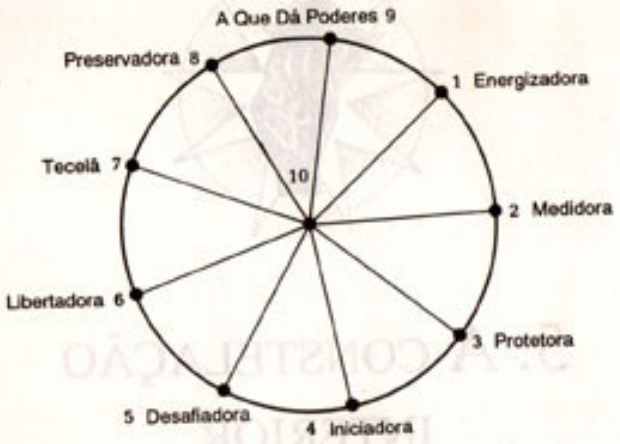


Fig 1. *A Criadora de Tudo (Nº 10) e seus aspectos de nove partes*

Visualize, bem acima de você, uma distante fonte de luz que brilha como uma grande estrela na escuridão. Enquanto brilha acima de você, a estrela parece rodopiar, enviando uma roda de Santa Catarina de centelhas. É como se a estrela tivesse enviado nove satélites dela mesma ao céu noturno, que está todo disposto abaixo da estrela central, mas milhões de quilômetros acima de sua cabeça.

Sinta a intensidade da luz que a estrela e sua constelação de satélites irradiam sobre você. Você está agora vivenciando a plena iluminação da Deusa numa imagem visualizada, porque a estrela central é a Deusa, a Criadora de Tudo, a que deu origem a todas as coisas. E a constelação de nove partes brilhando abaixo da estrela são seus Aspectos de Nove Partes.

Imagine que você está olhando diretamente para cima, para a forma que isso produz (ver figura 1).

A estrela que é a Criadora de Tudo tem nove aspectos, possuindo cada um deles uma função. Colocado de forma muito simples, eles funcionam da seguinte maneira:

1) **A ENERGIZADORA** faz com que as coisas se movam;
2) **A MEDIDORA** define os limites;
3) **A PROTETORA** protege estes limites;

4) **A INICIADORA** aprofunda a experiência, recriando as coisas;
5) **A DESAFIADORA** faz oposição e questiona, a fim de que as coisas cresçam, mas também destrói o que é velho e fora de moda;
6) **A LIBERTADORA** traz libertação;
7) **A TECELÃ** faz uniões;
8) **A PRESERVADORA** alimenta e nutre;
9) **A QUE DÁ PODER** traz sabedoria.

Para que tenhamos uma noção do modo pelo qual essa multiplicidade ocorre, enumerei abaixo os muitos aspectos de Maria, a Abençoada Virgem. Embora algumas pessoas possam considerar isso um tanto blasfemo ou inadequado para um estudo sobre a Deusa, Maria é uma forma válida, na qual o Divino Feminino aparece continuamente, desde que a Deusa deixou de ser oficialmente venerada no Ocidente, e isso torna Maria um laço valioso com nossa herança. Mesmo se uma pessoa não é cristã, estes aspectos de Maria são, de forma suficiente, parte da tradição viva do Ocidente, permitindo, deste modo, que a maioria dos leitores entenda o que foi dito.

Maria e a Deusa egípcia Isis estão ligadas por laços humanos de história e circunstâncias, alguns dos quais iremos descobrindo na medida em que penetrarmos no Templo da Sabedoria. Ambos são úteis para nós, porque retratam a série completa de aspectos com que encontraremos nas páginas que se seguem. Pelo fato das duas serem bastante conhecidas e formas estabelecidas do Divino Feminino (independente da visão cristã oficial), mostram-nos um modelo coerente.

OS ASPECTOS DE MARIA, A VIRGEM ABENÇOADA

A CRIADORA DE TUDO: Dentro da tradição medieval há muitas esculturas que representam a Abençoada Virgem como se fosse uma estátua de madeira, com a parte anterior do corpo abrindo-se, como se fossem portas, para revelar a Trindade que há dentro dela, de forma que Deus Pai, Filho e Espírito Santo pareçam ter se originado de sua essência.

A ENERGIZADORA: Nas bodas de Canaã, Maria é a responsável pela manifestação do primeiro ministério público de seu filho. Ela

chama sua atenção para o fato do vinho ter acabado e lhe pede que realize o milagre de transformar água em vinho.

A MEDIDORA: De acordo com o *Proto-Evangelho* não-canônico, Maria e suas companheiras são escolhidas para tecer o novo véu do templo. Muitos tecidos são urdidos, mas ela escolhe um que é vermelho e púrpura — as cores reais — indicadoras de seu destino.

A PROTETORA: A representação mais comum de Maria como Protetora está em seu título, de *Mater Misericordia,* que a mostra segurando seu manto, sob o qual se abrigam seus suplicantes. Ela também se apresenta como Protetora na fuga do Egito, quando foge com seu filho Jesus e São José dos soldados de Herodes.

A INICIADORA: Na qualidade de Virgem da Natividade, Maria se apresenta como a Iniciadora, pois concede a Jesus sua própria mortalidade, e lhe ensina seus caminhos, a fim de fazer cumprir-se a Redenção.

A DESAFIADORA: Uma canção folclórica pouco conhecida, *The Bitter Withy* (A corda de vime cortante), extraída da tradição gnóstica, conta como Jesus foi escarnecido pelos filhos de homens ricos, por causa de seu nascimento humilde, numa manjedoura. Em represália, ele demonstrou suas aptidões superiores, construindo uma ponte de luz solar, sobre a qual as crianças corriam e depois se afogavam. A conseqüência deste ato de Jesus foi o seguinte:

A meiga Maria trouxe seu filho para casa
E o colocou sobre seu joelho.
E com um feixe resistente, feito de ramos verdes,
Ela lhe deu três chicotadas.

Esta face impopular de Maria também está presente em suas muitas aparições ao longo dos últimos cem anos. Nestas aparições, ela repreende os pecadores e os exorta a serem pessoas melhores.

A LIBERTADORA: Embora a doutrina que coloca Maria como Co-Redentora tenha sido longamente discutida, ela nunca foi, oficialmente, ratificada pela Igreja. Como Virgem da Anunciação, Maria concorda em ser mãe de Jesus — uma atitude que é vista como redentora — pelo bem de toda a humanidade.

A TECELÃ: Há muitas lendas apócrifas nas quais Maria é apresentada como sendo possuidora de poderes mágicos. O aspecto da Tecelã está bem representado através das muitas estátuas da Virgem Negra que existem pelo mundo e que, se supõe, estejam realizando milagres.

A PRESERVADORA: Maria mantém e nutre a ordem natural. Os muitos santuários dedicados a ela, como o de Lurdes, são testemunhas de que seu papel de Preservadora continua.

A QUE DÁ PODERES: Como Virgem do Apocalipse, Maria é representada como sendo revestida de sol e tendo a lua sob seus pés. Ela é apresentada como a grande figura que dá poderes, cuja sabedoria é o presente que oferece tanto a seus filhos quanto a todos os seres vivos. Similarmente, na crença hindu, encontramos o conceito de Dasha-Mahavidyas, ou as Dez Grandes Sabedorias, que correspondem, igualmente, aos aspectos da Deusa. Elas aparecem sob a forma de dez aspectos coléricos ou terríveis e os ocidentais não estão acostumados a apreciar essas formas como positivas ou benéficas.

AS DEZ GRANDES SABEDORIAS (DASHA-MAHAVIDYAS)

A CRIADORA DE TUDO: Bhunaneshvari, aquela que nutre e sustenta toda a vida. Ela é mostrada como uma mulher sorridente, com seios que vertem leite e carregando um aguilhão e um laço.

A ENERGIZADORA: Matangi, a que tem o poder de dominar e que pode disseminar o mal. Ela é descrita como uma mulher negra, cujos olhos giram de embriaguez.

A MEDIDORA: Kali, a que tem poder sobre o tempo. É mostrada nua, com uma cabeça cortada e um cutelo de açougueiro, usando uma guirlanda de cabeças cortadas.

A PROTETORA: Bagala, a que destrói formas negativas. Ela é apresentada com cabeça de garça, empunhando um bastão e arrancando a língua de seus inimigos.

A INICIADORA: Chinnamasta, a que representa o fim da existência é, ao mesmo tempo, aquela que distribui energia vital para todos. Ela é apresentada de pé, sobre um casal que está tendo relações

sexuais, degolando a si mesma e alimentando seus seguidores com seu próprio sangue.

A DESAFIADORA: Dhumavati, a que é o poder da escuridão ou inércia e é quem dá poder sobre estes elementos. É representada como uma viúva, emaciada, feia e brigona, com um leque abanando na mão.

A LIBERTADORA: Tara, a que é a porta de entrada para a recriação. Ela é visualizada vestindo uma pele de tigre, com um colar de caveiras, de pé sobre uma pira funerária. Ela está grávida.

A TECELÃ: Bhairavi, a que é o poder ativo de destruição. Ela tem a tez avermelhada, carrega um rosário e um livro com duas de suas mãos e faz gestos de doação com as outras duas. Seus seios estão manchados de sangue.

A PRESERVADORA: Sodashi, a que aperfeiçoa. Ela é apresentada como uma mulher casadoira, deitada de bruços, de forma escarranchada sobre o corpo de Shiva e tendo relações sexuais com ele. O casal está sobre um pedestal composto pelos deuses Brahma, Bishnu, Rudra e Indra.

A QUE DÁ PODERES: Kamala, a que é o estado de unidade restaurada. Ela é apresentada como uma mulher bonita, sentada sobre um lotus.

Estes aspectos focalizam as mais amplas funções da Deusa. De acordo com nossa principal diretriz, não temos que achar que as qualidades destes aspectos são boas ou más — elas simplesmente são assim. Examinaremos cada um desses aspectos através do espectro da mitologia mundial e tradição espiritual em maiores detalhes na medida em que esta parte do livro for se desenvolvendo.

6. O TEMPLO DA SABEDORIA

Vamos voltar à nossa visualização. Quando você olha para a estrela central e sua constelação de nove partes, observa que há certas relações entre alguns de seus satélites. Esses relacionamentos são triádicos, formando três triângulos equiláteros que têm muito poder e influência. Veremos, posteriormente, que cada uma destas tríades produz um gênero de ação complexa:

A Tríade Transformadora:	transforma o que a Criadora de Tudo fez.
A Tríade Dinâmica:	energiza e explora esta criação.
A Tríade Abrangente:	delimita, define e equilibra esta criação.

A Tríade Transformadora

A Tríade Transformadora é composta dos seguintes aspectos: aspecto 9: A que dá poderes; aspecto 3: A Protetora e aspecto 6: A Libertadora.

As Transformadoras produzem mudança, muitas vezes de forma dramática. As grandes revoluções que acontecem em nossas vidas são regidas por elas, porque trazem liberação. Elas são caracterizadas por sua força, fortitude e visão inalterável. Estas Tríades

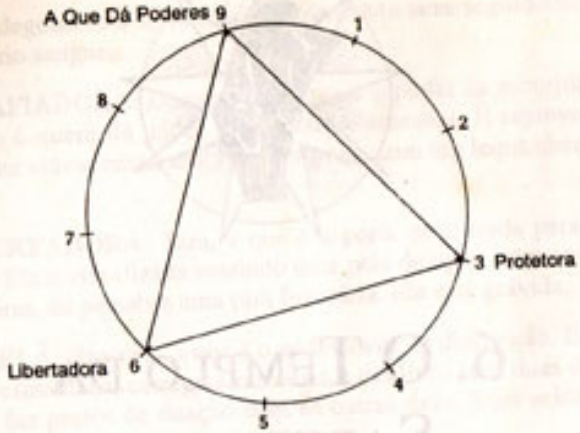


Fig. 2 *A Tríade Transformadora*

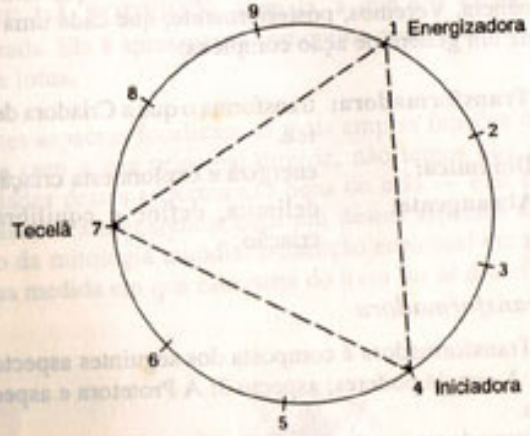


Fig. 3 *A Tríade Dinâmica*

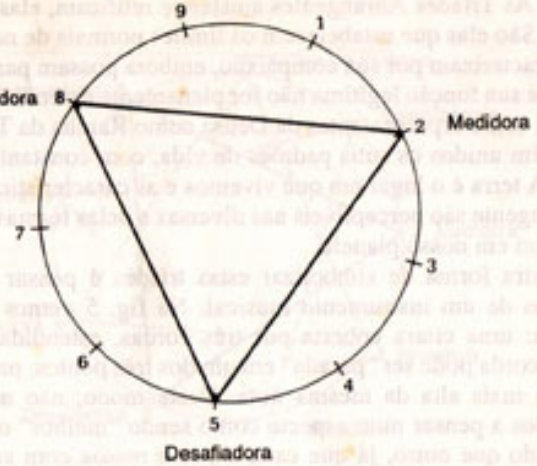


Fig. 4 *A Tríade Abrangente*

Transformadoras podem ser vistas como representantes da Deusa como Rainha do céu, porque elas nos colocam em contato com a dimensão supranormal de nosso ciclo de vida, mostrando como cada nível de experiência pode ser transformado.

A Tríade Dinâmica

A Tríade Dinâmica é composta dos seguintes aspectos: aspecto 1: A Energizadora, aspecto 4: A Iniciadora e aspecto 7: A Tecelã.

As Dinâmicas são estimulantes e cada uma age como uma porta de entrada que nos ajuda a ir de uma experiência para outra. São caracterizadas por sua energia, movimento e capacidade de mudar de forma e podem ser vistas como representantes da Deusa como Rainha do Mundo Subterrâneo, pois nos põem diretamente em contato com os antigos poderes de sabedoria ancestral. Dentro da tradição esotérica, o Mundo Subterrâneo não é semelhante ao inferno como lugar de sofrimento, mas uma dimensão do poder primeiro, o verdadeiro dínamo da própria vida.

A Tríade Abrangente

A Tríade Abrangente é composta dos seguintes aspectos: aspecto 2: A Medidora, aspecto 5: A Desafiadora e aspecto 8: A Preserva-

dora. As Tríades Abrangentes ajustam e retificam, elas governam a vida. São elas que estabelecem os limites normais de nossas vidas e se caracterizam por sua compaixão, embora possam parecer restritivas, se sua função legítima não for plenamente entendida. Podem ser vistas como representantes da Deusa como Rainha da Terra, porque mantém unidos os sutis padrões de vida, com constante concentração. A terra é o lugar em que vivemos e as características da Tríade Abrangente são perceptíveis nas diversas e belas formas de vida que existem em nosso planeta.

Outra forma de simbolizar estas tríades é pensar nelas como oitavas de um instrumento musical. Na fig. 5 vemos a Cítara da Deusa: uma cítara coberta por três cordas, estendidas sobre ela. Cada corda pode ser "parada" em um dos três pontos, para criar uma oitava mais alta da mesma nota. Deste modo, não nos sentimos tentados a pensar num aspecto como sendo "melhor" ou mais evoluído do que outro, já que cada aspecto ressoa com suas próprias notas paradas e também se harmoniza com outras cordas. A corda **A** pertence à tríade que representa a Rainha do Céu; a corda **B** pertence à tríade que representa a Rainha da Terra; a corda **C** pertence à tríade que representa a Rainha do Mundo Subterrâneo.

As triplicidades e permutações de nove partes derivadas destes aspectos são muito mais sutis do que divisões arbitrárias da Deusa em fases da lua triplas ou como reflexos do ciclo de vida feminino: Donzela, Mãe e Velha. Não que essas definições sejam

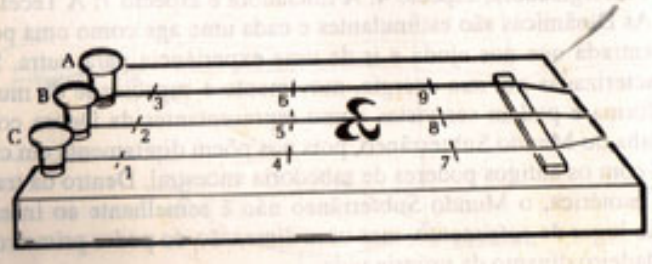


Fig. 5 *A Cítara da Deusa*

Fig. 6 *A inter-relação entre as tríades Transformadora, Dinâmica e Abrangente*

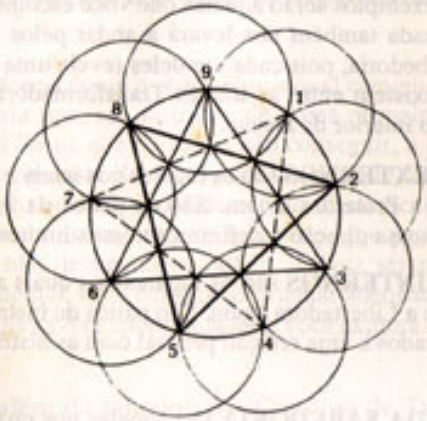


Fig. 7 *O Templo da Sabedoria completo*

inválidas, na medida em que *cada um* dos triplos aspectos da Deusa contém elementos de novena.

Esta novena de aspectos é infinitamente adaptável, porque é baseada no nove, número que permite diversas adaptações e, ainda assim, essencialmente imutável. Por mais que alguém escolha combinar múltiplos de nove — por exemplo: 54, 72, 109 — as combinações sempre chegam a nove. Estudaremos estas tríades inter-relacionadas em mais detalhes na Parte 3.

Depois, visualize os três conjuntos de tríades interligados para criar uma poderosa novena de aspectos.

A seguir, visualize a estrela central da Criadora de Tudo, jogando um grande facho de luz sobre o chão em que pisa. Você ficará de pé num círculo de luz cristalina. Agora, do centro de cada aspecto da constelação de nove partes, observe os raios de luz que caem sobre o chão para criar nove círculos luminosos sobrepostos. Estes também se sobrepõem ao círculo de luz que emana da Criadora de Tudo.

Cada um desses aspectos constitui o corpo da Deusa sobre a terra, sob a forma de Templo da Sabedoria. Na medida em que formos avançando nas páginas seguintes, nos tornaremos conscientes de sua influência especial sobre nós, embora seja necessário lembrarmos que a mesma Deusa tem mais papéis a desempenhar, que há muitos outros exemplos que podem ser usados, tal como o das funções da Deusa Afrodite em cada um dos diferentes aspectos. Os melhores exemplos serão aqueles que você escolheu e entendeu.

Nossa jornada também nos levará a andar pelos três pátios do Templo da Sabedoria, pois cada um deles revela uma síntese e cooperação que existem entre as tríades Transformadora, Dinâmica e Abrangente no interior da Deusa.

OS PÁTIOS EXTERNOS são os lugares nos quais a Energizadora, a Medidora e a Protetora atuam. São os pátios da iniciação, onde encontramos nossa direção e definimos nossos limites.

OS PÁTIOS INTERNOS são os lugares nos quais a Iniciadora, a Desafiadora, e a Libertadora agem. São pátios de instrução e é neles que somos levados a uma relação pessoal com as histórias salvíficas da Deusa.

OS PÁTIOS DA SABEDORIA são aqueles nos quais a Tecelã, a Preservadora e a Que Dá Poderes agem. São os pátios da descoberta e da sabedoria prática.

Esses pátios não são ordenados de forma hierárquica; um não está em nível mais alto, melhor, ou mais avançado do que os outros. Sua jornada através do Templo da Sabedoria pode começar por qualquer lugar, contanto que você alcance primeiro a Criadora de Tudo, a quem o templo é dedicado. Para atender aos objetivos de nossa primeira visita ao Templo, vamos passar por cada um desses três pátios em seqüência.

Fig. 8 *As antecâmaras no interior do Templo da Sabedoria*

Da mesma forma como o chão sobre o qual caminhamos, o Templo da Sabedoria traz, em si, traços de nossa primeira mãe, e isso acontece de tal forma que podemos não conseguir, a princípio, nenhuma perspectiva sobre ele. Você pode visualizá-lo como uma construção circular, na qual um aposento conduz diretamente a outro. Há, também, outras conexões, entre os aposentos, que você pode perceber, mas elas não devem incomodá-lo. Talvez sejam necessárias várias visitas até que você consiga se orientar adequadamente. Não se preocupe, pois haverá oportunidade de você explorá-lo mais tarde.

A sabedoria além da sabedoria: a Criadora de Tudo

O pequeno espaço que se esconde no interior do coração é tão grande quanto este vasto universo. Os céus e a terra estão lá e

também o sol, a lua e as estrelas; o fogo, o relâmpago e os ventos estão lá: e também tudo que existe agora e o que não existe.

Os Upanishads

Em todos os lugares nos quais a Deusa se manifestou, foi venerada sob uma multiplicidade de aspectos. Todas as tradições vivas que existem acerca do Divino Feminino reconhecem que ela é uma e muitas. Esse é o motivo pelo qual este livro não recebeu o título de *Elementos das Deusas,* pois o moderno conhecimento que existe no ocidente sobre a Deusa entende que o princípio do Divino Feminino se origina de uma fonte central.

Examinaremos, ao longo deste livro, mitos que pertencem a muitas das tradições do mundo que reverenciaram a Deusa. Ao fazê-lo, devemos ficar atentos a essas tradições, já que é muito fácil revirar a mitologia e as religiões que existem para criar "provas" que fundamentem um argumento sustentado por alguém. Não é, sem dúvida, conveniente apenas reescrever a história, unindo tradições desiguais, a fim de restaurar a figura da Deusa. Isso é enganador e desrespeitoso em relação à complexa teia que a Deusa teceu e, se assumirmos essa postura, é como se estivéssemos nos opondo a alguma parte de uma ampla tapeçaria e começássemos a desmanchá-la e a tecê-la novamente, visando apenas nosso próprio modo de olhar para as coisas, independente da visão do artista.

A Deusa tece sua tapeçaria numa escala tão ampla que ninguém consegue distinguir o modelo em sua totalidade. Um dos principais desafios que existem para uma pessoa que deseja encontrar a Deusa é o da perspectiva através da qual vê. Como vamos encará-la?

Visualize, de novo, a imagem da estrela bem distante. Para sua percepção ela é, talvez, quase insignificante, se comparada à imensidão do espaço de onde parece pender. Pensar nessa estrela-jóia como sendo o coração da Deusa, e o espaço que a circunda como a imensidão de sua natureza, fará com que você comece a compreender o quanto ela é enorme! Antes que a essência da jóia possa refratar quaisquer imagens, através das quais possamos nos familiarizar com ela, deve ser reconhecida, como a Criadora de Tudo.

No início da era dos deuses, a existência nasceu da não existência. Depois disto, os quadrantes do céu nasceram da Deusa, que se agachou de pernas abertas.

Essa é a descrição da deusa Hindu Aditi que, vista como espaço primordial, é tanto infinita quanto transcendente.

A terra está pendurada no espaço da mesma forma que uma criança no líquido amniótico uterino. Tal é a concepção hindu a respeito do espaço primordial que, da mesma forma que a deusa Surabhi, a vaca cósmica do espaço, fornece um oceano de leite que os deuses agitam, para oferecer três tipos de alimentos: leite para o consumo humano, manteiga para uso ritual e a ambrosia dos deuses.

O santo bengalês do século dezenove, Ramakrishna, tinha sua própria visão desse mistério. Ele viu, saindo do rio Ganges, uma bela mulher grávida, que deu à luz quando pisou em terra firme. Ela amamentou seu bebê: Em seguida, num espaço mínimo de tempo, a bela mulher se transformou numa terrível feiticeira, que enfiou a criança na boca e a engoliu. Depois, retornou ao rio e desapareceu.

Essa imagem assustadora mostra, claramente, as ações criativas e catabólicas da Deusa. Da mesma forma que a Criadora de Tudo dá vida a tudo que existe, ela reassimila este todo; mas isso não é feito de forma descuidada, e sim de acordo com as leis naturais, porque ela tanto doa quanto toma.

Uma das imagens mais comuns que se tem da Deusa é a da própria Terra. Assim, vamos começar falando de nosso próprio planeta, nossa casa e, de muitas formas, nosso provedor. Constam da mitologia de várias culturas histórias sobre como a Deusa formou o solo e o céu também a partir de seu próprio corpo. Essas histórias são tão numerosas que formam, virtualmente sozinhas, uma mitologia da criação.

A criação raramente é tranqüila e fácil. Todos nos lembramos, em algum nível do inconsciente, da angústia provocada pela jornada através do útero. A mesma luta que travamos para nascer, saindo da caverna do corpo materno, é refletida na caótica convulsão geológica da crosta terrestre, cujos vestígios encontramos espalhados por todo o mundo. As montanhas gêmeas de Paps de Anu em Kerry, Irlanda, são apenas um exemplo da forma como celebramos a Deusa em forma de paisagem.

Na criação épica babilônica, Tiamat e Apsu são o casal primordial que forma o mundo. Tiamat é a deusa das águas amargas, enquanto seu marido é o abismo das águas doces. Numa história que se coloca, de forma paralela, intimamente articulada ao mito Grego Gaia/Cronos, os deuses recém-formados, paridos por Tiamat, se rebelam e, comandados por Marduk, matam seu pai. Em suas tentativas para matar Marduk, Tiamat dá à luz onze monstros — seme-

lhantes, em natureza, aos Titãs Gregos. Mas Marduk assassina sua mãe, cortando seu corpo em dois. Assim, ela forma a matriz do céu e da terra. Sua respiração se transforma em nuvens e sua umidade, nos rios Tigre e Eufrates.

Cipactli (ou Tlaltecutli), a deusa mexicana, foi concebida, originalmente, como um crocodilo monstruoso, que nadava no espaço. Tudo que significava vida estava contido dentro dela, mas nada podia vir à luz até que a Deusa fizesse a oferta do seu próprio corpo. Então, as deusas serpentes a rasgaram em pedaços e a parte inferior do seu corpo transformou-se em terra, enquanto a parte superior transformou-se em céu. "De seu cabelo foram feitas as árvores, flores e grama; de sua pele, ervas muito refinadas e flores minúsculas; de seus olhos, fontes e pequenas grutas; de sua boca, rios e grandes grutas; de seu nariz, vales e montanhas; de seus ombros, montanhas."

Seu mito foi transmitido aos astecas que reencenaram o sacrifício de Cipactli quase literalmente, oferecendo seus corpos vivos, que foram dilacerados nos altares da Deusa.

A Criadora de Tudo também criou a humanidade. No mito grego, Deucalião e Pirra formavam o único casal digno de sobreviver ao dilúvio enviado por Zeus para destruir a humanidade. O casal, além de ser velho demais para ter filhos, percebeu também que eram, os dois, os últimos seres humanos vivos. Desesperados, rezaram, pedindo à deusa Temis que os ajudasse. E ela respondeu:

— Saiam de meu templo, cubram a cabeça, afrouxem o cinto de suas roupas e joguem para trás os ossos de sua avó. Confusos com o que tinham ouvido, eles finalmente acharam que deviam jogar pedras para trás. Assim, cada pedra atirada por Deucalião transformou-se num homem, enquanto cada pedra jogada por Pirra transformou-se numa mulher. Desta forma, a Terra foi, novamente, povoada.

Os romanos faziam seus juramentos mais sagrados por "Tellus Mater", pois a terra era testemunha de tudo e defenderia o que fosse certo em todas as situações.

A veneração oriental do *yoni* (os órgãos genitais femininos) pode ser vista sob um ângulo semelhante. Pois, ao mesmo tempo em que o yoni é louvado como área sagrada, ponto de transmissão de forças sutis, porta de entrada para mistérios cósmicos, ele é também o portão de entrada para a realidade da existência terrena. Nem a terra nem os órgãos genitais da Deusa podem jamais mentir.

As representações que se fazem da Deusa na Europa do norte como uma *sheila na gig* (nome irlandês que a deusa assume e que significa "a mãe que dá e que toma") são apresentadas, habitualmente, como uma bruxa com os genitais salientemente exibidos, como se estivessem fazendo um convite. Essas imagens representam as pedras de toque do verdadeiro testemunho, pois era costume tocar a vulva dessas estátuas, enquanto se invocava a Criadora de Tudo com veneração e humilde reconhecimento da origem comum de todos.

Oráculos proféticos foram emitidos das cavernas do interior da terra, com as sacerdotisas infernais representando a própria voz da Mãe Terra. A soberania da terra é de tal ordem que poucas culturas deixaram de ter uma deusa da terra.

Essas histórias revelam um aspecto importante da Deusa, que cria vida a partir de seu próprio corpo ou, se isso não for o suficiente, se divide em pedaços, a fim de criar. A Criadora de Tudo desvenda os mistérios da Deusa: ela contém o espaço, o tempo e a criação. A Criadora de Tudo pede que façamos uma reflexão sobre o momento em que sentimos a compulsão criadora emergindo de dentro de nós. As dores do parto que a Deusa sentiu para criar o mundo ecoam em nossa própria luta criativa para dar à luz. E o resultado será insignificante, a não ser que estejamos dispostos a nos deixar partir em pedaços pelo esforço feito. Todos os artistas falam desse terrível processo de emergência, no qual a personalidade se despedaça a fim de abrir espaço para uma presença maior. Esta é a ação da Criadora de Tudo.

É preciso deixarmos de lado a tentativa de manter o controle sobre nossas vidas, de fazer esforços inúteis para fazer com que a vida ande pacificamente ao longo de caminhos que estão velhos, batidos. Caso contrário, estaremos vulneráveis ao surgimento de doenças sérias. E a menos que estejamos dispostos a nos deixar dilacerar, a abandonar os velhos padrões, acabaremos nos encontrando num momento e lugar em que nos destruiremos, porque não tivemos a coragem necessária para ir em direção à amplidão, saindo da estreita mesquinhez de nossos próprios limites.

Entrar em contato com a imensidão do espaço nos dá a compreensão da Criadora de Tudo. Pois sem essa experiência primeira, jamais chegaremos a perceber o coração da Deusa como um cristal que tem nove portões, em cujo centro ela pode ser encontrada.

Os Pátios Externos

Primeira sabedoria: A Energizadora

Ó filhas de Isis, adorem a deusa, e, em seu nome, dêem o brado que desperta e alegra. Se o fizerem, vocês serão abençoadas pela deusa e viverão em plenitude.

A adoração de Isis
Dion Fortune

A primeira iluminação que se encontra no Templo da Sabedoria é a da Energizadora. A Criadora de Tudo é aquela que deu vida a tudo, abrangendo toda a criação em seu interior, enquanto a Energizadora faz com que a vida se mova. Seu movimento eterno é o ritmo da dança, motivo pelo qual um dos símbolos encontrados sobre essa porta é o do tambor.

No budismo tibetano, os dakinis direcionais exibem esta função. *Dakini* significa "mulher que vai para o céu" ou "dançarina celeste". Cada um dos quatro dakinis ou *khandos*, como eles são chamados, no idioma tibetano, mostram as energias que se movem, pertencentes a cada um dos elementos direcionais:

DIREÇÃO	NOME SÂNSCRITO	NOME TIBETANO	QUALIDADE MEDIADA POR CADA UMA DAS DEUSAS
Este	Dhatisvari	Dorje	Sabedoria cristalina
Sul	Mamaki	Rinchen	Sabedoria enriquecedora
Oeste	Pandaravasini	Pema	Sabedoria discriminadora
Norte	Samaytara	Lekyi	Sabedoria realizadora

Os dakinis direcionais são aspectos de Vajra Varahi (Semente de Diamante) que "nasce do colo do útero cósmico... queimando numa alegria que não se pode suportar, (representando) a energia num estado incondicional". As imagens representam Vajra Varahi dançando furiosamente, vestida apenas com seus paramentos e ferramentas simbólicas, com seus quatro dakinis direcionais em torno dela. As complexas iniciações ligadas a ela habilitam os que estudam sua linhagem a penetrar na ampla liberdade que sua energia confere.

A luminosidade do arco-íris está associada à meditação sobre Vajra Varahi e seus dakinis. Essa é uma imagem proveitosa para se

ter em mente, quando pensamos na Energizadora, porque mostra o espectro total das possibilidades. Cada um dos dakinis está associado a um elemento. Esotericamente, os quatro elementos, do ar, fogo, água e terra representam os fundamentos da vida. Para os dakinis, como para a Energizadora, cada elemento é um canal através do qual a vida pode ser intensificada. A meditação feita acerca das qualidades mediadas por cada dakini pode esclarecer partes da personalidade que estão obstruídas por bloqueios elementares ou desequilíbrios.

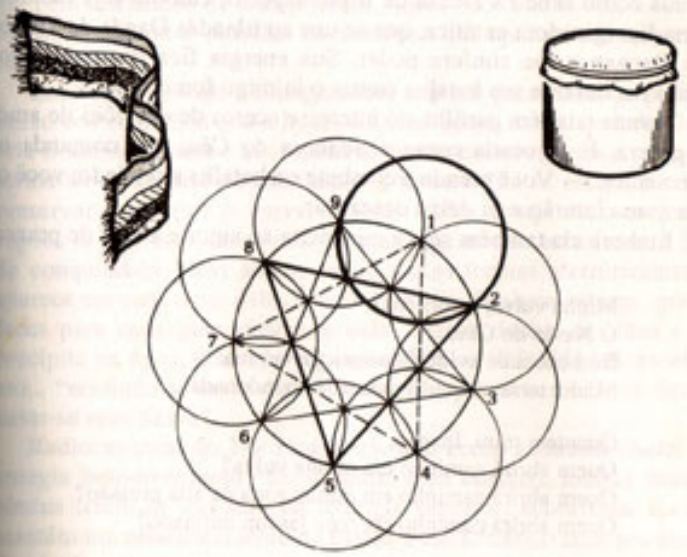


Fig. 9 O Círculo da Energizadora, com seus símbolos de arco-íris e tambor

A livre Energizadora é a que encontra verdadeiramente o êxtase. Ela é Afrodite, descendente da estirpe de Cronos, que coloca o mundo inteiro num estado receptivo para a criação. Nos ritos de Astarte e Inanna, as mulheres jovens praticavam o costume de oferecer sua virgindade a estranhos. Agiam como representantes da Deu-

sa, numa sagrada encenação da divina criação. Dessa forma, todas as mulheres serviam no Templo da Deusa antes de prosseguir na vida. Algumas permaneciam lá, tornando-se hierofantas (mediadoras sagradas do abraço da Deusa). Estas nunca se casavam, salvo se abandonassem o sacerdócio. Certos elementos dão a impressão de que algumas das hierofantas relutavam em abandonar o serviço da Deusa, pelas conseqüências que isso trazia: "Minha vagina é pura, embora alguns entre meu povo me digam, 'para você, acabou'."

Embora a Energizadora seja especialmente associada ao ato extático do amor, ela também fornece o ímpeto para guerrear. Sua energia pode ser dirigida para qualquer lugar. A deusa Morrigan é celebrada como sendo a Deusa de triplo aspecto, embora seja também uma Energizadora extática, que se une ao irlandês Dagda da Tuatha de Danaan e lhe confere poder. Sua energia fica disponível aos Danaans durante sua batalha contra o inimigo fomoriano.

Inanna também partilha do interesse acerca de questões de amor e guerra. É invocada como a Senhora do Céu, que comanda os elementos: — Você prende o combate e a batalha a seu lado; você os ata num cinturão e os deixa descansar.

Embora ela também seja a que incita ao amor e a atos de prazer:

> Minha vulva, a corneta,
> O Navio do Céu,
> Está cheia de avidez, como a jovem lua.
> Minha terra não cultivada está abandonada.
>
> Quanto a mim, Inanna,
> Quem abrirá caminho em minha vulva?
> Quem abrirá caminho em minha zona de alta pressão?
> Quem abrirá caminho em meu jardim molhado?

A rainha Maeve, de Connacht, apresenta o mesmo campo de energia abrangente. Promove a batalha e o conflito, mas também dorme com muitos homens, para seu próprio prazer. Seu nome é, aqui, a principal revelação, pois em irlandês arcaico, *Medb* ou *Maeve* significa "embriaguez".

Esse poder embriagador da Energizadora é visto na Mulher Peiote. Seus devotos ingerem a substância do cactus do peiote e, em suas visões alucinatórias, ouvem, com freqüência, o cantar da deusa — ao qual respondem entoando canções. Há uma religião do peiote estabelecida nas tribos da América do Norte na qual o peiote que não vicia é tomado como sacramento. O fato de um dos efeitos provocados pela ingestão do peiote ser a geração de visões coloridas transforma a Mulher Peiote em um aspecto da Energizadora, pois a faixa do arco-íris, que representa todas as experiências sensoriais, pertence a ela.

Às vezes, a Energizadora aparece como a parceira ativa do par de divindades polarizado, mas ela nunca é "apenas uma dona-de-casa". No judaísmo esotérico, a própria Shekinah aparece como Energizadora, aquela que dá a Jeová a capacidade de planejar a criação. Ela dá proporção, profundidade e largueza de vistas em relação ao espaço, pela imensidão de seus poderes. Como Jeová se movia sobre as águas, é a imagem refletida de Shekinah que aparece em suas profundezas.

Em outras épocas, a Energizadora aparece para atrair ou pedir a união dos caminhos que a ligam à Desafiadora, como quando Devi cria Brahma, Vishnu e Shiva. Ela se divide em três partes e promete tornar-se a consorte de cada um dos deuses. Ela os ensina a criar, preservar e destruir o universo. Mas Shiva deseja ser seu único esposo e, para isso, lança mão de um programa de ascetismo, a fim de conquistá-la. Devi adota, então, várias formas aterrorizantes e aparece em cada uma delas sucessivamente. Brahma assume quatro faces para conseguir afastar-se dela. Vishnu fecha os olhos e se precipita na água, mas não consegue desviar Shiva de seu ascetismo... "sentindo-se satisfeita com ele (ela) promete tornar-se Sati e casar-se com Shiva".

Radha aparece no *The Padma Purana* como a *hladini-shakti* ou energia bem-aventurada de Krishna. Não obstante muitas deusas hindus terem se tornado, na teologia superior, submissas, Radha mantém um relacionamento de êxtase e até frenético com seu marido, sendo por vezes representada numa posição superior, quando ela e Krishna fazem amor.

A Energizadora não deixa de rir de si mesma. E, quando Deméter está chorando sua filha perdida, Perséfone, na casa de Metaneira, são apenas as momices de Baubo que conseguem fazê-la rir. Baubo, como Energizadora irreverente, mostra a vulva, lembrando a Deméter que a questão é a vida, não a morte. A atitude de Baubo é refletida pela de sheila na gig, que abre as pernas para mostrar tudo. Sua imagem foi, com freqüência, incorporada à construção de igrejas medievais, e colocada sobre a porta através da qual os fiéis passa-

vam quando entravam e saíam, para que ninguém se tornasse orgulhoso de sua condição superior.

A deusa ioruba Oya — a dançarina, a que traz os ventos — aparece a seus adoradores de maneira mais direta, pois ela age, de forma literal, através de suas *olorisha* ou sacerdotisas. Oya é uma verdadeira Energizadora:

> O vento da tempestade está chegando, vento forte,
> O vento da tempestade está chegando, vento forte,
> Oya gosta de um bom amante forte, vento forte.
> Oya dança uma bamba maliciosa, vento forte.

A deusa nigeriana Oxum não é, igualmente, avessa a um "bom amante forte". E, através de uma sucessão de aptidões e aspectos, Oxum mostra como a Energizadora pode ser poderosa:

> Não há lugar onde não se saiba
> Que Oxum é tão poderosa quanto um rei.
> Ela dança e pega a coroa,
> Ela dança sem que lhe peçam.

Sem que lhe peçam nada, sem fazer nenhum esforço, a Energizadora se supera e se apresenta de formas tanto extáticas quanto terríveis.

A natureza extática de Santa Maria Madalena nos é transmitida através de duas fontes: os Evangelhos, nos quais ela é associada à mulher apanhada em adultério, e nas escrituras gnósticas, onde aparece como uma verdadeira Energizadora. Ambas a apresentam como alguém que usa os poderes da Energizadora através do êxtase sexual, e também através dos poderes expansivos de disputa e identificação com a fonte da sabedoria divina.

A energia poderosa da Energizadora tem que ser dirigida, caso contrário poderá se tornar esmagadora. Cybele exerceu este tipo de influência sobre os sacerdotes de seu culto que, em sua união extática com a Deusa, se castravam em sua honra. Muitos vêem essa sublimação voluntária da masculinidade em homenagem à Deusa como o momento em que o Divino Feminino começou a entrar em colapso, embora tenha mantido, até a era clássica, uma posição igualitária nos mistérios. Outros podem achar que esse ato é uma reverência correta e adequada à Deusa, embora retirar poder de qualquer

parte da criação da Criadora de Tudo não possa ser visto como um uso correto de energia. A castração, seja física ou psíquica, é uma negação da força vital. Os antigos mistérios que procuravam se valer das forças vitais masculinas, utilizando-as para se transformarem num poder "mais alto" através destas práticas atávicas — como as sociedades que ainda hoje mutilam seus homens e mulheres através da circuncisão, subincisão, lavagem cerebral e outros métodos semelhantes — devem desaparecer e ser substituídos por uma observância correta do poder da Energizadora. A negação da Energizadora teve uma terrível influência sobre nossa sociedade. Seus poderes dinâmicos foram muito temidos, já que usam, como pontos de mediação, os próprios canais da vida: energia e sexo. Os principais mitos ocidentais relacionados à Queda giram em torno de figuras como Eva e Pandora, que dão vida. O conceito mais restritivo que existe, e do qual o Ocidente ainda precisa se livrar, é a ilusão de que a encarnação do espírito na matéria é uma coisa ruim.

O antídoto para esta doença da alma é encontrado na Energizadora e no reexame de mitos alternativos sobre Eva. As escrituras gnósticas nos dão uma imagem inversa de Eva, não aquela que foi expulsa do paraíso, envergonhada e abatida, mas uma figura transcendente, que dá vida:

> Depois do dia de descanso, Sofia mandou Zoe, sua filha, que é chamada de "Eva" (da Vida) como instrutora, para cuidar de Adão, que não possuía alma, de forma que aqueles que ele gerasse pudessem se tornar vasos de sabedoria. (Quando) Eva viu seu co-semelhante entristecido, teve pena dele e disse, "Adão, viva! Erga-se sobre a terra!" Imediatamente, suas palavras tornaram-se atos. Pois assim que Adão se levantou, abriu os olhos. E, quando a viu, Adão disse: "Você será chamada a 'mãe de todos os viventes', porque é aquela que me deu a vida".

Enquanto a Criadora de Tudo nos desafia a encontrar espaço dentro de nós mesmos, a Energizadora nos dá liberdade para explorar esse espaço. Essa é, freqüentemente, uma experiência assustadora para aqueles cujos limites são estreitamente ordenados.

A Energizadora pode ser vulcânica em sua influência, destruindo as estruturas seguras, confortáveis, dentro das quais nossas vidas são conduzidas. Nosso primeiro encontro com a Energizadora pode nos deixar perturbados e despedaçados, como se um vento forte tivesse

acabado de soprar sobre nossa mente, espalhando seus fragmentos em todos os cantos. Mas esse aspecto nos dá notícias sobre um país esquecido, que ainda precisa ser explorado. Enrolada em sua echarpe de arco-íris, a Energizadora insufla nova esperança e força de propósito em vidas que se tornaram batidas em seu proveito. Ela faz com que procuremos nossos tesouros escondidos e seu mote. "Tudo levado ao excesso", nos impulsiona para além dos limites que nos impusemos, em direção a novas experiências de liberdade.

A alegria que a Energizadora nos mostra é inteiramente não-dualista. Ela nos leva a pontos profundos de prazer e faz com que utilizemos partes nossas que pensávamos estar enferrujadas, por falta de uso. Ela nos mostra o núcleo do nosso desejo e o impele em nossa direção com uma necessidade não-ambígua. Quando queremos a iluminação espiritual, uma ação imediata e eficiente, uma cura, ou seja lá o que for, de forma tão não-dualista quanto desejamos a realização sexual ou a satisfação da fome pela comida, então podemos ter certeza de que a Energizadora esteve conosco.

Segunda sabedoria: A Medidora

> Nossa Senhora é, também, a Lua, chamada de Selene por alguns e de Luna por outros, mas de Levanah pelos sábios, pois nela está contido o número de Seu nome. Ela é a governante das marés de fluxo e refluxo.
>
> *O culto a Isis*
> Dion Fortune

A Energizadora dá vida ao que a Criadora de Tudo compôs. Já a Medidora define o poder da Energizadora, dando-lhe limites fixados e um padrão ordenado. Os símbolos que se encontram sobre a porta dessa câmara são a roda e a roca.

No mito de Er, ele tem uma visão da roca de Ananke, ou Necessidade, como um grande raio de luz, cuja iluminação é impenetrável. A espiral da roca tem oito círculos, cada um deles correspondendo aos planetas (incluindo a Terra). Cada círculo que gira tem sua própria nota, produzindo a música das esferas. Em torno da roca, sentam-se as filhas de Ananke, as Parcas: "Lachesis, Clotho e Atropos; seus mantos são brancos, suas cabeças engrinaldadas e elas cantam a música da sereia. Lachesis canta as coisas passadas, Clotho, as coisas presentes, Atropos, as coisas futuras."

A alma extrai muitas coisas do colo de Lachesis (a medidora) e recebe seu Espírito de Guarda, antes de ser levada a Clotho (a fiandeira), que fia a linha da vida. Finalmente, chega a Atropos (o inevitável), que corta a linha da vida. Assim, a alma volta a ficar frente ao trono de Ananke, pois toda a Roca da Necessidade repousa em seu regaço.

Este conceito mítico, denso mas explícito, nos mostra a natureza da Medidora. Ela apresenta os limites da atividade restrita — nada semelhante a prisão, a confinamento, mas sim um amplo e ordenado padrão para esses limites. As Moiras podem ser comparadas com as Nornas, que distribuem o destino ou *sorte* de cada pessoa.

Todas as formas precisam ser definidas. A natureza ordenada das moléculas das madeiras, por exemplo, define o que é uma mesa ou uma cadeira, segundo sua disposição. Não achamos que haja nada

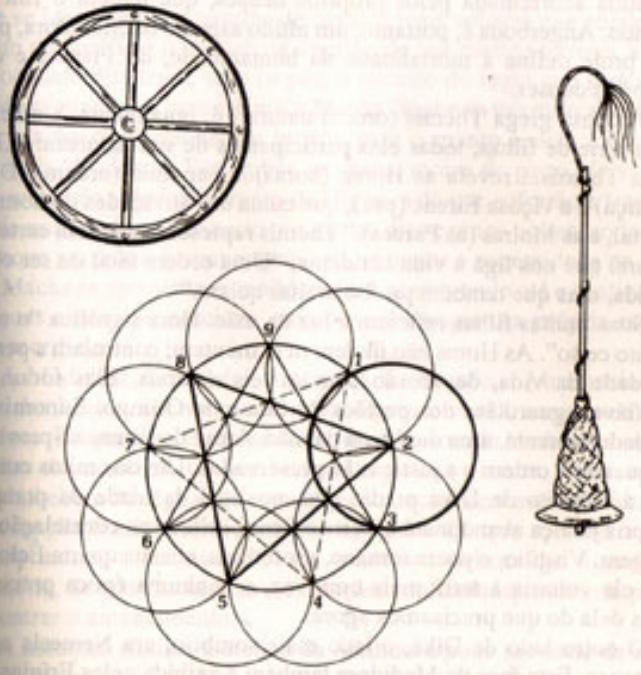


Fig. 10 *O círculo da Medidora com seus símbolos da roda e da roca.*

de errado a respeito desse tipo de limitação. Essa é, justamente, a forma pela qual devemos entender a Medidora. Ela é a mestra dos limites definidos e, conseqüentemente, a juíza e preservadora do que é certo. A Medidora se caracteriza ainda pelas imagens do tempo — que são a mais ampla espécie de limitação que podemos conceber. O tempo aparece de formas diferentes, dependendo de nossa motivação. Às vezes, passa muito devagar, às vezes depressa demais, embora o tempo em si mesmo não seja bom nem mau.

A deusa gigante escandinava, Angerboda é a mãe de três filhas que traçam limites: Jörmungand, a cobra gigante; Fenrir Wolf, que provoca o fim do mundo em Ragnarok; e Hel, a rainha da morte. Estas três inevitabilidades têm seus lugares determinados por Odin: Jörmungand é jogada nos céus que circundam o mundo dos homens, para envolver a terra, sob a forma da Serpente Midgard; Hel é designada para o mundo abaixo dos mundos, o de Niflheim; e Fenir é mantida acorrentada pelos próprios deuses, que temem o fim do mundo. Angerboda é, portanto, um nítido aspecto da Medidora, pois sua prole define a mortalidade da humanidade, do Planeta e dos próprios deuses.

A deusa grega Themis (ordem natural) é, igualmente, a mãe de uma série de filhas, todas elas participantes de sua natureza: "Gloriosa Themis... revela as Horae (horas)... Eunomia (ordem), Diké (justiça) e a viçosa Eirene (paz), que cuida das atividades do homem mortal, e as Moiras (as Parcas)." Themis representa a ordem certa ou natural que nos liga à vida cotidiana. "Uma ordem fácil de ser obedecida, mas que também proíbe muitas coisas."

Suas muitas filhas refletem a luz da mãe. Hora significa "o momento certo". As Horas não iludem nem mentem; controlam a periodicidade da vida, de acordo com as leis naturais. Elas foram as confiáveis guardiães dos portões do Céu e do Olimpo. Eunomia é, verdadeiramente, uma duplicata da mãe. A paz de Eirene só prevalece quando a ordem e a justiça são preservadas. Um dos mitos contados a respeito de Diké prediz que, no final da idade da prata, a própria justiça abandonará a Terra e ficará exilada na constelação de Virgem. Virgílio, o poeta romano, profetizou, em sua quarta Écloga, que ela voltaria à terra mais uma vez, e nenhuma época precisou mais dela do que precisamos agora.

O outro lado de Diké, o lado mais sombrio, era Nemesis ou a vingança. Esta face da Medidora também é exibida pelas Erínias, às vezes chamadas de As Fúrias. Elas nasceram do sangue de seu pai, Cronos, quando Zeus o castrou, e sua função é vingar-se daqueles que são culpados pelo derramamento de sangue. Elas carregavam tochas, açoites e serpentes, e viviam no mundo dos mortos. Sob a forma de deusas vingativas, apareceram a Orestes, que matou a mãe, Clytemnestra. Na peça *Eumênides,* de Ésquilo, elas são aplacadas, rebatizadas como "As Bondosas", e convidadas para ter seu próprio lugar no templo de Atena.

Às vezes, a Medidora funciona como juiz. No *Livro dos Mortos* egípcio, a roupagem de Maat é colocada, nos pratos da balança da verdade, em contrapeso ao coração das pessoas mortas, na antecâmara do julgamento. Se a roupagem da verdade pesar mais do que o coração, então aquela pessoa perdeu o direito à misericórdia dos deuses.

A função delimitadora da Medidora é, às vezes, mostrada de formas dramáticas, como acontece com a deusa irlandesa Macha, que se lança contra a parelha de cavalos mais velozes que encontra, a fim de justificar o motivo de orgulho de seu marido terreno, a sua velocidade. Ela traça, com os pés, o circuito do lugar que será chamado segundo seu nome: Emain Macha. Segundo um mito alternativo, Macha confecciona um broche para o manto e dele extrai os alicerces da cidade. Em ambos os casos, morre de parto, deixando sua maldição sobre os homens de Ulster: a de que sofrerão a fraqueza da mulher durante o parto por quatro dias e cinco noites, ao longo de nove gerações, justamente quando é maior a necessidade de força. Macha se apresenta como Medidora, abrangendo até o destino de pessoas ainda não nascidas, para contrabalançar sua própria morte sob sacrifício.

A Medidora é, também, a senhora da memória. Mnemosine, a mãe das Musas, exerce essa função, algumas vezes, como uma iniciadora. Ela protege as águas do esquecimento e da lembrança — os limites da memória. Os que morrem a primeira morte, isto é, a do corpo, bebem das águas do esquecimento, onde a memória da última encarnação é misericordiosamente apagada. Os que morrem a segunda morte, a da iniciação nos mistérios, bebem das águas da memória, de onde brotam as recordações profundas que servem para encontrar o entendimento.

A natureza rítmica e cíclica da Medidora pode ser vista da melhor maneira possível num dos principais símbolos da Deusa: a própria lua, que é a senhora das marés alta e baixa:

Sou o mar amargo, silencioso, infinito,
Todas as marés são minhas e me prestam contas
Marés dos ares, marés do interior da terra;
As marés secretas, silenciosas, da morte e do nascimento.
Marés das almas, dos sonhos e destinos dos homens.

A meditação acerca das fases da Lua nos leva ao envolvimento com a Medidora e nos transmite experiência em relação a todos os seus poderes. Todas as mulheres já sentiram o circuito da Medidora em seu ciclo menstrual. Ele lhes propicia a recepção da vida. Ele as conduz ao campo da fertilidade física por aproximadamente trinta e cinco anos e, em seguida, as prepara para a fertilidade psíquica, que deve se seguir à menopausa. Contudo, todo mundo pode experimentar as fases da Medidora, acompanhando as mudanças de formato da Lua, ao longo de cada mês.

Depois das concessões liberais da Energizadora, precisamos que a Medidora nos ajude a definir os limites de nossa recém-encontrada liberdade. Isso será feito não para nos limitar, mas para salvaguardar nossa integridade, pois não podemos nos permitir fazer tudo o que desejamos, sob o risco de nossos excessos, cedo ou tarde, prejudicarem alguma outra pessoa. A Medidora estabelece seus limites claramente, para não ameaçarmos o resto da criação. Numa época em que toda restrição é vista como uma violação da liberdade pessoal, a Medidora vem para nos lembrar da autodisciplina, dando-nos um canal para escoarmos os poderes da energizadora que, de outra forma, seriam esmagadores. A Medidora é uma amiga com quem se pode contar e que aparece, com freqüência, em nossas vidas, como a guardiã interna, para nos lembrar de nossa integridade pessoal.

A dádiva do destino repousa no dom da Medidora, que fixa os limites externos do nosso destino, embora não seja necessário nos sentirmos "destinados" ou "condenados" durante todo o tempo. A Medidora é, também, uma renovadora. Ela escreve em suas runas, sobre a tábua, e apaga tudo novamente, a fim de escrever de novo. Esse aspecto da Deusa é particularmente temido no atual clima ecológico em que vivemos, no qual nosso desperdício intencional ou devastação acabam com as riquezas da Terra e colocam a Medidora em ação. Como escreveu James Lovelock:

> Gaia... não é uma mãe boba, que tolera má conduta, nem é uma donzela delicada em perigo de sofrer agressões por parte da humanidade selvagem. Ela é dura e forte, mantendo o mundo sempre quente e confortável para aqueles que obedecem as regras, mas impiedosa em sua destruição quanto aos que transgridem suas normas. Seu objetivo inconsciente é um planeta adequado para a vida. Se os seres humanos a impedirem de atingi-lo, seremos eliminados com tão pouca piedade como se tivéssemos sido atacados por um míssil nuclear balístico intercontinental computadorizado em pleno vôo, em direção a seu alvo.

Lovelock formula um lembrete salutar, para que a humanidade se conscientize de que não é a espécie máxima. A Medidora pode nos eliminar, embora haja sempre a promessa da profetisa, que é a mediadora da Medidora:

Vejo a terra nascendo pela segunda vez
Da espuma, linda e verde;
Dos abates, peixes a capturar,
Voa a águia; a água flui.

O objetivo da medidora é manter a vida dentro dos limites estabelecidos. Cabe a nós buscá-la a encontrar nosso destino; se formos sinceros conosco, também poderemos ser sinceros com a Medidora de nossa linha de vida.

Terceira sabedoria: A Protetora

Notável Beltia, a que é superior a tudo, seja louvada...
Tende misericórdia de vosso servo que vos louva;
Segurai sua mão na necessidade e no sofrimento;
Dai-lhe vida, na doença e na dor;
Que ele possa viver sempre na alegria e no prazer;
Que ele possa louvar vossas façanhas para os povos do mundo inteiro.

Prece babilônica a Beltia

A Criadora de Tudo dá vida a tudo, a Energizadora dá poder, a Medidora delimita este poder. Agora vamos falar da Protetora, que surge para cuidar da criação. Seus símbolos são o arco e o escudo, que estão sobre sua porta. A Protetora assume muitas formas, mas seu ímpeto tem origem na Medidora. A Protetora preserva a lei

natural e aparece, com freqüência, irada, quando se trata de defender seu território, embora a proteção transformadora que esse aspecto produz esteja enraizada no amor misericordioso.

Quando os deuses hindus foram combatidos pelos *asuras* (demônios), reuniram suas energias e evocaram Durgha, uma das maiores protetoras. Ela lutou contra a forma de búfalo de Mahishasura e cada um de seus suspiros criou um exército de deusas para combater os *asuras*.

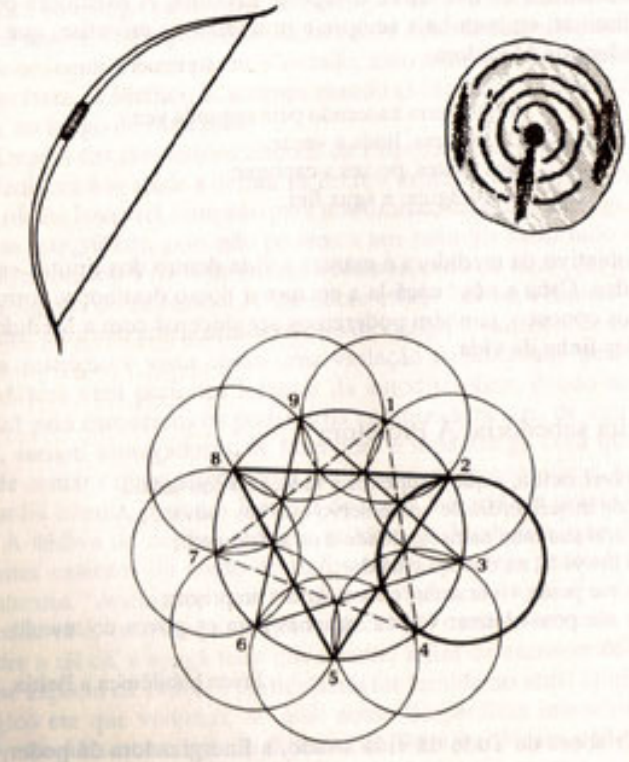


Fig. 11 *O círculo da Protetora com seus símbolos do arco e do escudo.*

Os deuses a reverenciam com as seguintes palavras:

Nós nos curvamos à Vossa frente, o Devi...
Mande-nos Vossos pensamentos para a proteção do universo
E para a erradicação de todos os perigos.
Vós, cuja natureza é a de subjugar os maus
Cuja beleza está além da imaginação
Cujo poder destrói os que promovem a devastação
Compassiva até com estes inimigos...
Vossas formas adoráveis, nos Três Mundos,
E vossas formas furiosas
Nos salvem através de todas elas.

Durgha faz exatamente isto. Ela assume diversas formas no curso da batalha, subseqüentemente renovada, incluindo Parvati e Kaushiki e, assim como Ambika, fica tão furiosa com seus adversários, que a deusa Kali se desprende de sua sobrancelha. Uma batalha ainda mais terrível se segue. O sangue do demônio Rajtabija se derrama pelo chão, criando ainda mais combatentes para lutar contra os deuses, mas Kali o bebe todo, sugando sua energia para dentro de si mesma e neutralizando-a.

Os deuses fazem um hino final de louvor a Durgha: "Ó Devi, que estejas contente e nos garantas proteção contra o medo dos inimigos para sempre, da mesma forma como Tu nos protegestes pela destruição dos asuras. Destrói os pecados de todos os mundos e as grandes calamidades que surgiram através da vitória dos presságios malignos." Essa história nos mostra os desdobramentos possíveis da Protetora, pois dela surge, também, a Desafiadora (ver pág. 85 do livro). A Protetora assume uma diversidade de formas, algumas das quais são suaves e benevolentes, enquanto outras são terríveis.

Muitos outros aspectos da Deusa assumem a forma imediata da Protetora ao sentirem-se ameaçados. Quando Isis foge da devastação promovida por Set, leva seu filho, Horus, e o esconde no matagal. Isis assume a forma de um abutre e permanece alimentando e protegendo seu filho até que ele tenha idade suficiente para lutar contra o próprio Set. Isis, junto a muitas outras divindades, é representada usando a pele do abutre sobre a cabeça e, como um pássaro de asas abertas, é mostrada em atitude de proteção.

O mesmo tema foi tomado e aplicado à Virgem Apocalíptica no *Livro do Apocalipse*, onde a história de Isis e Horus é transposta

para Maria e Jesus. Maria é descrita da seguinte maneira: "Uma mulher vestida com o sol, tendo a luz sob os pés e sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas: estava grávida e gritava, entre as dores do parto, atormentada para dar à luz" (Apocalipse, 12, 1-2). Um dragão se colocou frente a ela, no papel de Set, pronto para devorar a criança: "Ela, porém, recebeu as duas asas da grande águia para voar ao deserto, para o lugar em que, longe da serpente, é alimentada por um tempo, tempos e metade de um tempo" (Apocalipse, 12, 14).

Às vezes, a Protetora assume uma forma aterrorizante, como faz Dzalarhons, guardiã do tesouro da Terra. Ela observa a maneira como as pessoas perdem o respeito pela vida, torturando, com jogos cruéis, a grande quantidade de salmão que tinha criado. Irada, manda seu castigo, sob a forma de uma erupção vulcânica, e extravasa sua raiva nas cabeças dos membros da tribo ofensora.

Essa veneração pelo que a Criadora de Tudo fez também é encontrada na figura de Artemis que é, de muitas formas, sua Protetora. Ela sempre foi retratada como uma donzela rebelde, na maioria das vezes com arco e lança de caça. Artemis é filha de Leto e assistiu ao nascimento de seu próprio irmão gêmeo, Apolo. Por isso, era invocada como a patrona das mulheres na hora do parto.

Esse é um dos papéis principais da Protetora: o de parteira e também guardiã da infância. Até que suas crias estejam com idade suficiente para se defenderem sozinhas, toma conta delas, alimenta-as e ensina. Às vezes, é ela quem dá as armas e, sob esse aspecto, aparece como a Iniciadora.

Atena é conhecida por ser uma deusa da guerra, mas não carrega armas em tempos de paz e parece preferir resolver questões controversas através de meios pacíficos. Oferece proteção e abrigo às Erinis, prometendo-lhes os ritos adequados aos altares domésticos, sacrifícios, libações à luz dos archotes e oferendas de frutas. Ela transforma, sutilmente, o papel da Medidora e ameaça, que qualquer casa que se recuse a honrar as Erinis, não prosperará. Em troca, as Erinis devem prometer trazer ventos favoráveis para seus navios, fertilidade e fecundidade aos campos e pessoas, além de ajudá-la em seu papel de Protetora, exterminando os ímpios.

O acordo é feito e a cidade de Atena se beneficia. Atena é, também, a Protetora pessoal de Odisseu, levando-o em segurança para casa e ajudando sua família.

É como guerreira, no entanto, que a Protetora é mais difundida. A deusa egípcia Sekhmet, conhecida como "a poderosa", realiza

ardente vingança contra os inimigos do faraó. Representada com cabeça de leoa, suas flechas penetram nos corações de todos os que se voltam contra ela. Ela e Hathor são conhecidos como "os olhos de Ra" e agem, freqüentemente, como agentes de punição. Numa lenda, Sekhmet foi mandada por Ra para punir a humanidade, mas, quando começa a aplicar o castigo, fica incontrolável. O alto sacerdote de Heliópolos é instruído para moer ocre vermelho na cerveja e espalhar sete mil jarros contendo a bebida sobre a terra. Sekhmet pára a destruição, a fim de beber o que ela acredita ser sangue. Embriagada demais para continuar sua carnificina, Sekhmet volta, e a humanidade é salva.

Embora a Protetora possa infligir grande dor, ela é, também, uma curadora. Essa justaposição paradoxal de aptidões talvez possa ser melhor vista no folclore celta, onde uma mulher velha vem recolher o corpo do herói, esgotado pelas façanhas prodigiosas que realizou.

Ela cuida de suas feridas, mergulhando-o, primeiramente, num caldeirão de veneno, a fim de fortalecê-lo e, em seguida, o recupera de vez mergulhando-o em seu caldeirão de cura. Essa característica comum das deusas célticas se torna claramente manifestas em Brígida, cujo triplo aspecto inclui o apoio à arte criativa, à poesia e à cura.

É por isso que Sekhmet é invocada tanto como Rainha da Batalha quanto como Senhora da Vida; é aquela cuja influência pode, ao mesmo tempo, evitar a pestilência e trazê-la. Isso pode se dever ao fato de que o vento quente do deserto era considerado como respiração de Sekhmet e, portanto, capaz de trazer a peste ou mandá-la embora.

Somos levados, assim, a refletir sobre a atitude freqüentemente severa da Protetora que, para defender a criação, muitas vezes destrói parte dela no processo. A Protetora trabalha, freqüentemente, por conveniência: fenômeno muito visto em nossa própria época, em que o envolvimento que temos com a lei natural criou condições meteorológicas anormais em uma parte do mundo, trazendo fome, seca e doença, enquanto outra parte recebe frutas com fartura, devido a condições meteorológicas favoráveis.

A Protetora tira sua deixa da Medidora e encontra uma medida de equilíbrio em todos os seus atos. Pensamos neste aspecto da medidora como "Vermelho natural nos dentes e garras" e, na realidade, muitas deusas com esse aspecto aparecem sob a forma de feras, como Isis, ou de cabeça de fera, como Sekhmet, ou ainda como protetoras dos

animais, como Artemis. A cólera da Protetora não é igual à da Desafiadora, que extirpa, totalmente, qualquer coisa que esteja esgotada ou defunta: é cólera transformadora, que cura e redime. Contudo, ela também é uma Protetora misericordiosa:

> Plenas são as dobras de Teu manto, Maria
> (Proteja-me, encubra-me)
> Que todas as gerações sejam protegidas e ajudadas
> Pois o manto de sua Mãe é profundo e amplo.

Até Maria, tão famosa por seu amor misericordioso, aparece sob a capa de guerreira. Ela é justa e terrível, como tropas de exército

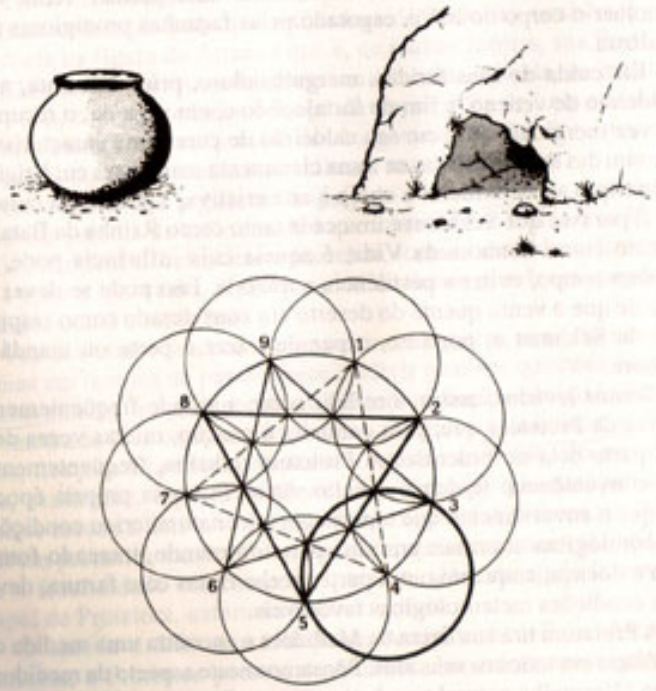


Fig. 12 *O círculo da Iniciadora e seus símbolos do caldeirão e da caverna.*

ordenadas para a batalha, dizem as escrituras. Em seu aspecto de Protetora, Maria aparece, novamente, em nosso próprio século, para muita gente. Numa diversidade de aparições sem precedentes na história mundial, a Abençoada Virgem — para muitas pessoas, a única forma do Divino Feminino que conhecem — fala de maneira admoestadora, típica da Protetora: "Corrijam sua vida, abram seus corações, transformem-se." A freqüência e insistência destas mensagens, normalmente transmitidas através de pessoas simples ou crianças, mostra ao mundo que a Protetora não é inativa.

A Protetora nos abraça, dando-nos sua mão segura para apertar. Seu coração é ardente e terno, é o coração de uma mãe cujos filhos estão ameaçados. Como muitas mulheres podem testemunhar, os primeiros dias que se seguem ao parto provocam as mais intensas revoluções que podem acontecer na vida de uma mulher, pois a colocam diretamente em contato com o desafio da Protetora. Essa experiência também acontece com os pais recentes. Os pais da criança ficam tão maravilhados por terem ajudado a gerar um bebê, e seu instinto protetor é tão forte, que são sacudidos pela força do acontecimento. Sentem a mão da Protetora sobre si e, como ela, se sentem alegres e ternamente protetores.

Os Pátios Internos

Quarta sabedoria: A Iniciadora

> Eu comi no tímpano (tambor);
> Eu bebi do címbalo
> Eu carreguei o prato sagrado
> Eu entrei furtivamente na câmara interior
>
> dos Mistérios de Cybele,
> conforme registrados por Clemente de Alexandria.

A Medidora estabelece os limites e a Protetora os patrulha: agora, chega a Iniciadora para fixar um outro aspecto em andamento. Sobre essa porta, que também dá entrada aos Pátios Internos do Templo da Sabedoria, estão as imagens do caldeirão e da caverna, pois os mistérios interiores são encenados nesse lugar.

O papel da Iniciadora é o de pesquisar reações e explorar profundidades ocultas. Esse aspecto sempre guarda alguma característica de um segundo nascimento ou de um renascimento. No íntimo da

Protetora já há, como vimos, um elemento de reassimilação: isso é algo plenamente definido na Iniciadora. Em alguns mitos, esse aspecto apresenta, muitas vezes, uma espécie de mãe voraz — algo que é bastante malcompreendido. A Iniciadora não é uma fêmea de fera que come sua ninhada, nem possui certos aspectos da Protetora que, com o intuito de bem realizar sua função, é zelar pela aplicação do castigo. A Iniciadora tem outra tarefa.

A Iniciadora insiste em mostrar a enormidade de conhecimento que a Criadora de Tudo esconde e, em virtude disso, com muita freqüência, apresenta-se levando pessoas de volta ao útero, dando-lhes um segundo nascimento. A Iniciadora é a guardiã dos mistérios. Aparece como contadora de histórias, professora, avó. Localizada na mais alta oitava da Energizadora, é uma demonstradora dinâmica, que acredita na experiência pessoal e prática dos mistérios. É quem nos leva a passar pelos rigorosos testes de nossas vidas.

Um dos principais relatos que dizem respeito a esse aspecto é a seqüência iniciatória de Ceridwen e Taliesin. Ceridwen tem um filho chamado Afaggdu. Ela deseja compensá-lo por sua extrema feiúra, dotando-o de conhecimento. Assim, prepara um caldeirão de inspiração para o filho e o coloca para ferver durante um ano. Nesse meio-tempo, contrata um velho para mexer o caldeirão e um pequeno menino chamado Gwion, para buscar lenha para o fogo. Perto do final do ano, algumas gotas entornam do caldeirão e caem sobre o dedo de Gwion. As gotas são tão quentes que ele coloca os dedos na boca, para esfriá-los. Ceridwen fica imediatamente ciente do que aconteceu, da mesma forma que Gwion:

> O garoto a viu, transformou-se numa lebre e fugiu. Mas ela se transformou num galgo e voltou-se contra ele. E Gwion correu em direção a um rio e transformou-se em peixe. E ela, sob a forma de uma lontra, o perseguiu sob a água até que ele decidiu transformar-se em pássaro. E quando ela estava quase pronta a lançar-se sobre ele, Gwion sentiu medo de morrer, avistou um monte de trigo no chão do celeiro, ficou entre o trigo e se transformou em um de seus grãos. Então Ceridwen se transformou numa fêmea de ave negra, com um penacho alto e foi para o celeiro e o arranhou com os pés e o engoliu. E, como conta a história, ela o carregou por nove meses e o pariu, mas não tinha coragem de matá-lo por causa de sua beleza. Assim, ela o enrolou num saco de couro e o lançou ao mar.

Nesta história, Ceridwen é tanto Iniciadora quanto Desafiadora. O fato de preparar um caldeirão de inspiração e, mais tarde, colocar a criança dentro de seu útero é significativo, pois estamos lidando, aqui, com uma história de mistério. Na lenda céltica, o aspecto que Ceridwen realiza é chamado de "A Mulher Sombria do Conhecimento". É sob esse disfarce que as outras faces da Iniciadora se tornam nítidas.

Quando Deméter está pranteando sua filha perdida, Perséfone, vagueia desconsolada, rumo ao Muro da Donzela, em Elêusis, e lá se emprega como ama de crianças. Ela é levada à casa de Metaneira que teve, recentemente, um filho: "E ela andava às escondidas, com angústia no coração, com a cabeça coberta e usando um manto escuro que oscilava em torno de seus delicados pés de deusa. Ao recusar um copo de vinho, ela prepara uma beberagem especial, feita de cevada, água e menta" (isto é o *Kykeon*, bebida sacramental dos iniciados elêusicos). Em seguida, vai cumprir sua tarefa:

> Assim a deusa amamentou Demophoön no palácio... e a criança cresceu como se fosse um imortal, sem ser alimentado com comida, nem amamentado ao seio: pois, durante o dia, a coroada Deméter o ungia com ambrosia, como se fosse filho de um deus, e respirava suavemente sobre ele, enquanto o carregava no colo. Mas à noite, ela o escondia, como se ele fosse lenha, no meio do fogo, o que era ignorado por seus pais.

Metaneira descobre Deméter deitando seu filho sobre o fogo e faz um tal escândalo, que Deméter é forçada a revelar quem realmente é e que teria tornado Demophoön imortal se não houvesse sido descoberta. Ela ordena ao povo de Elêusis que construa um templo para homenageá-la e os instrui na prática dos ritos adequados à sua adoração.

Conta-se a mesma história sobre Isis, que, ao saber que o ataúde de Osiris tinha desembarcado em Biblos, onde foi coberto com urze e levado ao palácio do rei, para ser utilizado como pedra da coluna, dirigiu-se à morada do soberano. Ela foi indicada como ama do filho da rainha, a quem alimentou com o dedo, ao invés de fazê-lo com o seio. À noite, queimava partes da mortalidade da criança, colocando-a sobre o fogo. A rainha viu e gritou, privando seu filho da imortalidade. Isis levou o ataúde de Osiris embora e, posteriormente, Biblos como Elêusis tornaram-se lugares de veneração especial.

Tanto Deméter quanto Isis realizam função iniciatória para o benefício inicial de uma criança, logo depois de terem vivenciado extrema tristeza. No caso de Deméter, os ritos de Elêusis dão partida à iniciação que a Deusa oferece a todos os gregos que nasceram livres. Ceridwen inicia apenas Taliesin, que renasceu do seu caldeirão e de seu útero, respectivamente, ganhando, portanto, um segundo nascimento. Vemos, em cada instância, como o fogo desempenha um papel importante na narrativa da Iniciadora.

A Deusa Kalwadi figura, largamente, nos ritos de iniciação australianos. A história conta que ela gostava muito de cuidar de bebês, mas que seus pupilos desapareciam misteriosamente. Irados com a perda dos filhos, os pais foram à procura de Kalwadi e a encontraram escondida em sua toca subaquática. Embora os aflitos pais a amassem e a respeitassem como sua Mãe, mataram Kalwadi e abriram seu corpo. As crianças, no entanto, não estavam onde tinham imaginado, isto é, no estômago da deusa, mas em seu útero, esperando o renascimento.

A reencenação mística destas histórias estava na raiz de muitos cultos de mistério antigos. A iniciação na masculinidade ou feminilidade, nos tradicionais ritos de passagem, não é uma característica exclusiva da sociedade ocidental. Em sociedades primitivas, os iniciados são levados de volta ao estado da pré-infância e então misticamente renascidos. A iniciação, em qualquer tradição espiritual, exige uma aproximação a estes ritos. Se uma pessoa nasce das águas do batismo ou da mikva (banho ritual judaico), uma forma de purificação ritual semelhante à nossa condição original — a de boiar na água amniótica do útero — é realizada.

A iniciação é, freqüentemente, dolorosa e exigente. Mesmo se não formos submetidos, formalmente, aos ritos iniciatórios, a própria vida nos confronta com iniciações que não são diferentes. A perda e encontro do eu estão sob a égide da Iniciadora. As lições cármicas, em função das quais renascemos para aprender, nesta encarnação, podem tornar a acontecer em nossa vida. Raramente temos consciência de que estamos executando um programa mítico — nosso próprio ciclo do mistério. Essa é uma história que uma parte de nós conhece bem, e não há motivo para não encontrarmos o método de entendimento mais eficiente e aplicar suas lições, em vez de nos tornarmos sua vítima. A Iniciadora dá a garantia de que nossos olhos e ouvidos ficarão abertos e atentos às pistas que surgirem.

Vemos também a Iniciadora como mãe adotiva, que prepara seus protegidos e lhes ensina. Tanto Arianrhod quanto Atena são responsáveis por armar heróis com armas que dão poderes. Arianrhod, no entanto, recusa-se a dar nome ou preparar seu filho e, finalmente, lhe recusa permissão para se casar com uma mulher mortal. A iniciação de Lleu é feita para superar essas temíveis proibições estabelecidas por sua mãe. Para consegui-la, ele deve induzi-la, pela astúcia, a lhe dar um nome másculo e poder, sem os quais ele é uma não-entidade social. Atena concede a dádiva do escudo protetor a Perseu, que o ajudará a vencer a Medusa. Esse é um presente da Iniciadora, que ajudará o herói no momento de sua confrontação com a Desafiadora.

A Iniciadora é uma professora cruel e radical. Ela não está preocupada com acarinhar e alimentar o iniciado de forma confortável, mas sim em exigir a espécie de atenção concentrada que um instrumentalista virtuoso espera de uma turma de alunos que já alcançou um determinado padrão de competência. A experiência da Iniciadora é chocante e surpreendente, mas, da mesma forma que a energia viva da Energizadora — da qual ela é uma harmonia importante — é inspiradora.

O processo de iniciação pode ser comparado ao ato de se deixar uma pessoa livre em meio a um tesouro cheio de itens de poder, e cuja forma de usar não se tem condições de conhecer — ainda. Com o correr do tempo, a experiência vai nos ensinando seu significado e nos permite adquirir o controle desse tesouro de possibilidades, para que possamos viver de forma mais eficiente.

Entramos na caverna da Iniciadora não apenas para beber o líquido que ferve em seu caldeirão, mas também para nos transformarmos na mistura que ela está preparando — pois ela nos ensina a forma de mudar. O poder, dado de maneira tão livre para toda a criação pela Energizadora é agora devolvido, para que outros também possam encontrar a Vida.

O cadinho da experiência é, portanto, enriquecido por todos os que entram nessa câmara. E só através dessa troca eficaz — ambos dando e recebendo poder — ficamos em condições de entrar na próxima câmara, a da Desafiadora.

Quinta sabedoria: A Desafiadora

Pois Terror é Vosso nome,
A morte está em Vosso hálito,

E cada passo dado
Destrói um mundo
Vós, "Tempo", aquele que Tudo destrói!
Vem, ó Mãe, vem!

Kali a Mãe
Vivekananda

Se a Iniciadora é a que abre as portas, a Desafiadora é quem passa através delas. Por alguma razão, ninguém jamais conta com a Desafiadora. Os símbolos que há sobre essa porta são, eles mesmos, desafiadores: a caveira e o labirinto são indicativos dessa função do aspecto, pois ela é a senhora da segunda morte e está aliada à Iniciadora. A segunda morte é aquela sofrida pelo iniciado e, diferente da

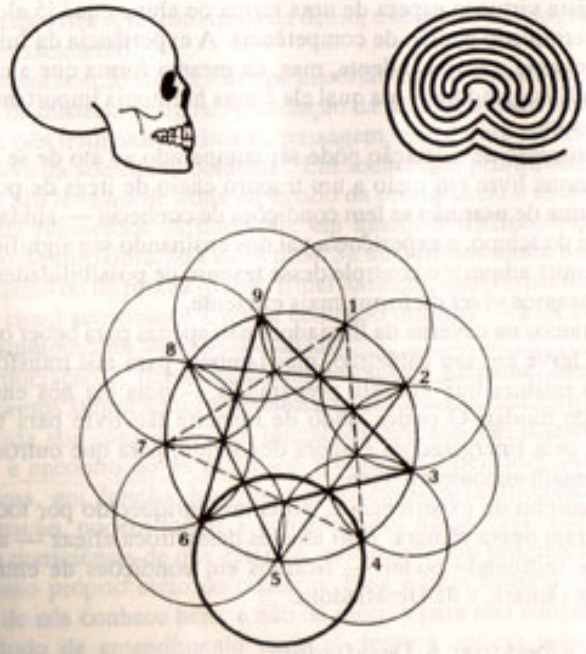


Fig. 13 *O círculo da Desafiadora com seus símbolos da caveira e do labirinto.*

primeira, a morte física, gera uma nova forma de vida. A Desafiadora se encontra na oitava mais alta da Tríade Abrangente e, como a Medidora, antes dela, estabelece limites estritos na imagem do labirinto, cujos caminhos devem ser trilhados por todos os iniciados.

As pessoas criadas no Ocidente consideram, geralmente, que qualquer coisa que lhes faça oposição é, automaticamente, "má". Mas, para entender esse aspecto da Deusa, vamos ter que transcender essa atitude fundamentalmente dualista.

As divindades hindus e budistas têm aparências multiformes, tanto benevolentes quanto coléricas. Na prática, é claro, ninguém imagina que a divindade em questão tenha uma identidade "boa" ou "má": a divindade é um todo inviolado que pode, às vezes, aparecer sob formas que nos assustam ou chocam nas elaborações que precisamos fazer. Por exemplo: a bem-aventurada Branca Tara, da longa vida, é inteiramente compassiva com seus devotos, mas pode aparecer sob outras formas, tais como Kurukulla, cuja função é a de subjugar o mal:

Presto homenagem àquela da cor vermelha
revelando suas presas, cujo corpo é medonho,
ornamentada com os cinco sinais da ferocidade,
cujo colar é metade de cem cabeças humanas,
que é a conquistadora de Mara.

A Desafiadora transmite, certamente, a idéia de que a Deusa é toda doçura e sabedoria.

Nem mesmo a Senhora do Céu, a própria Inanna, está isenta de se confrontar com a Desafiadora. Quando desce ao Mundo Subterrâneo para assistir aos ritos funerais de seu marido, Gugulanna, é despida seqüencialmente de seus adornos reais e trazida nua à presença de Ereshkigal, sua irmã mais velha, que é a senhora do Mundo Subterrâneo:

Então Ereshkigal fixou sobre Inanna seu olhar mortal
E pronunciou contra ela a palavra da ira.
E contra ela pronunciou o grito de culpa.
Ela a golpeou.
Inanna foi transformada num cadáver,
um pedaço de carne putrefata
e foi pendurada num gancho na parede.

Nesta história, Inanna pode não duvidar de seu poder pessoal como Rainha do Céu, mas tem que ser despida de seus símbolos de função divina, um por um, até que entre nua no Mundo Subterrâneo. Contudo, embora Ereshkigal deseje a morte de Inanna, ela mesma é golpeada dolorosamente e fica gemendo, pois ambas são partes de um todo.

A Desafiadora é, freqüentemente, representada como a Senhora dos portões do Mundo Subterrâneo. O supremo exemplo disto vem da Melanésia, onde Le-Hev-Hev desafia todos aqueles que vêm à sua terra, após a morte, para prestar contas. Ela ou se arrasta sobre a areia que fica em frente a seu complexo mas imparcial labirinto, ou então se aproxima do labirinto e elimina parte dele, deixando que a alma adivinhe o resto do plano. Se a alma for bem-sucedida, conhecerá o caminho para passar pelas regiões do Mundo Subterrâneo. Caso contrário, Lev-Hev-Hev a comerá no jantar.

A Desafiadora não é permanentemente agressiva, mas convida, com freqüência, ao desafio, de forma que o que está gasto ou velho possa ser renovado. Na história de Arafo sobre a Mulher Coruja Branca, a Desafiadora aparece no inverno que tem que ser ultrapassado para que a primavera possa chegar. Ela submete Raw Gums — um bebê prodigioso — a uma série de perguntas rituais:

> "O que anda mais rápido?", perguntou a Mulher Coruja Branca, preguiçosamente. "É o cérebro, que viaja rapidamente e a grande distância," respondeu Raw Gums. "Qual o animal mais inofensivo que existe"... "Bem, a criatura mais inofensiva é o coelho."... "Qual das duas mãos é a mais útil?"... "É a mão esquerda, porque ela é inofensiva, pura e sagrada", respondeu Raw Gums. "Bem, netinho, você respondeu as minhas perguntas corretamente e, por isso, este é um dia de glória para você. Agora, pode dar um golpe no alto de minha cabeça", disse a velha Mulher Coruja Branca, inclinando-se. Raw Gums golpeou, então, sua cabeça com um malho de pedra, explodiu seu crânio e os miolos se espalharam, misturando-se à neve que foi derretendo gradualmente. Esse é o motivo pelo qual há uma estação de vegetação.

A deusa hindu Chinnamasta e a tibetana Varjayogini são similarmente representadas decapitando a si próprias e alimentando os outros com seu sangue. Seus pés descansam sobre um casal unido em relações sexuais. Ela aparece para desafiá-los com sua faca em forma de foice, mas, na verdade, torna o conhecimento tântrico disponível através de suas ações.

Às vezes, a Desafiadora apresenta formas de superar o mal, mas só o faz se o suplicante puder, igualmente, superar preferências naturais. Nisso, a Desafiadora é a professora de compaixão, aquela que afirma a verdade sobre a influência da Libertadora e de A Que Dá Poderes.

Histórias de homens defrontando-se com velhas bruxas feias são endêmicas na lenda céltica. Quando o rei Arthur é desafiado por um gigante, Gromer Somer Joure, para descobrir o que as mulheres desejam, dirige-se, primeiro, a seu cavaleiro, Sir Gawain, para que este o ajude a encontrar a resposta ao enigma. Ele se defronta com uma bruxa chamada Dama Ragnell, que oferece a solução em troca de seu próprio casamento com Sir Gawain. Arthur concorda em ceder seu cavaleiro e Gawain, firmemente cavalheiresco, aceita sua repugnante noiva. Gromer chega e é informado acerca da verdadeira resposta do enigma, exclamando, com repugnância, que só sua irmã poderia ter permitido essa solução.

Gawain se casa e fica sozinho com sua noiva na noite de núpcias. Dama Ragnell lhe pede um beijo, que Gawain lhe dá, alegremente. No momento em que o casal está abraçado, Dama Ragnell se transforma numa bela mulher. Repelindo as manifestações de prazer de Gawain, ela lhe diz que ele deve escolher entre tê-la bela de dia e feia à noite, ou feia de dia e bela à noite. Incapaz de decidir entre a vergonha pública e o sofrimento privado, Gawain lhe solicita que decida por si mesma.

Esta é a resposta ao enigma — diz ela — pois as mulheres desejam ter o controle sobre os homens que amam.

Nesta história, a Cailleach céltica (Mulher Velha) se torna, ao mesmo tempo, Desafiadora e Aquela que Dá Poderes, sob a forma da encantada Dama Ragnell. Ela libera Arthur de seu compromisso com Gromer, que ameaça o reino, e é também liberada por Gawain de sua forma desafiadora, por ter acertado na resposta ao enigma. Com a Desafiadora, nada é de graça, mas, quando é recompensada de maneira não egoísta, ela mesma é generosa.

Na verdade, a Desafiadora exige que suas dívidas sejam pagas. A deusa asteca Tlazolteotl era considerada a purificadora de seu povo e somente seus sacerdotes podiam ouvir confissões de culpa. Como essa confissão a Tlazolteotl só podia ser feita uma vez ao longo da

vida, muitos astecas a adiavam até o momento da morte. No entanto, no momento da morte, não podia haver fraude.

A Daena é a Desafiadora a quem as almas dos mortos têm que encontrar antes de passar pela ponte que os levará ao céu ou ao inferno. Ela aparece como a soma total das ações boas ou más da pessoa. Se a alma levou uma vida correta, a Daena será encantadora com ela e a conduzirá em sua passagem pela ponte. Se os atos da alma foram maus, a Daena aparece como bruxa, que arrasta a alma da ponte e a leva para o inferno.

Assim como a Medidora estabelece o tempo em movimento, a Desafiadora faz com que o tempo retorne para ela mesma e concede uma prorrogação que é tanto profunda quanto surpreendente. Com a Desafiadora, velhos padrões são reafirmados, de tal modo que não

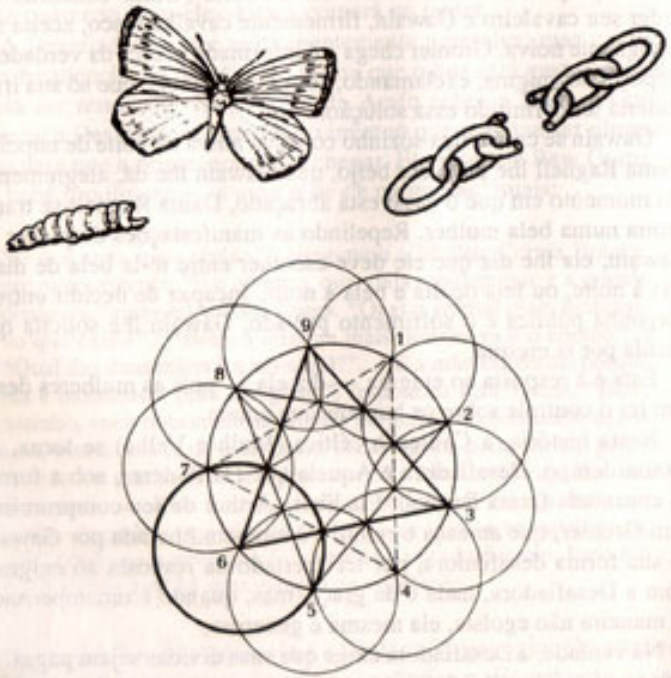


Fig. 14 *O círculo da Libertadora com seus símbolos de uma borboleta saindo de uma crisálida e uma corrente partida.*

há como fugir de seu comprometimento. Ela é a guardiã dos segredos do tempo e da eternidade. Por isso, não importa quais lições nos estejam destinadas; para que possamos aprender seus ensinamentos nesta encarnação, a Desafiadora as reafirmará para nós, de forma que possamos agir sobre elas de modo mais eficiente. Essa é, portanto, a função abrangente da Desafiadora que é tocada pelo *insight* dinâmico da Iniciadora.

Se padrões repetitivos ameaçam nos limitar dentro do estereótipo de nosso verdadeiro eu, a Desafiadora nos confrontará repetidamente, dizendo, "Aprenda bem esta lição", até que estejamos prontos para reagir positivamente, ela não pode ser liberada ou afastada do seu objetivo. Aqueles que amam a Deusa valorizam esse aspecto pela sabedoria que contém, na medida em que ela nos conduz através da dor em direção a um alegre *insight*. Se você resistir, fique certo de que ela perseguirá seus passos até o fim.

É melhor encontrar com a morte e acertar as contas antes que a própria morte venha cobrar velhas dívidas. A Desafiadora extermina tudo que atingiu o limite de seu termo. Ela impede sua continuidade, pois sua sabedoria se destina a renovar a face da terra e purificar os cantos sombrios do coração. Sua compaixão não está em paralelo com sua força efetiva.

Sexta sabedoria: A Libertadora

Mergulhei no seio de Despoina, Rainha do Mundo Subterrâneo;
Passei com passos ansiosos ao Círculo desejado:
E agora venho como suplicante da Sagrada Perséfone,
Que por sua graça me recebe nos assentos destinados aos Abençoados

Inscrição encontrada enterrada nas mãos de um iniciado nos mistérios elêusicos.

A Iniciadora nos leva mais ao fundo do Templo da Sabedoria, enquanto a Desafiadora guarda o caminho. Agora, a Libertadora nos conduz ao centro dos Pátios Internos e à revelação que está sinalizada pelos símbolos encontrados sobre a porta dessa câmera: a borboleta surgindo da crisálida e uma corrente quebrada.

A função da Libertadora é penetrar na profundidade do sofrimento e transformá-lo. Por esse motivo, assume, freqüentemente, o fardo do sofrimento ou da mortalidade, para executar tal função.

Já examinamos um episódio dos Mistérios Elêusicos. Agora, vamos nos voltar sobre a história completa do *Hino Homérico para Deméter*. Perséfone, a amada filha de Deméter, quando estava num prado, colheu um narciso, mas, ao fazê-lo, a terra se abriu e Hades, Senhor do Mundo Subterrâneo, a seqüestrou para o reino dos mortos. Hécate, deusa da magia, ouviu seus gritos e, com uma tocha acesa na mão, foi contar a Deméter o que tinha acontecido e para onde sua filha havia sido levada. Deméter vestiu, imediatamente, um grande manto preto, como sinal de tristeza. Juntas, dirigiram-se a Helios, que lhes disse que Zeus tinha escolhido Perséfone como esposa para seu irmão Hades. Isso não consolou Deméter, que veio a Elêusis vestida como velha e, lá, foi ser ama de Demophoön. Quando a mãe da criança reclamou da maneira pela qual a babá estava tratando seu filho, Deméter imediatamente reassumiu sua beleza divina. Depois de ordenar ao povo de Elêusis que construísse um templo para si, produziu um ano insuportável para a humanidade: as estações foram interrompidas e a época do cultivo nunca apareceu.

Pressionado pelas preces dos mortais, Zeus permitiu que Deméter me visse em Perséfone, com a condição de que sua filha não houvesse comido nada enquanto estava no Mundo Subterrâneo. Mas Hades tinha dado uma romã a Perséfone e ela a comeu. Assim, o período de tempo que ela podia permanecer, a cada ano, com sua mãe, era regulado pelo número de sementes que havia no interior da romã. A alegria de Deméter e Perséfone por se reencontrarem foi aumentada por Hécate, que também abraçou a jovem, tornando-se sua serva e companhia daquele momento em diante. Deméter instruiu os guardas de seu templo, em Elêusis, acerca de seus mistérios e a terra recuperou a fertilidade.

Essa história simples envolve camadas complexas. Embora seja Perséfone quem desce ao Mundo Subterrâneo, o papel da Libertadora é desempenhado por Deméter e Hécate e também por Perséfone. As três deusas formam então, em alguma extensão, um grupo múltiplo, no qual Deméter e Perséfone desempenham o papel principal da Libertadora e Hécate fica no papel de Tecelã, embora Deméter e Perséfone assumam a aparência que é, normalmente, associada a Hécate, a tecelã e feiticeira, já que Perséfone desce ao Mundo Subterrâneo para a longa separação de sua mãe, que lhe é imposta, e lá se torna a Senhora dos Mortos. (Neste papel ela também é chamada de Despoina, a Senhora.) Deméter sofre ainda uma transformação do tipo da que Hécate sofreu, passando da condição de uma deusa

profundamente carinhosa, cujo cabelo é da cor da espiga de milho, para uma abatida velha consumida pela dor.

A descida de Perséfone e sua alegre volta foi o tema dos Mistérios Elêusicos, nos quais os adoradores celebravam e pessoalmente reencenavam as três fases da Libertadora. Eles carregavam tochas para iluminar o caminho, como fez Hécate, sofriam através do jejum e purificação, como Deméter e, finalmente, vivenciavam a ressurreição da Perséfone do reino dos mortos. No longo curso dos Mistérios Elêusicos, nunca houve nenhum iniciado que tivesse divulgado os ritos secretos que Deméter inaugurou, embora alguns tenham escrito sobre eles em linguagem velada: "Triplamente felizes são aqueles mortais que, tendo visto estes ritos, partem para Hades; para estes há a garantia de terem uma verdadeira vida lá. Para o resto, só há o mal."

Assim escreveu Sófocles sobre os Mistérios Elêusicos. A Libertadora — se acreditamos nas palavras de Sófocles — libera a alma dos horrores da morte física. O fato de Perséfone permanecer no Mundo Subterrâneo durante parte do ano não é um fracasso da Libertadora, mas sua realização, pois todos os seus iniciados podem se voltar para Deméter enquanto vivem ou para Perséfone, quando morrem, enquanto Hécate iluminará os caminhos intermediários com sua tocha ardente.

Explorar plenamente a natureza do sacrifício faz parte do modo de ser Libertadora. A palavra "sacrifício" é muito mal interpretada, porque traz, em si, implicações de oferenda de sangue e de renúncia amarga ao que é preciso. O uso corriqueiro que fazemos da palavra omite seu significado vital e essencial que é o de "tornar sagrado". A Libertadora torna todas as coisas sagradas ou santas; ela as transforma num todo, religando-as a seu objetivo sagrado. Há, sempre, uma grande dose de sentimentalismo masoquista cercando a ação transformadora da Libertadora. Isso pode ser testemunhado a partir do desenvolvimento do mesmo papel na cristandade, na qual Cristo aparece como Salvador e inumeráveis ícones da crucificação e imagens de devoção para sua sofredora mãe abundam. Quando dizemos isso, não queremos subestimar a ação de nenhuma divindade libertadora, pois esses desequilíbrios provêm do alinhamento incorreto dos devotos com o princípio da transformação libertadora, e nunca da própria divindade. No entanto, o simbolismo intrínseco do cristianismo teve a tendência de conduzir a uma glorificação do sofrimen-

to em alguns de seus pontos cardeais. E esse legado ainda está conosco.

A Libertadora não promove sofrimento inútil, embora ela mesma passe, muitas vezes, por grandes tormentos, ao assumir os sofrimentos dos outros e transformá-lo, pela capacidade que tem de corresponder com compaixão. Não há nada de virtuoso ou glorioso no sofrimento: nem tampouco ele nos torna, necessariamente, pessoas melhores, a menos que possamos encontrar nossa própria capacidade de sentir compaixão. O ego de algumas pessoas é, certamente, estimulado pelo sofrimento: ele se *torna* sua doença e elas relutam em ficar curadas por causa do status ou atenção que recebem como lucro secundário decorrente do seu sofrimento. A Libertadora acaba com este logro auto-imposto.

A maneira pela qual a deusa sumeriana Inanna desce ao Mundo Subterrâneo e fica pendurada num gancho, como se fosse carne assando no espeto, pode parecer uma caricatura da libertação, mas gera uma comparação com a prática tibetana da Chöd. A mestra dessa prática tradicional é Machig Lapdron, cujo estudo da *Prajna Paramita Sutra* (o Discurso da Sabedoria Transcendental) lhe ensinou que não há uma auto-essência, que um ego separado é tolice. Os praticantes de Chöd seguem o exemplo de Machig Lapdron e oferecem, literalmente, seus corpos.

Eles visualizam a consciência, abandonando-os e transformando-se em irados dakinis, que cortam o corpo, transformando sua essência num néctar que é oferecido a todas as espécies de seres. Essa extraordinária prática visual é uma abertura e uma oferenda do que normalmente percebemos ser nossa individualidade. Ela transcende a identidade pessoal, transformando o corpo físico num alimento para toda a criação. A colérica dakini, com sua faca em forma de foice, efetua essa transformação, deixando o corpo em pedaços, exatamente da mesma forma como Inanna foi tratada.

Às vezes, a Libertadora escolhe a mortalidade de um modo bastante específico. Há muitas heroínas de lenda que podem ser consideradas sob este aspecto. São mulheres nas quais a Deusa fincou raízes e construiu sua casa. Às vezes, a própria Deusa assume a mortalidade.

Rhiannon fica noiva de Gwawl no Mundo Subterrâneo, onde mora, mas em vez de casar-se com ele, prefere tornar-se uma mulher mortal e escolhe Pwyll como seu companheiro. Ela dá à luz um

filho, que é roubado na mesma noite de seu nascimento, pelos agentes de Gwawl. Para justificar sua falta de atenção, as parteiras inventam que Rhiannon matou e comeu seu próprio filho. Embora Rhiannon lhes implore para que digam a verdade, persistem nesta calúnia e assim, a Rainha de Dyfed é julgada e condenada a ficar numa elevação, perto dos portões, onde contará a todos que vierem por aquele caminho a história do seu crime, oferecendo-se para carregá-los até a entrada nas costas, como se fosse um cavalo. Ela tem que suportar esse castigo durante sete anos, até que seu filho, que foi raptado e criado por Teyrnon, venha ao tribunal para libertar sua mãe, através de sua simples presença.

A grande mestra tântrica, Yeshe Tsogyel, alcança uma grande libertação, em todos os níveis de sua existência, através da disciplina espiritual, concentrada em tal medida, que se torna uma perfeita dakini, capaz de dar poderes, curar e ensinar. A agressão que sofreu, ao ser estuprada, pode render frutos às muitas vítimas de agressão em nosso próprio tempo. Yeshe é aquela que consegue transformar, sempre uma ação e, assim, acaba transformando até o estupro numa experiência positiva: "Se os estupradores de uma mulher pudessem ser conduzidos a um profundo reconhecimento de sua realidade existencial, através da experiência que uma mulher lhes dá, não existiria nenhuma situação que não pudesse ser revertida em benefício, ao longo do caminho." Seus agressores ficam espiritualmente iluminados, assim que entram em contato com ela, e seu ato de violência se transforma em iniciação.

Ela é capaz de pacificar e destruir sua violência e enriquecer e dirigir sua espiritualidade.

Shekinah, da tradição judaica, foi a co-criadora, junto com Yavé, do mundo todo. De acordo com uma Amora Babilônica (comentário da escritura) do terceiro século, e com a tradição cabalista subseqüente, a Shekinah deixou voluntariamente o paraíso para ficar entre seu povo. Esse fato aconteceu tanto no momento em que Adão e Eva foram expulsos do paraíso, quanto mais adiante, quando os israelitas construíram o Tabernáculo: "Naquele dia aconteceu algo, inédito desde a criação do mundo. Até então, Shekinah nunca tinha morado entre seres inferiores. Mas desde a época da construção do Tabernáculo, habitou entre eles."

No entanto, quando os israelitas concluíram sua caminhada pelo deserto, o Tabernáculo foi alojado no templo erigido por Salomão, em Jerusalém, onde acreditava-se que Shekinah morava. O Templo

foi destruído duas vezes: uma vez no exílio babilônico e outra sob a ocupação romana. Muitos judeus devotos, depois da Diáspora, estudavam, para se transformarem, eles mesmos, em lares que fossem dignos de Shekinah, que acreditava-se estar sem moradia desde a destruição do Templo. O relacionamento especial que os devotos tinham com Shekinah lhes trouxe a libertação do exílio, dando-lhes acesso ao estado sagrado, que antes só estava disponível no paraíso.

A Libertadora age como aquela que acaba com todas as formas de cativeiro. Liberta pessoalmente qualquer coisa que esteja retida — seja presa ou privada de movimento. Seu método consiste em ir às raízes do bloqueio e, literalmente, explodi-lo, para que haja liberdade.

Neste ponto, a Libertadora guarda forte semelhança com a Criadora de Tudo, que está disposta a se deixar fazer em pedaços.

A imagem simbólica desta transformação é a da borboleta emergindo da crisálida: da morte e da destruição aparentes surge uma nova forma de vida. Assim, nascemos da Libertadora, renovados e transformados para viver de forma mais eficiente dentro de nosso campo de atuação escolhido.

A Libertadora é uma forte aliada de todos aqueles que se sentem injustiçados pela vida, pois ela mostra a ilusão que é a autopiedade e permite que toda a criação penetre nos mistérios do seu olhar compassivo. Nenhuma experiência é pavorosa a ponto de nos impedir de encontrar a compaixão da Libertadora dentro de nós. E é essa compaixão que acaba com nossa servidão ao medo. No atual clima de consciência feminina emergente, há grande necessidade da Libertadora. Quando as mulheres tiverem ultrapassado os estágios iniciais de raiva e recriminação, a compaixão da Libertadora será essencial para elas, caso não desejem permanecer no papel de eternas vítimas.

A Libertadora quebra a corrente que nós, irrefletidamente, passamos ao redor dos outros. Essa corrente é forjada de sofrimento, decepção, frustração e desespero, que são as energias que, inconscientemente, projetamos sobre os outros, transformando-os em companheiros e escravos de nossas preocupações obsessivas e autoilusórias. A Libertadora diz: "Aqui, a corrente está irrevogavelmente quebrada; deixem que haja um novo começo." Seu sacrifício é grande o suficiente para que nos habilitemos a partilhar da transformação do espírito trazida por ela. Por ser a oitava mais alta da Protetora, ela é nossa guardiã máxima e aquela que mostra o caminho, pois desde as alturas do céu até as profundezas de nosso desespero, não existe lugar onde ela não esteja.

Vamos nos voltar, agora, para os Pátios da Sabedoria e descobrir o largo caminho que leva, novamente, ao mundo exterior.

Os Pátios da Sabedoria
Sétima sabedoria: A Tecelã

> Mas havia a casa da Deusa e lá eles ficavam, no portão,
> E Circe os ouvia cantar com uma adorável voz interior.
> Enquanto ela tecia a teia imortal, essas obras que o povo divino conquista,
> Essas obras tão completamente gloriosas, delicadas e belas.
>
> Homero, traduzido por William Morris
> *A Odisséia*

Os Pátios da Sabedoria nos mostram uma outra tríade de funções, na qual a Deusa trabalha para nos dar os meios de continuarmos a vida.

A porteira da Sétima Sabedoria é a Tecelã. A Tecelã já foi designada como Feiticeira, Encantadora e Bruxa, mas nós a chamaremos de Tecelã, pois a arte especial que desenvolve é a de tecer. Seus dois símbolos são a teia de aranha e a máscara. Como a aranha, ela pode tecer teias sobre essa porta ou então colocar em nossas mãos o fio condutor que nos levará para fora do cristalino labirinto do Templo.

É assim que Hécate leva Deméter a Perséfone, e a essa conduta é imitada por inúmeros iniciados nos Mistérios Elêusicos, que abaixam suas tochas de modo sagrado para reencenar os santos ritos. Hécate encontra-se numa encruzilhada, sob uma lua minguante, junto a cachorros ganindo sua canção de amor. É ela quem concede os dons: "Pois, como foi até hoje, sempre que um homem que estiver sobre a Terra oferecer grandiosos sacrifícios e rezar pedindo proteção, segundo o costume, estará invocando Hécate... (Zeus) não lhe fez nenhum mal nem nada tirou da parte que lhe pertencia desde a época dos antigos deuses Titãs; mas ela mantém, — como a divisão foi feita desde o início — o domínio da terra, do céu e do mar."

A Tecelã é, também, uma dissimuladora, motivo pelo qual há uma máscara sobre a porta de sua câmara. Hécate se apresenta com três cabeças: a de serpente, a de cavalo e a de cachorro. Quando Circe invoca Hécate nas *Metamorfoses*, as pedras começam a

ribombar, os cachorros latem e a terra fervilha de cobras negras, tal é a força com que a feiticeira invoca a Tecelã. Circe possui também a capacidade de transformar os homens em bestas selvagens, como Ulisses e seus companheiros descobriram.

Já vimos, anteriormente, um exemplo dessa capacidade de mudar a forma, em Ceridwen, que associa os papéis de Iniciadora e Tecelã (ver página 81 do livro). E ela não rejeita assumir a aparência de qualquer animal que existe na terra, mar ou ar em sua perseguição a Taliesin.

Segundo os valores do mundo físico, a mutabilidade da Tecelã deve ser considerada suspeita. Da mesma forma que a Energizadora, de cujo poder dinâmico compartilha e estimula, a Tecelã coloca em

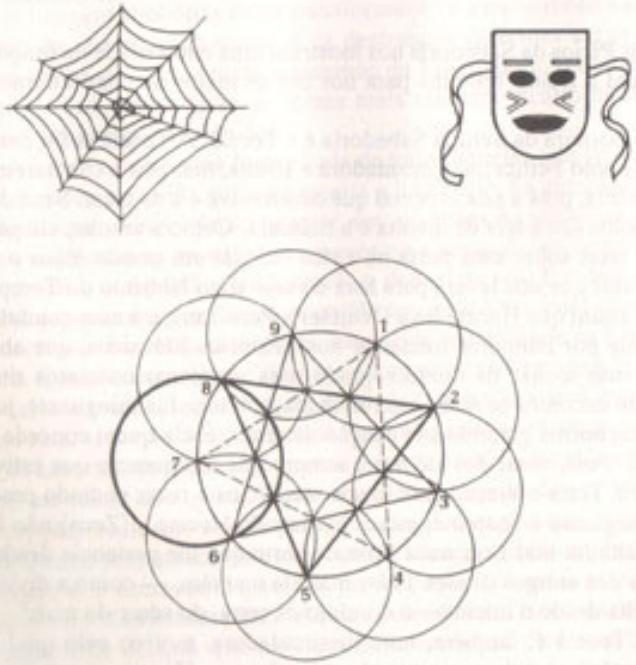


Fig. 15 O círculo da Tecelã, com seus símbolos da teia e da máscara.

discussão o reino das aparências. Ela é a senhora dos mundos mutantes e muitas vezes é apresentada sob a forma de uma mulher do reino das fadas, que atrai os mortais a regiões fantasmagóricas, enganando-os e encantando-os. Com exceção daqueles que passaram pela experiência de se deixarem enganar por seu ar fraterno, os outros não conhecem esse aspecto da Iniciadora, que pode, assim, agir impunemente. Aqueles que, como Thomas, o Rimador passaram pelo reino das fadas, descobrem que voltaram a um mundo que envelheceu, embora tenham adquirido a "língua que não consegue mentir", ou o dom da verdadeira profecia e visão. É a Tecelã que concede esses dons, da mesma forma que os da música, poesia ou cura, a seus favoritos, em troca de um companheirismo mágico.

A Tecelã parece ser imune a qualquer tentativa feita para subordinar seus poderes. Vimos, anteriormente, como Zeus foi incapaz de despir Hécate de seus poderes titânicos ancestrais. Um tema semelhante aparece na história de Isis. Ela manda uma cobra envenenada para morder Ra, o mais alto dos deuses. Em sua fraqueza, ele chama Isis para socorrê-lo, mas ela finge ser incapaz de curar o ferimento, a menos que ele lhe revele seu nome secreto. Como o nome continha o poder essencial de Ra, Isis devolveu a saúde do deus, mas o conhecimento de seu nome secreto lhe transmitiu seu poder.

Essa aptidão para obter e exercer o poder não é surpreendente, pois a Tecelã pertence a Tríade dinâmica (ver página 55 do livro) e *dynamis* significa poder. O uso do poder pela Tecelã tem muito a nos ensinar sobre nosso próprio potencial mortal, pois estamos sempre à procura de poderes mágicos ou de um "pagamento" cósmico, que nos garantirá a obtenção de poderes. A Tecelã nos ensina que isso é uma ilusão, como fica evidente na história que se segue.

Os Sioux contam que um monstro, em forma de cobra, chamado Unecegila vagava, outrora. A pessoa que o matasse e retirasse seu coração de cristal obteria grandes poderes premonitórios, de persuasão e previsão. O monstro só poderia ser abatido se alguém lhe desse um tiro no sétimo ponto que ficava atrás da sua cabeça. Mas havia um problema: a pessoa que olhasse para Unecegila morreria e o mesmo também aconteceria com o resto de sua família.

Dois irmãos gêmeos decidiram tentar a proeza. O mais jovem era cego e, por isso, ficaria invulnerável a Unecegila. Mas, se não enxergava, como iria matar o monstro? Os irmãos foram ao encontro da Velha Mulher Feia e lhe rogaram que lhes desse suas flechas mágicas, que nunca erravam o alvo. A Velha Mulher Feia viu que eles eram pobres e exigiu que um deles dormisse com ela. O irmão mais

velho recusou-se a fazê-lo, porque era muito feia, mas o irmão cego concordou e, imediatamente, ela transformou-se na Bela Mulher Jovem. Ela fez as flechas e profetizou que o irmão cego voltaria a enxergar e, quando isso acontecesse, voltaria para ela.

Os rapazes enfrentaram Unecegila com sucesso e tiveram o cuidado de ignorar os rogos do seu coração de cristal para que fizessem certas coisas que o trariam de volta à vida. Com o sangue do monstro, o irmão cego recuperou a visão. Guardaram o coração de cristal e ouviram seu conselho: ele lhes daria grandes poderes, que tornariam ambos chefes importantes. No entanto, o exercício do poder acabou transformando-se num incômodo para os irmãos porque, a partir daquele momento, passaram a acertar sempre o alvo, saber o futuro e encontrar belas mulheres. Então lembraram-se do que a Jovem Mulher Bela lhes tinha dito: se o coração de cristal fosse visto por outra pessoa, além dos dois irmãos, perderiam seus poderes. Assim, convidaram todos para virem à tenda onde o coração de cristal estava guardado e o jogaram pelos ares, quebrando-o em mil pedaços. A responsabilidade de controlar o poder saiu, imediatamente, dos ombros dos irmãos, que voltaram, novamente, à sua vida rotineira.

Unecegila e a Velha Mulher Feia atuaram, nesta história, nos papéis de Desafiadora e Tecelã. Unecegila é uma fonte do poder incomensurável e objeto de sua matança. A Velha Mulher Feia ajuda os irmãos a alcançar o poder, mas um deles tem que se deitar com ela, mesmo indo contra sua inclinação natural. Eles aprenderam que o poder total vicia e traz descontentamento — uma mensagem que a Velha Mulher Feia tentou lhes transmitir. A Tecelã se avalia em relação a reação dos rapazes e eles se encontram desejando algo, até que encontram a liberdade que resulta de "abrir mão" do poder. O significado dessa história é que a utilização pessoal do poder corrompe, mas partilhar o poder para o bem da tribo beneficia a todos.

Em Isis, podemos observar a combinação de aptidões de praticar a magia e de curar, uma facilidade que é concedida a todas as bruxas. Num papiro do século dezesseis foi encontrada a seguinte prece feita a ela: " Ó Isis, tu que és a grande Maga, cura-me, liberta-me de todas essas coisas que são ruins e nocivas, da demoníaca doença fatal, que pertencem a Set, — como salvaste e libertaste teu filho Horus."

Isis, como Ceridwen, é uma alquimista. Ela é chamada de "Rainha das Trevas". Essa expressão se deriva da palavra usada para

designar o Egito, que é a "Terra do Solo Fértil ou Negro". Ela também se refere ao negrume da *matéria prima* — a substância essencial, a partir da qual o ouro é transmutado. A Deusa foi ao templo de Hormanouthl e lá lhe foi dado o conhecimento da alquimia. Isso é mencionado na observação de Plutarco sobre os mantos de Isis: "Os de Isis são variados em suas cores: pois seu poder está relacionado à matéria, que em tudo se transforma e tudo recebe, luz e claridade, dia e noite, fogo e água, vida e morte, começo e fim." Antes que a pedra negra possa transformar-se em ouro, passa por uma diversidade de cores, chamada em alquimia de "cauda de pavão". O manto muito colorido de Isis tece e cobre toda a vida.

A Tecelã, quando está sob a forma de Tlazolteotl, certamente inspira medo, pois, nesse momento, aparece como bruxa arquetípica. Ela cavalga um cabo de vassoura através da noite, sob seus quatro aspectos, usando um chapéu pontudo alto e freqüentando encruzilhadas, onde muitas decisões importantes são tomadas. Mas esse aspecto da Tecelã como Feiticeira é realmente mais profundo. Junto com a Iniciadora, a Tecelã guarda os mistérios e tece, novamente, os padrões que criamos para nossa vida. O que consideramos como encantamento é, normalmente, auto-ilusão, uma paranóia autocriada, na qual a Deusa, como Encantadora, é o objeto de nossas projeções e carrega o fardo de nossos problemas. A Tecelã reafirma a energia selvagem da Energizadora e usa os mistérios da Iniciadora para tecer sua visão. Está tão perto dos mistérios da vida e da morte que pode atuar como curandeira, profetisa, alquimista ou dakini. Aqueles que temem a proximidade da morte a invocam, pedindo-lhe ajuda, embora normalmente rejeitem a Tecelã como feiticeira quando são desafiados. A Tecelã é a confidente dos processos terapêuticos, a mestra dos sonhos e da sua interpretação, a leitora do tarô, a rainha cigana. Ela é a mediadora ou parteira, que vê além do que aparentamos ser. Os que trabalham com o esoterismo sabem que ela é digna de todo crédito e deve ser vista como uma intermediadora habilitada entre este mundo e O Mundo Após a Morte, que não deseja iludir o verdadeiro viajante e que conduzirá o diletante a algo alegre, disfarçando e fingindo como ela faz.

A deusa egípcia Neith era chamada de "A que abre Caminhos" e era considerada uma espécie de Anubis feminina, dando orientação no caminho que leva ao Mundo Subterrâneo. Seu símbolo, que é o de uma seta, foi mais tarde substituído pela laçadeira da tecelã. Ela ficou conhecida como mágica e árbitro entre Horus e Set. Seu

templo em Sais ficou famoso pela inscrição que nele havia: "Eu sou tudo o que foi, que é e que será. Nenhum mortal foi ainda capaz de tirar o véu que me cobre."

Ariadne é a sacerdotisa da Tecelã e deposita nas mãos de Teseu o fio vermelho que o conduz para dentro e para fora do labirinto. Podemos observar, aqui, como a Iniciadora e a Energizadora são subordinadas ao aspecto da Tecelã, que ambas estimulam, iniciam e da qual revelam os mistérios.

Antes de Eva tornar-se a mãe de todas as criaturas vivas, Adão era casado com Lilith, que tinha uma prole de filhos gigantescos, cujos poderes não eram iguais aos da espécie humana mortal. Apesar de a tradição semítica posterior ter representado Lilith como a rainha dos demônios, ela deveria ser chamada, de forma mais adequada, de mãe original dos daimons. O *daimon* era o espírito ou gênio que morava em cada alma e cuja ajuda motivacional inspirava os mortais. Em seu significado original, daimon não tem conotação de intenção maligna.

Aqueles que procuram a Tecelã chegam à essência dos mistérios da vida criativa, porque ela é a suprema alquimista e artista, uma mestra da magia muito capacitada. Esses poderes não devem ser temidos, salvo por aqueles que não têm os pés fincados na realidade — uma experiência que a Preservadora fornece de muito bom grado.

É por isso que a Tecelã fica na porta dos Pátios da Sabedoria, ocultando e dissimulando o mistério da Deusa daquilo que é profano, até que o último véu entre nós e a Deusa seja levantado pelo conhecimento.

Oitava sabedoria: A Preservadora

> No campo luminoso e não lavrado, vós fizestes a divina Espiga de Milho nascer; salve, ó vós, Mesa Viva, que dá lugar ao Pão da Vida; salve, Senhora, fonte perene de água viva.
>
> Hino Acádico

A Tecelã está preocupada com a estimulação e o aparecimento de novas formas de vida e seu desenvolvimento. Já a Preservadora surge para manter e nutrir a vida. Pode parecer, a princípio, que a Preservadora e a Criadora de Tudo são uma só, a mesma, mas não é assim. A Criadora de Tudo é responsável pela criação; a função da Preservadora é manter a existência. Os símbolos principais de sua

função são a fogueira e o jarro cheio de grãos, que estão expostos em sua porta de entrada.

A Preservadora pode, às vezes, dar a impressão de estar mal adaptada, por ficar ao lado de aspectos tais como a Mediadora e a Desafiadora, embora seja sua oitava mais alta. A Medidora estabelece os limites da realidade, a Desafiadora patrulha esses limites, mas é a Preservadora quem neles habita, soprando-lhes o hálito da sua vida que sustenta.

As mais antigas histórias existentes sobre a Preservadora mostram uma preocupação muito grande em relação à alimentação do corpo. A deusa japonesa Ukemochi, que significa, literalmente, "deusa que produz alimento", fornece alimento através do vômito. Enquanto olha para a terra, expele arroz; olhando para o mar, o peixe; olhando para as montanhas, vomita carne de caça. De forma um tanto parecida com a Criadora de Tudo, Ukemochi cria alimentos a

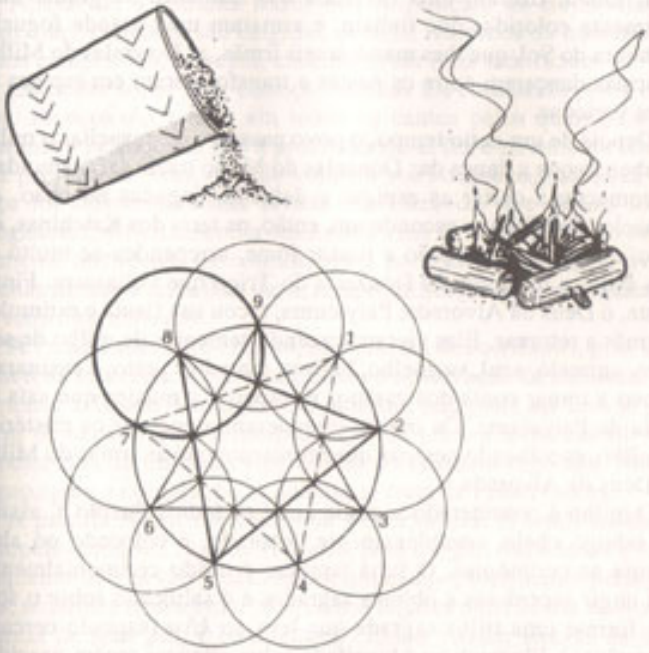


Fig. 16 *O círculo da Preservadora com seus símbolos do jarro cheio de grãos e da fogueira.*

partir da utilização de partes de seu corpo, mais do que o faz ao utilizar a terra:

> Da cabeça são criados o boi e o cavalo; da fronte, o milho miúdo; das sobrancelhas, o bicho-da-seda; dos olhos, o pasto; do ventre, o arroz; da genitália, trigo e grãos. Esses produtos são levados pelos mensageiros e mostrados à Deusa-Sol. Depois, Amaterasu produz sementes de grão e designa uma divindade para semeá-los para a futura subsistência da humanidade. Ademais, ao colocar o bicho-da-seda em sua boca, ela enrola seu fio — e foi assim que descobriu a arte da cultura do bicho-da-seda.

Isis fala da mesma maneira de si mesma: "Fui a primeira a revelar aos mortais os mistérios do trigo e do milho." Na verdade, sem os grãos que existem no mundo — trigo, milho e assim por diante — a humanidade teria que caçar para se manter viva. Os índios Pueblo mal conseguiam sobreviver do ralo capim que crescia onde moravam. Então, fizeram uma oferenda das sementes de grama mais vivamente coloridas que tinham, e armaram uma grande fogueira em honra do Sol, que lhes mandou seis irmãs, as Donzelas do Milho. As irmãs dançaram entre os pastos e transformaram em espigas de cores variadas.

Depois de um certo tempo, o povo passou a desrespeitar o milho e, sabendo que a dança das Donzelas do Milho trazia safra abundante, começou a cortar as espigas e deixá-las jogadas no chão. As Donzelas do Milho se esconderam, então, na terra dos Katchinas, e o povo, que tinha começado a passar fome, arrependeu-se muito de suas ações e implorou às Donzelas do Trigo que voltassem. Finalmente, o Deus da Alvorada, Paiyatuma, tocou sua flauta e estimulou as irmãs a retornar. Elas vieram trazendo sementes de milho de seis cores: amarelo, azul, vermelho, branco, pintado e preto, e ensinaram o povo a tomar conta dos campos e respeitar a música que saía da flauta de Paiyatuma. Os índios aprenderam a encenar os mistérios do milho, escolhendo pessoas que representavam as Irmãs do Milho e o Deus da Alvorada.

O milho é considerado sagrado entre os índios Pueblo e, assim, um sabugo cheio, complexamente decorado, é colocado no altar durante as cerimônias. O fubá também é usado cerimonialmente, para ungir sacerdotes e objetos sagrados e é salpicado sobre o solo para formar uma trilha sagrada que leva ao *kiva* (sagrado cercado subterrâneo). Ele também é borrifado sobre crianças recém-nascidas e sobre os campos, para que recebam a bênção do favor divino.

Em todo o mundo agrícola, os diversos rituais da colheita e semeadura refletem a natureza da Preservadora. Já vimos como Deméter e Perséfone exerceram a mesma função através da inauguração dos Mistérios Elêusicos, que são, num certo sentido, a semeadura da terra, e, em outro, a frutificação do espírito. Ovídio descreve os ritos de Ceres e a alegria da colheita:

> Três vezes ao redor do milho recém-colhido
> Gira o guia da vítima abençoada, enquanto todo o coro,
> Em alegre companhia, entoa um cântico litúrgico
> Convidando a Deusa a vir a suas portas humildes.
> E não deixe que nenhum ceifador toque o milho amadurecido,
> Com foice afiada, até que suas sobrancelhas se unam
> Com barbante de folha de carvalho, enquanto ele caminha com agilidade e leveza
> Em simples dança entoando canções de louvor a Ceres.

Apesar de a colheita trazer boa disposição, as cerimônias de conciliação também são exigidas. A fome recíproca da humanidade e dos campos são, às vezes, encenadas em ritos sacrificiais.

Colocada sobre uma carroça, Nerthus foi conduzida pelos campos, abençoando a terra em todos os cantos pelos quais passava. Durante o período em que a procissão ritual fez o circuito da terra, a paz prevaleceu. Mas, quando voltou a seu bosque sagrado, sua carroça foi cerimonialmente lavada por escravos, que depois foram afogados. É difícil entender esses ritos à luz de nossa provisão relativamente abundante de comida, mas, para as pessoas que viviam apenas do que a terra lhes dava, tempos difíceis exigiam a aplicação de remédios amargos.

A Preservadora, no entanto, não precisa de sacrifícios, pois ela é generosa se fizermos uso equilibrado e observação da natureza. Ela pertence à Tríade Abrangente e, por isso, não pode ser levada para além de seus limites. Superprodução da terra a torna estéril. Uso excessivo de fertilizantes e pesticidas deixa o solo esgotado. Não há espaço para a complacência quando se trata da Preservadora.

A própria Maria é o centro da Preservadora. A lenda medieval européia conta sua fuga de Herodes, para o Egito, com Jesus e José. Enquanto os três vão passando por um campo, fortemente perseguidos, sementes começam a crescer nos lugares onde Maria deixou as marcas de seus pés, e os ocultam: "Então vieram através da terra arável os homens de Herodes, que eram de adoração gentia; e, embora fosse um acontecimento inesperado, as pessoas colheram o que

tinha crescido de forma tão súbita." Ao preservar a vida de seu filho, Maria também dá a vida aos campos e alimento às pessoas que ajudam a Família a se esconder.

No entanto, nem só de pão vive a criação. A recriação da vida também faz parte da esfera de ação da Preservadora. A alegria e o prazer são dela, assim como também as diversas formas de arte que são parte da vida. Quando Hathor brigou com Ra, seu pai, Thoth foi incumbido de persuadi-la a voltar: "Sem você, os templos ficam vazios e silenciosos. Sem você, não há música nem dança, nem riso ou embriaguez. Sem você, os jovens e velhos se desesperam, mas se voltar comigo agora, harpas e pandeiros, alaúdes e címbalos soarão novamente. O Egito dançará, o Egito cantará, as Duas Nações se regozijarão como nunca o fizeram antes."

O aspecto principal de Hathor — entre os muitos que ela tem — é a capacidade de dar alegria. Embora continue também a agir como Preservadora no Mundo Após a Morte, onde às vezes se encarna como Senhora do Sicômoro ou se esconde dentro de uma árvore de sicômoro, ela aparece à alma dos que partiram desta vida com fruta, pão e a água das boas-vindas. Ao partilhar, com ela, dessas coisas, a alma se torna hóspede da Deusa e aceita sua orientação e ajuda.

O Rio Sarasvati, ao norte da Índia, é a encarnação física da Deusa Sarasvati. Suas águas abundantes trazem fertilidade às regiões secas e, como Soma, ela se espalha pela criação. (Acredita-se que Soma é a essência ambrosíaca dos deuses.) Ela é representada com sua *vina* (instrumento musical indiano de quatro cordas), símbolo do seu patrocínio, sobre as artes e ciências que alegram o coração de todos.

A deusa grega Mnemosina, a mãe das Musas, também pode ser olhada à luz da Preservadora, porque protege as fontes da memória.

Talvez o melhor exemplo que exista da Preservadora seja o de Brígida, conhecida como a patrona dos poetas, artesãos e curandeiros. Ela é a preservadora da tradição porque, nos países célticos, a poesia é um ofício sagrado, que transcende o mero ato de versificar. Lá, os poetas são a encarnação da memória ancestral. A aptidão para trabalhar com metais sustentou toda a cultura céltica e o artesanato era considerado uma profissão mágica. Os mistérios druídicos da cura também estavam sob a proteção de Brígida, como foi amplamente difundido na rede de informações que há sobre ela nas Ilhas Britânicas.

Algumas destas fontes preservam tradições de qualidades curativas, e as árvores de espinho que ficavam próximas a seu santuário eram, normalmente, enfeitadas com "patinhas" ou farrapos de roupa que os devotos amarraram nos galhos, como prova de sua enfermidade. Brígida foi incorporada a Sta. Brigit de Kildare, que tinha como um de seus símbolos a vaca da prosperidade. Conta-se, em muitas lendas, a capacidade miraculosa que possuía de prover cerveja *ale* (espécie de cerveja), laticínios ou peixes.

Brígida era cerimonialmente reconhecida como a guardiã do fogo doméstico na Escócia Gaélica.

> Vou acender o fogo da lareira
> Como Maria faria.
> Espalhar Brida e Maria
> No fogo e no chão,
> E em todo o lar.

Um cântico semelhante é entoado no final do dia, quando o fogo é apagado, ou abaixado. A dona da casa reúne as brasas num círculo e as divide em três partes separadas, com uma pequena protuberância no meio. Em seguida, três grupos de turfas são colocados nos lugares e as cinzas espalhadas por cima, de forma que a lareira fique com o fogo baixo e seguro durante a noite e possa ser facilmente aumentado pela manhã.

O santuário original de Sta. Brigit, em Kildare, mantinha um fogo perpétuo queimando, em honra da santa, e cada freira da congregação tinha seu turno de observação do fogo. Na vez da última, a décima-nona freira, ela deveria fazer: "Brígida, guarda teu fogo. Esta é tua noite." O ritual gaélico de acender a lareira pode bem ser um remanescente deste antigo costume, que foi interrompido durante a Reforma.

A deusa grega Hestia, como Brígida, era parte essencial da casa. Ela nunca era representada em estátuas, pois achava-se que estivesse presente no fogo. A construção de uma nova casa não era considerada verdadeiramente terminada até que a dona da casa trouxesse o fogo da lareira de sua mãe para acender a nova lareira. Este costume foi preservado pelos colonizadores gregos, que traziam o fogo da lareira pública da fundação da cidade-mãe para estabelecer novas lareiras. Hestia foi a primeira deusa nascida no Olimpo e o provérbio "Comece com Hestia" testemunha a importância atribuída a ela como Preservadora.

Os atos da Preservadora são comportamentos familiares domésticos, que pertencem à vida cotidiana, que temos a tendência a deixar de lado ou passar por cima por causa de sua familiaridade:

> As ações mais simples devem ser praticadas com plena compreensão do que representam, dando a elas a oportunidade de transmitir seu significado elementar a nossas vidas — derramar água de um vaso, assar pão, quebrar um ovo, observar os movimentos inconscientes daqueles que amamos, trabalhar a terra, comprar legumes, cantar uma música...
> Com esses atos, Deus, nossa Mãe, se comunica conosco através de seu corpo, dentro de sua própria criação misteriosa... Somos marcados, fisicamente, pelos símbolos da terra da divina Geradora.

Ao nos preocuparmos com essas ações diárias, despercebidas, que pontuam nossas vidas, entramos em comunhão com a Preservadora e nos tornamos, conseqüentemente, preservadores de nós mesmos. Ela propicia uma base na realidade que os que procuram venerar a Deusa jamais podem desprezar. E a pessoa que não consegue sentar-se ao lado do fogo, na qualidade de membro da família humana, e partilhar uma refeição com todos os que já estão lá sentados, não faz parte do círculo da Preservadora. Mas, os que amam a Deusa têm suas ações terrenas transformadas num sacramento, dentro do qual o todo da criação é englobado.

Nona sabedoria: A Que Dá Poderes

> Eu sou a resposta à minha pergunta,
> e o achado daqueles que procuram por mim.
> O domínio dos poderes que estão em meu conhecimento
> dos anjos que foram enviados por minha ordem,
> e dos deuses em suas estações por minha decisão
> e dos espíritos de cada homem que existe comigo,
> e das mulheres que habitam em mim.
>
> Do texto gnóstico *O espírito perfeito, trovejante*

A Tecelã estende sua teia de aranha; a Preservadora fornece alimento. E A Que Dá Poderes aplica a sabedoria. Os símbolos que estão sobre esta porta são difíceis de serem reconhecidos, pois sua variedade é grande e equivalente ao número de formas de sabedoria que existem. Há dois símbolos para o mundo ocidental, que são o espelho e o cachimbo da paz, embora você possa conhecer outros que sinta como estando mais próximos do seu coração.

A Que Dá Poderes inclui os aspectos da Protetora e da Libertadora dentro de si e é, de fato, sua oitava mais alta. A Protetora é a guardiã da pessoa jovem, não iniciada. A Libertadora é a que mostra o caminho do iniciado, que conhece a história da Deusa. A Que Dá Poderes oferece verdadeira maturidade para todos, deixando-nos "cheios da sabedoria das ruas" enquanto andamos pelo mundo.

Em cada país, em cada ciclo de tempo, há uma forma particular da Deusa usufruindo da honra suprema. Seja ela Isis, Kwan, Yin, Tara ou Maria, ela desfruta de crédito universal por realizar grandes mudanças.

Esta é uma das características Daquela Que Dá Poderes, e seu centro é tão forte que ela assume muitos aspectos sob sua proteção.

Dar poderes significa nos conceder a força que nos ajudará a tomar uma atitude efetiva em nossa vida. É, também, um processo

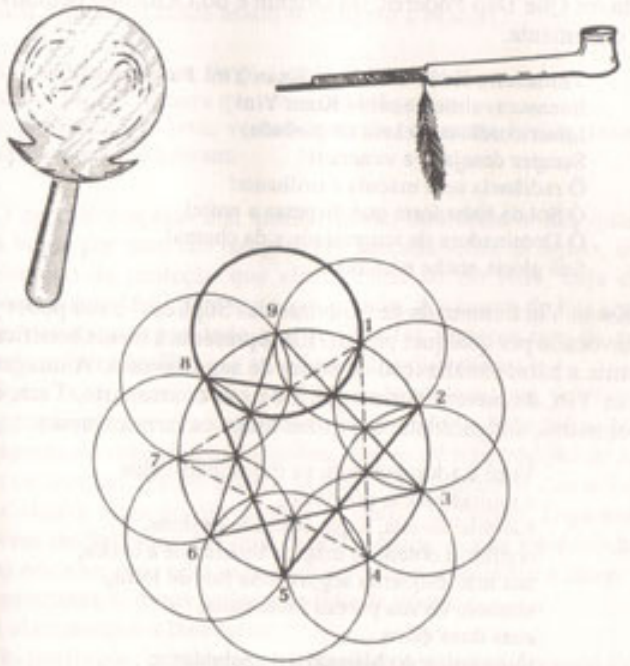


Fig. 17 *O círculo Da Que Dá Poderes com seus símbolos do espelho e cachimbo da paz.*

de duas vias. Quando recebemos, pessoalmente, os poderes, somos então capazes de dá-lo a outros. Mas a fim de receber poderes, precisamos estar unidos a nossa mestra. Se não há sentido em ser favorecido, ou se o estudante tem o mestre em baixa estima, então o conhecimento, que é o cerne desta dádiva de poder, não poderá ser estabelecido. Similarmente, o poder não será transmitido apenas num nível intelectual. Adquirir poderes perpassa as camadas da existência, afetando todas.

As formas Daquela Que Dá Poderes estão à testa da veneração popular, em todo o mundo. Pessoas muito simples e não sofisticadas têm possibilidades de obter poderes da Deusa, porque sabem, instintivamente, que pedir ajuda à Que Dá Poderes significa alcançar a essência da sabedoria. Um dos verdadeiros sinais que marcam A Que Dá Poderes é o de não ser conhecida, principalmente, por seus mitos, mas por suas realizações constantes. As principais divindades Que Dão Poderes, do Oriente e do Ocidente, demonstram isto claramente.

Verdadeira Kuan Yin! Pura Kuan Yin! Pura Kuan Yin!
Imensuravelmente sábia Kuan Yin!
Misericordiosa e cheia de piedade,
Sempre desejada e venerada!
Ó radiância sem mácula e brilhante!
Ó Sol da Sabedoria que dispersa a noite!
Ó Dominadora da tempestade e da chama!
Sua glória enche o mundo!

Kwan Yin é chamada de "Ouvinte das Súplicas" e seu poder pode ser invocado por qualquer pessoa. Ela representa a mente benéfica que permite a hábil canalização de poder de seus devotos. A imagem de Kwan Yin, da mesma forma que a da sua contraparte, Tara, eram encontradas, antigamente, em quase todos os lares chineses.

Você é adornada com os trajes mais belos
e muitas pedras preciosas,
sua mão direita, a que concede os dons,
confere a obtenção mágica àquele que a evoca,
sua mão esquerda segura uma flor de lótus,
símbolo de sua pureza imaculada,
suas duas mãos
são a união do Método e da Sabedoria:
corpo infinito de união,
Eu lhe presto homenagem.

No Ocidente, duas outras manifestações Da Que Dá Poderes, Isis e Maria, são, similarmente, unidas em linhagem, pois como vimos, Maria partilha muitos laços míticos com Isis.

A Que Dá Poderes também é vista como sendo um canal ou ponte de sabedoria. No caso de Maria, os dons do Divino Feminino estão incluídos nos dons do Divino Masculino.

Quantas alegrias jorram para o mundo
Do interior da fonte do vosso útero branco e profundo
De onde flui uma era recém-criada
E luz dourada, e Luz dourada!

No cristianismo, é Maria, acima de todos, quem dá poderes a Jesus e quem assume muitos títulos e funções que estamos aqui estudando como sendo qualidades da Deusa. Todavia, os ensinamentos ortodoxos ainda assim se dirigem a Maria:

Salve, pura Senhora, Propiciatória do mundo;
Salve, Escada da terra que eleva todos à graça;
Salve Ponte que leva, verdadeiramente, da morte à vida, todos aqueles que vos louvam.

O mesmo respeito era, similarmente, conferido a Isis quando, duas vezes por ano, sua imagem era lançada sobre as águas, como testemunho da proteção que ela oferecia ao rio Nilo, cuja cheia fornecia o solo fértil para um novo plantio. A viagem de Isis em seu navio denota a capacidade que A Que Dá Poderes tem de partir quando quiser espalhar sua sabedoria misericordiosa.

Outra herdeira mítica de Isis é Maria Madalena, que, nas escrituras gnósticas, revela a capacidade de transmitir sabedoria. Nessa passagem, ela consola os discípulos, depois da ressurreição de Jesus entre os mortos: "Pedro disse a Maria: 'Irmã, sabemos que o Salvador a amava mais do que amava às outras mulheres. Diga-nos as palavras do Salvador das quais você lembra — que você conhece, (mas) nós não, pois nem as ouvimos'. Maria respondeu e disse: 'Eu lhes proclamarei o que está escondido de vocês'.

E ela começou a lhes falar..."

Ela prossegue, para dar os ensinamentos secretos. Quando Pedro e André questionam seus ditos, Levi os repreende, porque ela é a "mulher que concebeu o Perfeito", e suas palavras devem ser leva-

das em consideração. Ela é, de muitas maneiras, a representante terrena de Sofia, Senhora da Sabedoria. *O Evangelho de Filipe* a chama de:

"a mãe dos anjos".

A descida de Sofia da plenitude do Pleroma (céu) para criar algo de novo sozinha, mostra a qualidade de libertação própria da Que Dá Poderes. Tanto Sofia quanto Shekinah se aproximam da criação, dando as costas aos papéis transcendentes que os filósofos queriam lhes atribuir. Se a glória do céu, a plenitude da bem-aventurança, deve ser negada à humanidade, então cabe aos homens permanecer no exílio, junto ao resto da criação, até que a última folha de relva volte ao Pleroma. A presença contínua de Sofia e da Shekinah entre nós, mesmo no íntimo das mais ortodoxas tradições religiosas, nos dá esperança de que a Deusa possa ser verdadeiramente entendida como A Que Dá Poderes em nosso tempo.

A Mulher Búfalo Branca aparece na tribo dos Lakota como Iniciadora e A Que Dá Poderes. Seu presente sagrado é o cachimbo:

> Com este cachimbo sagrado... vocês caminharão como se fossem uma prece viva. Com os pés repousando sobre a terra e a fumaça do cachimbo alcançando o céu, seu corpo formará uma ponte viva entre o Sagrado Inferior e o Sagrado Superior. Wakan Tanka sorri para nós, porque agora somos uma unidade: terra, céu, todas as coisas vivas, os que têm duas pernas, quatro pernas, os alados, as árvores, os prados. Eles estão todos relacionados, junto aos seres humanos, formando uma só família. O cachimbo os mantém unidos.

Este grande símbolo de unidade dos índios americanos dá poder às pessoas para que encontrem sua relação essencial com a criação — um poder que é partilhado pelo grande símbolo europeu, o Graal. O Graal surgiu através de diferentes portadores e textos também diferentes, embora a Donzela do Graal seja uma verdadeira representante da Que Dá Poderes. O Graal é o recipiente que permite tornar o deserto fértil, que faz com que o espírito melancólico fique alegre novamente. Seu portador tem um companheiro, o Mensageiro do Graal, que apartam o caminho aos cavaleiros que o procuram. A Bela Donzela do Graal, e o feito Mensageiro do Graal, fazem aflorar, entre si, a restauração da criação, a donzela por sua atração magnética e o mensageiro por sua amolação admonitória. Juntos, eles mostram a face dual da Que Dá Poderes.

A Que Dá Poderes desce aos fundamentos mais profundos de nossa necessidade. Ela dá remédios e atinge nossas necessidades diretamente. Ela dá ricos presentes com grande simplicidade: comida para os famintos, soberania em troca de um beijo e cura pela aplicação do semelhante ao semelhante.

Os tesouros com os quais ela nos fortalece sempre foram nossos, mas nós os rejeitamos como excessivamente familiares e comuns. Não costumamos usar os melhores recursos que temos, mas A Que Dá Poderes os guarda para nós, a salvo, além da esperança e do medo.

Através dos seus dons, ficamos, afinal, capacitados para usar nossos poderes latentes quando saímos do Templo para o mundo. Seus mistérios se tornam a matéria da vida cotidiana, pois a sabedoria viva da Que Dá Poderes se torna disponível para todos, na medida em que nos tornamos um exemplo desta sabedoria.

A Que Dá Poderes é, em última análise, aquela que nos permite abandonar a formalidade no estudo da Deusa, através da incorporação, de maneira ativa, de seus preceitos, em nossa própria vida. Não mais visitamos o templo para receber poderes, mas *somos* o templo e nossos corações são seu santuário.

Passamos pelo Templo da Sabedoria através de uma atordoante multiplicidade de formas e aspectos da Deusa. Mesmo assim, ainda há um aspecto a mais para experimentar. Não o especificamos aqui porque ele não tem forma, nome, é vazio, e só você poderá traçar seu desenho, experimentar seu sabor e sentir sua profundidade. Podemos chamá-lo de Espaço ou Imensidão, mas, se o fizermos, estaremos apenas usando palavras soltas. Na verdade, estamos nos referindo ao vazio necessário no qual a jóia do Templo da Sabedoria está pendurada. Essa instância também habita seu coração, pois, quando entramos num lugar sagrado, ficamos imediatamente limitados pelas paredes, teto e chão. É numa relação em que haja este vazio que devemos entrar, embora não seja necessário pensarmos nela como se fosse uma abstração. Nas palavras da Senhora Yeshe Tsogyel, que passou do estado humano ao de dakini e, finalmente, ao de Libertadora e A Que Dá Poderes, a explicação é a seguinte: "Onde quer que haja emoção humana, há vida sensível; onde quer que haja vida sensível há os cinco elementos; onde quer que haja os cinco elementos, há espaço; e na medida em que minha compaixão é co-extensiva ao espaço, ela permeia toda a emoção humana."

Esse aspecto é a Sabedoria preexistente, em cuja glória, a Criadora de Tudo e todos os seus aspectos emergem. Ela é o Espaço da Alegria Infinita e da Compaixão e sua música é a harmonia das esferas.

Quando pudermos nos sentir à vontade dançando no espaço, todas as formas e aspectos da Deusa cessarão de ser diferenciados entre si, porque teremos encontrado a Deusa em verdade. Porque, nas palavras de Sofia:

> Eu sou a substância e aquela que não tem substância.
> Aqueles que não se associam a mim não me conhecem
> e aqueles que estão em minha essência me conhecem...
> E o que você vê fora,
> você vê dentro de você:
> é visível e é seu traje...
> E lá você me encontrará,
> E você viverá
> E você não morrerá novamente.

PARTE 3

DANÇANDO NO ESPAÇO

7. O TEMPLO INTERIOR

Todo aquele que procura profundamente a verdade
Não será logrado por falsos caminhos
Voltará para si mesmo seu olhar interior
Explicará seus pensamentos delirantes às pessoas de sua casa
E ensinará a seu coração que aquilo que ele procura fora
Ele guarda em seu próprio tesouro dentro do peito.

A consolação da filosofia
Boécio

Nesta parte do livro, vamos investigar as inter-relações que existem na novena que acabamos de descrever em detalhes. Caminhamos através das câmaras circulares do Templo da Sabedoria, mas mesmo assim, precisamos saber de que forma a sabedoria de cada um dos aspectos da Deusa colore os outros. Vamo-nos lembrar dos nossos nomes desses aspectos, não esquecendo que todos derivam da Criadora de Tudo:

1. **A ENERGIZADORA**
2. **A MEDIDORA**
3. **A PROTETORA**
4. **A INICIADORA**
5. **A DESAFIADORA**
6. **A LIBERTADORA**
7. **A TECELÃ**
8. **A PRESERVADORA**
9. **A QUE DÁ PODERES**

No decorrer da parte 2, passamos por diversas tradições mundiais diferentes, a fim de dar exemplos acerca da natureza e função dos nove aspectos da Criadora de Tudo. Já vimos como, em apenas uma Deusa — Isis, por exemplo, — cada um desses aspectos pode estar presente e completamente atuante. Nunca há questionamento sobre a Deusa que fique limitado a uma única forma.

O próximo estágio do estabelecimento de relações com a Deusa deverá ser o de construir o seu próprio templo interior. Você já visitou o Templo da Sabedoria, mas essa experiência foi semelhante à de visitar um sítio sagrado numa viagem de turismo. A velocidade na qual você leu o livro foi o que determinou a extensão de sua viagem e eu, como guia turístico, posso tê-lo apressado ao passar por determinados locais nos quais você teria ficado mais tempo sem mim e, também, tê-lo feito demorar excessivamente em outros, que você considerava de pouco interesse ou significado. Esta parte do livro lhe permitirá assumir sua própria viagem na velocidade que lhe for conveniente.

O Templo que você vai construir precisa de um projeto, que apenas você pode fornecer. Os estágios de planejamento de seu programa de construção são cruciais, por isso, não os apresse. Talvez demore alguns meses até você conseguir chegar a algum lugar e, se apressar-se ao fazer o planejamento, agora, terá que executar algumas demolições mais tarde.

Vamos examinar um plano de construção simplificado do Templo. O pátio central ou câmara deste templo é a Criadora de Tudo — não importa sob que nome você a conheça. As câmaras que o circundam conduzem umas às outras, separadas apenas por véus, cortinas ou portas, como você quiser. Cada uma das nove câmaras leva à câmara central.

Usando uma agenda especial ou uma folha de papel grande, faça seu próprio plano do Templo. Não fique preocupado pelo fato de não existir portas dando acesso ao Templo. Esse é um Templo interior, que você construirá em sua imaginação. O desejo acompanha o pensamento, afirma a lei esotérica, por isso, da forma que quiser, assim será, em qualquer câmara que desejar.

Anote os aspectos em ordem, colocando a Criadora de Tudo no alto e usando o conhecimento e a compreensão que tem da Deusa para criar sua própria organização dos aspectos. Estes podem se derivar de uma mitologia específica ou tradição espiritual com a qual você está familiarizado, ou então você pode combinar mitologias usando as Deusas mais adequadas para montar seu próprio

roteiro de aspectos. Você também pode desejar enumerar os aspectos de uma Deusa em particular, como Kali ou Isis, que têm muitas qualidades claramente definidas ou devoções de culto. Se sentir alguma dificuldade em relação a qualquer um desses aspectos, visualize o ambiente correspondente, no Templo da Sabedoria, entre nele e peça ajuda.

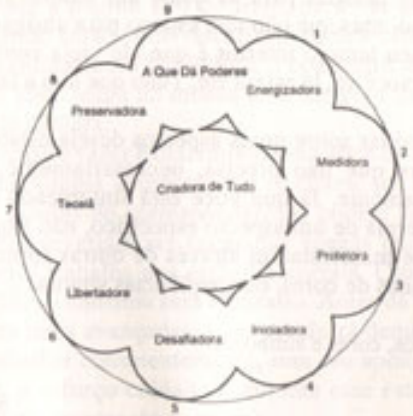


Fig. 18 *Templo da Deusa — espaço interior e mandala sagrada*

Sem procurar, conscientemente, um nome ou imagem, medite sobre o sentido e significado do aspecto em questão. Perguntas adicionais para ajudá-lo provocam reação e levam ao relacionamento com cada aspecto dado abaixo de forma prática.

Quando você está construindo um Templo, a primeira coisa que deveria fazer é uma consagração. A consagração de um sítio sagrado é sempre efetuada no momento em que o terreno é nivelado e preparado, mas antes que qualquer trabalho de construção tenha início. Você pode querer separar um período especial para meditação num dia, hora ou estação do ano que lhe for conveniente. Se nada sabe a respeito dos festivais da Deusa, poderá consultar *Juno Covella: Calendário Perpétuo da Irmandade de Isis*, que fornece a relação de dias santos associados às deusas da tradição mundial.

Que tipo de consagração você usaria? Você pode chegar a um tipo determinado através de muitas formas. Você poderá desejar consagrá-lo à própria Criadora de Tudo que escolheu. Por exemplo:

o templo de Rhea. Ou então há aspectos ou qualidades que o atraem. Por exemplo: o Templo de Nossa Senhora do Amor e da Sabedoria. Também poderá consagrá-lo a um panteão ou mitologia. Por exemplo: o Templo de todas as deusas nórdicas. Ou ainda escolher uma deusa e seus múltiplos aspectos, tal como a Nemeton (Bosque Sagrado) da Brígida de Nove Partes.

A consagração põe seu templo em funcionamento no plano interior. Há muitas pessoas para as quais um templo físico seria um grande conforto, mas que não têm espaço para abrigá-lo em casa. A vantagem de seu templo interior é que ele viaja com você — para onde quer que você vá, lá estará ele. Tudo que tem a fazer é construí-lo a seu redor.

Quando meditar sobre quais aspectos deseja estabelecer em seu templo, lembre que não precisa, necessariamente, visualizá-los antropomorficamente. Já que você está sintonizado com uma freqüência ou energia de um aspecto específico, não fique surpreendido se alguns se manifestarem através de outras formas simbólicas, tais como colunas de cores, ou freqüências sonoras.

Aspectos célticos, cores e símbolos

Aspectos	Deusas	Cores	Símbolos célticos
Criadora de Tudo	Danu	Preto	Via Láctea
Energizadora	Maeve	Azul	Touro
Medidora	Macha	Cinza	Broche
Protetora	Modron	Laranja	Manto
Iniciadora	Ceridwen	Amarelo	Caldeirão
Desafiadora	Morrighan	Vermelho	Lança
Libertadora	Rhiannon	Violeta	Chave
Tecelã	Arianrhod	Anil	Torre de cristal
Preservadora	Cessair	Verde	Navio
A Que Dá Poderes	Brígida	Branco	Chama

Como o meu interesse pessoal é pela tradição céltica, dei meu próprio plano de trabalho como exemplo. Se a tradição céltica é, também, seu próprio campo de interesse, você poderá discordar, enfaticamente, da relação que fiz. Na verdade, a lista pode ser rearrumada sem maiores dificuldades e colocada numa configuração alternativa, baseada em diferentes aspectos de cada deusa. Mas

você é livre para usar seu próprio modo de entendimento. O importante é que chegue a um espectro de nove partes, com o qual possa trabalhar, e se Freya ficar em companhia de Hera e da Mulher Mutante, não se preocupe. É melhor não misturar tradições, mas o critério de escolha é aquele que funciona para você.

Agora você está pronto para começar a trabalhar na construção e mobiliário do seu templo. O planejamento inicial terá lugar durante a meditação (veja a página 134 do livro, para ver as pautas sobre meditação) quando então você visualizará as dez câmaras do Templo. O autoquestionamento habilidoso o conduzirá através dos aspectos, até que você tenha ao menos uma imagem da Deusa representada em cada câmara.

A próxima coisa a fazer é determinar uma série de correspondências para sua simbologia. É preciso que eu chame sua atenção para o fato de que as tabelas de correspondências podem se tornar muito limitadoras. Elas deveriam ser encaradas apenas como o andaime sobre o qual você trabalha nos estágios iniciais. Quando o templo estiver construído, o andaime será abaixado. Antes de prosseguir em direção a tarefas mais avançadas, você precisará demolir esta estrutura e tentar trabalhar conscientemente, sem seu apoio.

Na verdade, o esforço cuidadoso durante esse estágio, resultará em maior clareza e integração posterior.

No exemplo que dei, relacionei apenas cores e símbolos, mas sua lista poderá incluir uma ampla variedade de critérios. Por exemplo: plantas, pedras preciosas, paisagem, tipos de clima, animais, música, um personagem histórico que exemplifique as qualidades de um aspecto específico e assim por diante. Um conjunto de critérios desse tipo é elaborado apenas para fixar a idéia do aspecto em sua mente, embora ele possa transformar-se, rapidamente, em material sem valor, se você não tiver muita clareza de perspectiva. Nada neste mundo é eternamente imutável, por isso, não se espante se seus símbolos mudarem na medida em que você mudar.

Quando você tem uma deusa claramente estabelecida em cada câmara do Templo, medite — em cada câmara — sobre o simbolismo de seus diferentes aspectos. Você poderá começar fazendo-se a seguinte pergunta: "Em que tipo de clima este aspecto se manifesta?" Você poderá decidir, então, que a representação que escolheu para a Energizadora se apresenta melhor num ciclone ou numa ventania, por exemplo, ou que a Preservadora se apresenta melhor numa suave chuva de primavera.

Na medida em que for construindo um novo símbolo ou correspondência, o Templo da Sabedoria começará a se tornar, para você, uma coisa viva. Você poderá achar que as paredes que erigiu, entre cada câmara, de forma tão cuidadosa, ficaram encobertas, que quando você entra numa outra parte do Templo toda uma paisagem se forma, que a Câmara da Medidora transformou-se numa arena colocada sob um céu calmo e cinzento e que tem ao fundo uma paisagem rochosa. Seja criativo e vivencie cada aspecto tão plenamente quando puder, permitindo que o Templo da Sabedoria se torne, assim, algo tão maravilhoso e variado quanto você gostaria que ele fosse.

Talvez você ache que certos aspectos não estão claros ou que você vivencia um bloqueio muito forte sempre que se senta para meditar. Observe essas coisas com muito cuidado e tome a decisão de trabalhar mais sobre elas, pois o que está acontecendo, sem dúvida alguma, é que você está reconhecendo aspecto do seu próprio eu aos quais resiste e que representam pontos cegos que você tende a evitar.

As perguntas que se seguem são apenas sugestões, mas elas poderão ajudá-lo a descobrir os aspectos ocultos sobre os quais você passou por cima, inconscientemente:

A CRIADORA DE TUDO: Faça uma lista de palavras cujos atributos lhe sugiram "Deusa". Na sua opinião, quais são os pontos da sua vida que estão mais pressionados? Será que eles poderiam funcionar como impulso para que você encontre maior realização e mais possibilidades? Qual é a base da sua vida?

A ENERGIZADORA: O que o mantém ativo quando você está num esquema rotineiro? Há alguma atividade que lhe fornece energia? Faça uma lista das energizadoras que você conheceu. Quais são as áreas da sua vida que precisam ser energizadas? Com quem você se parece quando está energizado?

A MEDIDORA: Há limites definidos para sua atividade? Que espécie de imagens definiram os limites da sua vida? Quais as áreas da sua vida que mais precisam da Medidora?

A PROTETORA: Descreva sua Protetora ideal. Faça uma lista com o nome das pessoas que o protegeram ao longo da sua vida. Em que setor da sua vida você mais precisa de proteção e contra o que? De que forma você protegeu outras pessoas?

A INICIADORA: O que você imagina que se esconde, para você, atrás da porta dos mistérios? Qual a pessoa que você imagina como sua iniciadora nesses mistérios? Por quais iniciações já passou em sua vida? Quais os iniciadores que conheceu?

A DESAFIADORA: Você vê os desafios como obstáculos a serem ultrapassados ou como algo com que deve se confrontar de forma sincera? Quais os desafios que a vida lhe oferece? Quais são os padrões repetitivos que a vida continua jogando sobre você?

A LIBERTADORA: Do que você precisa ser libertado? Em que pontos sua vida sofre os maiores bloqueios? Faça uma lista das libertadoras que você conheceu. Quando vai deixar seus sofrimentos de lado e como?

A TECELÃ: Para onde estão indo seus poderes criativos? Quais são as máscaras que você usa no mundo? Se tivesse poderes mágicos, como os usaria? Quais as áreas da sua vida que estão mais propensas à autodecepção?

A PRESERVADORA: Se o mundo fosse acabar amanhã e uma nave fosse colocada à disposição, com a possibilidade de colocar, dentro dela, qualquer coisa, qualidade ou idéia para ser salva, o que você levaria nela? O que mantém sua vida do ponto de vista físico, criativo e espiritual?

A QUE DÁ PODERES: Quais são os tesouros que você tem? Quais os talentos e aptidões pessoais que você tem e não está usando? De que forma você dá/tira poderes a/de si mesmo?

Estas e outras perguntas poderão ser feitas quando você quiser investigar sua própria reação a aspectos particulares da meditação. Através da dedicação criativa, você descobrirá que a Deusa, em seus muitos aspectos, o levará a um melhor conhecimento de si mesmo.

8. A TRIPLICIDADE DE NOVE PARTES

Construir seu templo lhe tomará muito tempo, mas, em compensação, você ficará progressivamente familiarizado com cada santuário e começará a explorar os relacionamentos que existem entre os aspectos que ali habitam.

Se você olhar para a fig. 19, verá que cada holofote que cerca os pontos mais importantes também cortam outros quatro círculos de influência. O aspecto central tem um relacionamento especialmente forte com os dois círculos que estão mais distantes, pois estes atam a cadeia de laços triádicos. No círculo 1 você poderá observar que a Protetora da Tríade Transformadora está em estreito relacionamento com a Energizadora, da Tríade Dinâmica e com a Desafiadora, da Tríade Abrangente. Isso nos dá um novo conjunto de relacionamentos triádicos.

O diagrama nos mostra todas as permutações possíveis dos inter-relacionamentos dentro das formas triádicas. Cada uma das Tríades alfabéticas forma um novo relacionamento de aspectos, que faríamos bem em explorar em detalhes, pois eles nos dão novas e estimulantes possibilidades de trabalho com a Deusa.

As triplicidades de nove partes

Os aspectos escritos em itálico representam o centro da tríade, isto é, o que lhe dá sua principal característica.

As triplicidades de nove partes

	Dinâmica	**Abrangente**	**Transformadora**
A	*Energizadora*	*Preservadora*	*Protetora*
B	*Iniciadora*	*Medidora*	*Libertadora*
C	*Tecelã*	*Desafiadora*	*A Que Dá Poderes*
	Abrangente	**Transformadora**	**Dinâmica**
D	*Medidora*	*A Que Dá Poderes*	*Iniciadora*
E	*Desafiadora*	*Protetora*	*Tecelã*
F	*Preservadora*	*Libertadora*	*Energizadora*
	Transformadora	**Dinâmica**	**Abrangente**
G	*Protetora*	*Energizadora*	*Desafiadora*
H	*Libertadora*	*Iniciadora*	*Preservadora*
I	*A Que Dá Poderes*	*Tecelã*	*Medidora*

Se unirmos as triplicidades, descobriremos que cada uma delas forma um triângulo isósceles e que a série completa dos triângulos isósceles forma uma estrela de nove pontas.

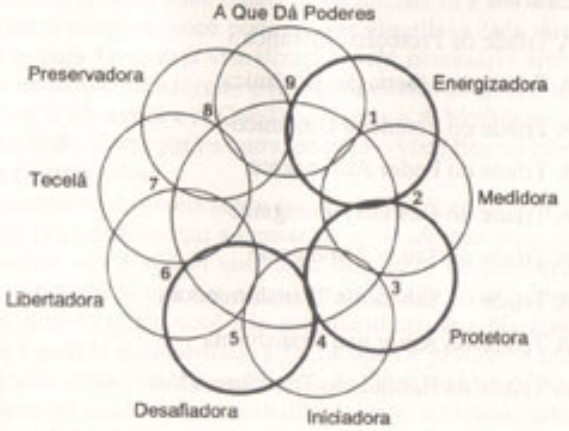


Fig. 19 *As ligações triádicas: mostrando o relacionamento que há entre a Energizadora, a Protetora e a Desafiadora.*

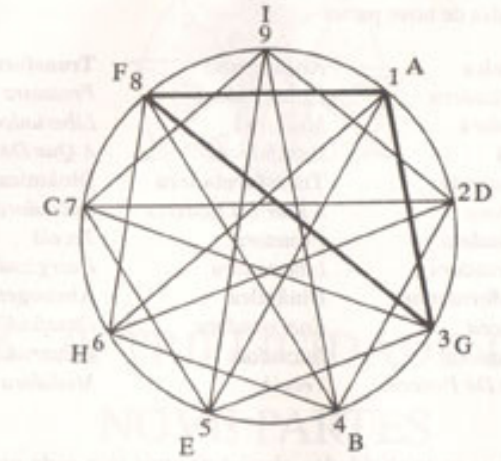


Fig. 20 *As triplicidades de nove partes — mostrando o relacionamento da Tríade de Proteção Dinâmica: Energizadora, Protetora e Preservadora.*

Estes novos conjuntos de tríades podem ser chamados de Tríades de Nove Partes:

A A Tríade de Proteção Dinâmica

B A Tríade da Libertação Dinâmica

C A Tríade do Potencial Dinâmico

D A Tríade do Poder Abrangente

E A Tríade do Destino Abrangente

F A Tríade da Saúde Abrangente

G A Tríade da Sabedoria Transformadora

H A Tríade do Amor que Transforma

I A Tríade da Habilidade Transformadora

Usando os aspectos que escolheu, pegue as tríades sucessivamente e medite sobre as qualidades de cada uma. Um bom método é o de se visualizar dentro de um triângulo formado por cada um dos aspectos relevantes. Pegue, por exemplo, a Tríade do Poder Abrangente e imagine-se olhando A Medidora de frente, enquanto que A Que Dá Poderes está à sua esquerda e a Iniciadora à sua direita. Para fortalecer a imagem, você pode querer visualizar cada um dos aspectos e, para fazer esta visualização, será necessário arrumar um pedaço de corda, para formar o triângulo dentro do qual você está; a Medidora o oferecerá e A Que Dá Poderes e A Medidora o receberão, passando-o uma para a outra, enquanto você fica no interior dos limites do triângulo.

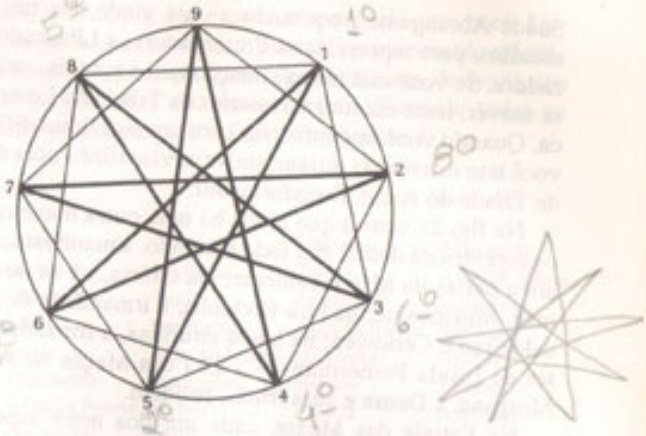


Fig. 21 *Estrela das Musas — este hieróglifo pode ser desenhado sem que seja necessário tirar a caneta de cima do papel: comece em 9, desenhe em direção a 2, a 4, etc., até que o lado de fora do círculo esteja unido em 9 e então comece a estrela desenhando de 9 a 4 e assim por diante.*

Enquanto você medita sobre estes relacionamentos e os aprende, bem que poderia começar a pensar na utilidade que estas permutações podem ter. É difícil conseguir um senso de perspectiva nos estágios iniciais, já que sua mente estará ligada a conceitos e associações com os quais você não está familiarizado. Na medida em que você ganhar desembaraço e facilidade de praticar a meditação consagrada, começará a perceber que as Triplicidades de Nove Partes podem ser usadas para o trabalho de cura, aplicado tanto a você quanto aos outros. Elas também têm utilidades mais amplas.

Se, por exemplo, você deseja descobrir sua verdadeira vocação na vida, poderá se visualizar dentro da Tríade do Destino Abrangente. Se quer ajudar um amigo doente, visualize-o dentro da Tríade da

Saúde Abrangente, recebendo a cura vinda dos três aspectos que escolheu para representar a Preservadora, a Libertadora e a Energizadora. Se você está numa situação que o entedia, onde nada parece se mover, tente meditar no interior da Tríade da Libertação Dinâmica. Quando você se confrontar com um indivíduo difícil, com quem você tem diferenças intransponíveis, visualize vocês dois no interior da Tríade do Amor Transformador.

Na fig. 21 vemos que ainda há uma outra maneira de olhar para os aspectos da deusa. Por todo o mundo, a manifestação essencial de nove partes da Mãe é evidente. Na Grécia, há as nove musas e sua mãe, Mnemosine; na Grã-Bretanha, a irmandade de nove partes do caldeirão e Ceridwen; na lenda arturiana, a irmandade de nove partes de Insula Pomoroum — a Ilha das Maçãs ou Avalon — onde Morgana, a Deusa e suas irmãs, residem.

Na Estrela das Musas, cada um dos nove aspectos está num ponto da estrela e o espaço central representa a Criadora de Tudo. Ela é ligada pelo Nó dos Filósofos, que gira em torno do círculo. Este hieróglifo pode ser desenhado sem que haja necessidade de tirar a caneta de cima do papel se os pontos que fazem a ligação forem desenhados primeiro.

Comece desenhando as nove linhas retas em torno do círculo a partir do ponto que escolher e termine no ponto em que começou; em seguida, você poderá começar a desenhar a estrela entrelaçada. Como da vez anterior, você poderá começar em qualquer ponto, seguindo, mistificadamente, os aspectos da Deusa de formas diferentes.

Agora, pare de ler e desenhe a Estrela das Musas para si mesmo: trace apenas o círculo e os pontos que ficam ao seu redor e, em seguida, numere-os e ligue as linhas, começando em qualquer ponto que escolher e usando uma régua e compasso se precisar deles. Agora, pense no traçado que você fez e medite sobre seus aspectos na mesma ordem em que o desenhou. Quando tiver terminado essa meditação, sombreie o pentáculo ou estrela de cinco pontas que aparece, de forma proeminente, no hieróglifo, usando uma cor diferente, mais suave, para sombrear os quatro pontos remanescentes.

Através da fig. 21 podemos observar que um pentáculo pode ser formado pela Que Dá Poderes, a Medidora, a Iniciadora, a Desafiadora e a Tecelã. Esse pentáculo lhe oferece uma outra maneira de trabalhar com os aspectos, num relacionamento que é mais complexo e enriquecedor do que as triplicidades ou tríades acima. Você descobrirá que há um conjunto de mistérios ocultos dentro das muitas combinações, mas nem todos estarão disponíveis para você. Outras combinações poderão, por vezes, "estalar" quando você registrá-las e é como se uma imagem holográfica independente, derivada dos cinco aspectos, surgisse em seu entendimento. Formule todas as combinações até que um pentáculo faça isso para você.

Pentáculos aspectuais

1. Energizadora	Protetora	Desafiadora	Libertadora	Preservadora
2. Medidora	Iniciadora	Libertadora	Tecelã	A Que Dá Poderes
3. Protetora	Desafiadora	Tecelã	Preservadora	Energizadora
4. Iniciadora	Libertadora	Preservadora	A Que Dá Poderes	Medidora
5. Desafiadora	Tecelã	A Que Dá Poderes	Energizadora	Protetora
6. Libertadora	Preservadora	Energizadora	Medidora	Iniciadora
7. Tecelã	A Que Dá Poderes	Medidora	Protetora	Desafiadora
8. Preservadora	Energizadora	Protetora	Iniciadora	Libertadora
9. A Que Dá Poderes	Medidora	Iniciadora	Desafiadora	Tecelã

Nos pentáculos, os outros quatro aspectos também são de grande importância, pois é através de suas colorações que os pentáculos assumem uma qualidade ou disposição distinta. São essas formas e modelos que ditarão a performance de certas histórias de mistério. Olhe para o pentáculo que escolheu e, usando cada um de seus aspectos, para nele colocar sua história, conte uma história espontânea para si mesmo. Você ficará surpreso ao ver como há muitas que você pode contar. E elas formarão a base dos seus próprios mistérios relativos à Deusa.

Para dar vida a essas tabelas e diagramas você precisará meditar atentamente e encontrar as aplicações práticas que elas têm, pois de outra forma serão apenas listas de permutações teóricas. A melhor forma de traduzi-las em realidade é a linguagem do ritual.

Ao realizar, verdadeiramente, o simbolismo, podemos chegar a entendê-lo de forma pessoal e imediata. Se você tem a sorte de trabalhar com um grupo mágico, poderá ter a oportunidade de ritualizar os nove aspectos em nove papéis, com cada membro do grupo representando um aspecto. Um décimo oficiante poderá assumir a parte do iniciado e caminhar na rota traçada pela Estrela das Musas e o Nó dos Filósofos.

Na medida em que ele ou ela chegarem a cada aspecto, os dois oficiantes poderão fazer perguntas um sobre o outro. Se você tiver

um núcleo de histórias de mistério, será capaz de encenar estes ritualmente. Se você trabalha só, não se desespere, pois poderá realizar os rituais sozinho. Para fazer o caminho da Estrela das Musas e do Nó dos Filósofos, você precisa apenas criar uma área de trabalho, na qual colocará nove objetos ou quadros representando os aspectos sobre o chão, num círculo. Sente-se para meditar no meio, a princípio, e depois, passe para cada um dos pontos.

Quer você trabalhe sozinho ou com amigos, faça-o com aspectos específicos, tríades ou pentateucos em cada sessão, em vez de tentar exercitar o Templo inteiro.

Chegamos, finalmente, à conclusão da visualização que começamos na Parte 2 com a estrela central e sua constelação de nove partes. Através de sua iluminação, exploramos o Templo da Sabedoria e construímos nosso próprio Templo interior. Na medida em que a Estrela das Musas se espiralar, novamente, no espaço, fique atento à deusa que há dentro de você agora, em todos os seus aspectos. Ela é sua sabedoria interior, sua criadora, energizadora, medidora, protetora, iniciadora, desafiadora, libertadora, tecelã, preservadora e a que lhe dá poderes.

Você é seu ornamento. Agora é hora de fechar este livro e sair para o mundo, e proclamá-la para onde quer que você vá.

O que mais é a casa de sua mãe
E seu espaço, a não ser os lugares secretos
de sua essência mais profunda?
Santo Ambrósio

9. ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU

Sua mente está plena de excelente concentração
Sua conduta é a de brincar com alegria e deleite,
Seu diadema das cinco divindades
Rindo animadamente com sabedoria — meditem sobre Ela!

O louvor em vinte e uma homenagens a Tara

Esta parte de exercícios práticos foi incluída para todos os que desejam ter mais do que um conhecimento teórico sobre a Deusa. Seu título é indicativo dos efeitos que você pode esperar se praticar os exercícios. A magia dos exercícios da meditação e visualização é muito potente e precisa ser contrabalançada pela aplicação prática na vida da pessoa. Fiz o possível para garantir que os exercícios tivessem um padrão equilibrado e eles são aplicáveis tanto a homens quanto a mulheres.

Gostaria de lhe dizer, agora, algumas palavras sobre sua performance: se você se sente indisposto, desorientado, confuso, descontrolado emocionalmente ou está tomando remédios, deixe esses exercícios de lado até voltar a um estado de equilíbrio. Ao abordar esta prática você precisará de três sentidos: senso comum (bom senso), sentido de proporção e senso de humor. Se achar que está ficando excessivamente sério, suscetível e cheio de orgulho na medida em que progride como sacerdote/sacerdotisa da Deusa, faça uma pausa.

Vá plantar algumas sementes, dê uma faxina na cozinha, limpe o banheiro ou faça alguns bolinhos. Mais importante: passe algum tempo junto a outras pessoas na praça, parque ou lavanderia, converse com elas e pergunte a si mesmo "o quanto minha prática espiritual é relevante para esta pessoa?" Se não conseguir pensar, sinceramente, em nada, revise sua prática rapidamente.

Estar com os pés fincados na terra é importante, mas é também preciso sonhar, deixar nossa fantasia ter livre curso, perceber possibilidades e tornar-se profético ou poético. Muitas pessoas descobriram que passar seu tempo com a Deusa lhes dá acesso a uma liberdade nunca sonhada; de repente, tudo se torna possível e até os dias sombrios de depressão financeira e trauma emocional são abatidos com raios de alegria.

REATIVANDO OS MISTÉRIOS DA DEUSA

Estamos sempre esperando por algum período mítico em nosso futuro, quando teremos tempo e capacidade de começar uma prática espiritual, mas fique certo de que esse momento nunca chegará. Por isso, comece sua própria celebração da Deusa exatamente onde você está e como você está *hoje*. Não ligue para o que outras pessoas e grupos estão fazendo: estabeleça sua própria prática e prossiga à luz da sabedoria da Deusa.

Se você é do tipo de pessoa que gosta de começar as coisas formalmente, então sente-se agora e tire um dia — pode ser na semana que vem ou no próximo mês — quando começará: em seguida, *aferre-se a isso*. Mas lembre-se de que hoje é sempre melhor do que amanhã e todos os dias é melhor do que uma vez por semana.

Antes de continuar a ler, comece a fazer, agora, sua consagração à Deusa. O fato de você ter ainda certeza sobre quem é a Deusa ou em que ponto de sua vida ela se encaixa não importa. O que interessa é que seu coração suspira por ela. Quando estiver lendo isto, feche os olhos e faça um esforço para entendê-la mais. Por exemplo: transmita a ela seus questionamentos e peça ajuda: *Será que posso colocar meus pés em seus caminhos?* ou então: *Mãe Sagrada* (nome/título da Deusa), *consagro meu estudo e prática espiritual a você. Ajude-me a prosseguir pela luz de sua sabedoria para que eu possa conhecê-la melhor.*

Um dos primeiros pré-requisitos da reativação dos Mistérios da Deusa em nossa época é a observação e a prática das simples ações cotidianas:

> As ações mais simples devem ser executadas com plena percepção de seu significado, dando-lhe a oportunidade de transmitir seu significado elementar em nossa vida: derramar água de um jarro, assar pão, quebrar um ovo, observar os movimentos inconscientes daqueles que amamos, trabalhar a terra, cortar vegetais, cantar uma música...
> Através dessas coisas, Deusa nossa Mãe se comunica conosco através de seu corpo, no interior de sua misteriosa criação... Somos fisicamente marcados pelos símbolos terrenos da divina Geradora.

Os mistérios da Deusa devem começar em casa, pois não há quantidade de ritos e práticas esotéricas que possam substituir sua presença em nossa vida. Não podemos esperar por circunstâncias ou condições especiais para trazer a Deusa à nossa vida e, quanto mais constante for a prática que você exercitar, mais cedo verá os resultados, pois movimentos habituais criam seus próprios círculos de influência. Assim que puder, separe um dia no qual possa estar completamente em sintonia com essa harmonia. Isso não significa que você não possa executar as tarefas diárias, mas que não deve escolher o dia em que estiver se mudando, sendo entrevistado para um novo emprego ou tendo um bebê (a menos que você já tenha adquirido prática!). Acorde mais cedo do que normalmente faria, ao alvorecer, se for possível e saúde o dia.

Consagre o dia à Deusa ou a um de seus aspectos. Você poderá, por exemplo, apreciar os cinco elementos: *ar* — Dela é o ar, precioso e preservador, que menos anima; *fogo* — Dela é o fogo, precioso e preservador, que me aquece; *água* — Dela é a água, preciosa e preservadora, que me purifica; *terra* — Dela é a terra, preciosa e preservadora, que me alimenta; *espírito* — seu espírito é precioso e penetrante e se espalha dentro de mim. Todas as vezes em que você entra em contato com os elementos, seja na primeira respiração consciente do dia, ao ligar o fogo do gás, lavar as mãos, preparar a comida e comer, ou ao receber o espírito que está em tudo e por toda parte, suas ações habituais podem ser uma lembrança constante da Deusa.

Permita que cada ação, pensamento e desejo que tiver encontre seu equilíbrio sábio e compassivo. Durante o dia, não tente montar suas próprias estruturas nem insistir nelas, mas "siga a corrente". Observe os quatro pontos do dia em reconhecimento à Deusa: alvorada, ou nascer do sol, meio-dia, crepúsculo e meia-noite, ou ao dormir.

MEDITAÇÃO E VISUALIZAÇÃO

Para construir seu templo interior você deverá se tornar uma pessoa habilitada a praticar a meditação e a visualização. Se esta afirmação o assusta, fique certo de que você já possui as aptidões necessárias para conseguir ser um bom meditador e visualizador. A meditação é simplesmente um estado de espírito no qual você deixa de lado as preocupações do dia, e procura o silêncio em seu interior e entra na tranqüilidade da espera. Durante a meditação, podemos nos tornar conscientes de realizações mais profundas relativas a nossas vidas ou de um tema específico de contemplação; no silêncio, podemos visualizar muitas coisas.

Há muitas formas de aprender um assunto, mas todos os caminhos de instrução incluem tanto a teoria quanto a prática. A meditação nos leva a um outro nível de treinamento, no qual devemos interagir com nosso tema sem professor, livro ou material interveniente. A meditação nos dá o "estágio de prova" do processo de aprendizagem, no qual o material está pronto e o método é usado de forma prática. A meditação é também o ponto em que a sutil comunhão entre nós mesmos e o assunto se torna criticamente importante, de forma que possamos ser capazes de distinguir o artista da obra de arte — pois a meditação é uma arte.

Antes de começar a meditação, determine um lugar e hora que sejam consistentes, tranqüilos e especiais para você. O lugar não precisa ter nada de especial — uma cadeira em seu quarto de dormir ou na cozinha, numa hora do dia em que você não seja perturbado — enfim, um espaço que você possa chamar de seu. Se tiver um santuário frente ao qual possa meditar, ótimo, caso contrário, monte uma figura emoldurada para ter uma ajuda visual à sua frente. Isso será suficiente e, embora não seja estritamente necessário, quando você começa a meditar, pode, por vezes, ser uma ajuda.

Quando estamos em meditação, eliminamos todas as causas do *stress* físico, mental e espiritual. Toda meditação exige uma postura vertical, apoiada, que é o motivo pelo qual os que praticam a meditação no Oriente adotam a posição de lótus, embora isso não seja essencial. A postura normal de meditação, para o ocidental, consiste em ficar sentado reto, numa cadeira dura com encosto e um apoio ou almofada para levantar o nível dos joelhos em relação aos quadris. Suas mãos podem ficar estendidas ao longo das coxas ou fechadas, frouxamente, em seu colo.

Aquietar a mente e limpar os bloqueios espirituais é muito mais difícil do que relaxar o corpo. Passe uns cinco minutos em preparação básica antes de começar sua sessão de meditação. Sente-se no lugar que escolheu para meditar e concentre-se em estabelecer uma postura confortável, apoiada. Em seguida, observe sua respiração, pois ela é o sinal mais indicativo de nossa condição interna. Quando estamos ocupados, costumamos esquecer de respirar tranqüilamente e, às vezes, chegamos a prender nossa respiração até que uma ação seja realizada.

Quando você tiver se acomodado na posição, deixe que sua respiração se torne, propositalmente, muito profunda, e diminua sua velocidade durante algumas inalações. Em seguida, deixe que ela encontre seu ritmo normal.

Se você não está acostumado com a respiração rítmica ou se sente inseguro sobre a forma de praticá-la, faça uma tentativa deitando-se na cama e colocando a mão sobre o diafragma. Enquanto fica deitado, em repouso, você sentirá sua mão subindo e descendo. Esta é a espécie de respiração necessária. (Não tente, no entanto, fazer nenhuma meditação concentrada enquanto estiver deitado na hora de adormecer!).

Encontrar a tranqüilidade inicial pode exigir uma grande dose de prática. O período de meditação não deverá ser desperdiçado com pensamentos a respeito do dia difícil de trabalho que você teve nem com a organização da lista de compras, embora todos nós tenhamos pensamentos intrusos. Faça uma afirmação verbal de seu propósito, como a que se segue, por exemplo:

> Estou entrando na calma que antecede a criação.
> Estou entrando no terreno da Deusa.
> Que meu corpo possa ficar tranqüilo,
> Que minha mente possa ficar em paz.
> Que meu coração possa estar pronto.
> Que tudo isso que realizo hoje possa beneficiar a toda a criação.

Ou, se quiser, você pode criar sua própria afirmação. Tire, também, alguns minutos para fazer exercício de respiração durante a meditação.

Agora, você está pronto para começar a meditar de verdade. Neste livro, as principais formas de meditação descritas são visuais, embora haja muitos outros tipos de meditação — com e sem forma. A visualização é uma forma muito ocidental de perceber e fixar a meditação. E a maioria das pessoas são visualizadoras treinadas na

vida cotidiana; podemos nos lembrar em que prateleira aquele livro de que precisamos está guardado, qual a localização de certas lojas, como conseguir ir de *A* a *B*. Através de todas estas ações, visualizamos uma estrutura existente: nossa prateleira de livros, nossa rua ou um mapa de estrada. Na construção de seu templo interior você está, realmente, antes de tudo, dançando no espaço, pois tudo o que você possui é um plano básico e algumas poucas descrições, também básicas, sobre os aspectos da Deusa. Essas informações iniciais devem ser suplementadas pela experiência, pois, diferente das locações e sítios, que são imutáveis e independem dos visitantes que recebem, a visualização fornecerá paisagens e imagens intimamente pessoais.

Primeiro, visualize onde você precisa estar e afirme sua intenção novamente. Por exemplo:

> Rapidamente, seguramente, sem medo,
> Procuro o santuário da Libertadora.
> Deste lugar para aquele
> De meu tempo ao tempo dela,
> Sob a proteção da Criadora de Tudo.

Esforce-se para *estar* presente, não fique olhando para si mesmo como se estivesse se vendo na televisão. Se sua visualização não está clara, faça perguntas a seu próprio respeito, como as que se seguem: era dia ou noite quando você entrou no santuário da Libertadora? Como ele é guarnecido? Quais os símbolos ou objetos que você viu? Quais as imagens que formam o ponto central?

Aprenda a acreditar na primeira coisa que enxergar, mesmo se a imagem parecer, a princípio, inadequada. Você poderá fazer perguntas sobre o que ou quem encontrou em sua visualização. Se vir um cesto de frutas no santuário da Libertadora, pergunte à imagem ou à própria cesta "qual é o significado desta imagem?"

Gradualmente você estabelecerá um clima de confiança e se tornará um experimentado viajante interior. Lembre-se sempre, ao deixar a cena, de fechar a sessão adequadamente. Concluindo, você poderá dizer:

— Entrei no Templo da Sabedoria, no santuário da Libertadora. De seu lugar a meu lugar, de seu tempo a meu tempo, sob a proteção da Deusa.

Ou, se você fez uma meditação geral sobre outro tópico diga:

> Estou voltando da tranqüilidade anterior à criação.
> Estou voltando do terreno da Deusa.
> Que meu corpo possa estar desperto,
> Que minha mente possa estar alerta,
> Que meu coração possa estar aberto,
> Que tudo que percebi possa ser benéfico para toda a criação.

Registre sempre, numa agenda especial, suas percepções a experiências obtidas durante a meditação, pois da mesma forma que os sonhos, elas desaparecem rapidamente.

SEU GUIA INTERIOR

Há muitos métodos disponíveis para nos capacitar a encontrar um guia interior ou espiritual que nos ajude a progredir. Talvez você esteja querendo encontrar um ou então entrar em contato com um guia que possa ser o mais adequado para seu conhecimento crescente da Deusa. De que forma você cuida disto?

Há uma gruta que não fica longe do Templo da Sabedoria e nela mora seu guia interior. Ele ou ela está a serviço da Deusa e sua tarefa é a de atuar como seu ajudante e instrutor. Sente-se para meditar e visualize um caminho à sua frente. Siga-o, pois ele leva à caverna de seu guia. Na entrada da caverna, há uma fogueira. Quando você se sentar ao lado dela, seu guia surgirá da gruta e se sentará à sua frente. Você poderá ver um homem ou uma mulher, pois o guia pode ser um sacerdote ou sacerdotisa do Templo da Sabedoria, cuja tarefa é ajudar os viajantes que procuram a Deusa. Visualize seu guia com muita clareza e pergunte o nome pelo qual ele gostaria de ser chamado. Seu guia não é uma divindade, mas um ser humano desencarnado, a quem você pode fazer muitas perguntas. Talvez leve mais de uma sessão para que você consiga ver e se comunicar com seu guia, de forma que você deve perseverar.

Seu guia esclarecerá questões importantes para o seu desenvolvimento espiritual e que podem envolver uma visão mais próxima de seu estilo de vida atual ou uma mudança de rumo para você. Pese sempre os argumentos que seu guia expuser em relação à verdade, relevância e eficiência, especialmente se você está temeroso de "puxar" o conselho através da auto-sugestão. Você deve se sentir à vontade com seu guia, nem intimidado nem surpreso.

Seu guia o ajudará a dar início à construção do seu templo interior.

Peça a ele ou ela que o leve lá. No fundo da caverna há um túnel subterrâneo, que leva às fundações do templo (mais tarde, você poderá estabelecer, abaixo do próprio templo, uma câmara, dentro da qual você poderá incubar sonhos que serão interpretados por seu guia). Durante o processo de construção seu guia o ajudará em qualquer momento de dificuldade ou decisão. Faça as perguntas com habilidade e ouça bem as respostas.

O ENCONTRO COM A DEUSA

Cada ser humano encontra a Deusa em seu próprio terreno e de seu próprio jeito. Ela não é uma figura remota, mas se você ainda não fez nenhum contato consciente com ela, poderá pensar assim. Os antigos modelos religiosos nos quais fomos educados nos transmitem um temor religioso quanto a abordagem do divino e, muito provavelmente também, uma espécie rígida de "palavra de deus" através da qual podemos nos comunicar com a divindade. Vamos deixar estes modelos de lado; eles não nos serão úteis aqui.

Em primeiro lugar, vamos encontrar a Deusa como Mãe e obter a confiança e intimidade de um filho em relação a ela. Esse comportamento é útil, embora não essencial, para a prática deste exercício junto a outra pessoa, que agirá como "parteira". Se você o está praticando sozinho, seu guia interior realizará essa função para você. Grave esse roteiro ou faça com que seu parceiro o leia em voz alta para você, deixando pausas adequadas para a melhor compreensão.

O processo de nascimento que é experimentado nesta visualização pode ser um tema de meditação traumático para alguns leitores, mas, em nenhum momento as dificuldades obstétricas que porventura aconteceram no nascimento do próprio leitor devem ser repetidas nesse roteiro.

Este exercício não tem nada a ver com a prática conhecida do Renascimento, que faz parte da Nova Era, nem deve ser associado a nenhuma de suas técnicas.

Volte ao tempo anterior ao seu nascimento ou concepção. Você está no espaço primordial, que fica além das dimensões de tempo e lugar com as quais está familiarizado. No espaço primordial, tudo existe potencialmente. Você é uma alma sem forma que se manifestará no interior deste espaço, esperando, tranqüilamente, pela chamada para se encarnar. Na profundeza do espaço primordial, sinta uma chamada insistente, cujo único objetivo é você, somente você. Vá, diretamente, à fonte desta chamada. Na medida em que você passar para essa fonte, se tornará consciente de outras potencialidades que giram em torno dela, semelhantes à forma pela qual as abelhas gravitam em torno da colméia. Enquanto você atinge seu objetivo, poderá ficar consciente das energias, cores ou padrões diferentes que giram e se unem.

A chamada está sendo emitida por um recipiente profundo, no interior do espaço primordial, que chama todas as partes potenciais do seu eu encarnado para dentro de si. Pela primeira vez, você, como puro espírito, começa a sentir os poderes criadores dos quatro elementos que se reúnem ao seu redor. Seu corpo físico está sendo formado e, pela terra e água da matéria, ele é coberto de veias pelo fogo do sangue e a inspiração do ar. Agora, você é um espírito encarnado, vivo, prestes a nascer. Dentro do útero, você está consciente do movimento do líquido, do ritmo regular e vagaroso de um coração. No entanto, o único sentido que você pode exercitar no útero é o do instinto e seu instinto lhe diz que você está protegido e guardado de todo o mal e, por isso, você se sente confortável durante seu estágio de crescimento.

Você está crescendo o tempo inteiro, tornando-se cada vez mais maduro. Seus membros e órgãos estão agora plenamente formados e chegou a hora de entrar, completamente, na dimensão dos quatro elementos, na qual seu espírito encarnado começará seu próximo ciclo. Você está pronto para nascer. As paredes do recipiente no qual se encontra fazem pressão e o impelem para fora. Para você, o processo do nascimento é tão lógico e sereno quanto sua encarnação. Sua tarefa de vida o espera, e começará assim que você vir à luz.

(Seu parceiro "parteira" deverá ser muito sensível a essa parte do exercício e, se for necessário, ajudá-lo e confortá-lo.)

Seu guia interior estará ao seu lado para ajudá-lo a nascer, para banhá-lo e vesti-lo. Ele/ela então o entrega — um ser humano recém-nascido — à mãe. Seus olhos estão abertos e você vê sua mãe pela primeira vez: ela é a própria Deusa, de cujo útero você nasceu. Ela o coloca em seu seio e lhe dá alimento. Os laços que se formam entre vocês dois são imediatos e familiares. Seu coração está alegre. No seio da Deusa, você recebe não apenas sustento físico, mas também espiritual. Sinta seus braços ao redor do corpo e ouça-a dizer seu nome secreto.

Acorde agora, filho da Deusa, e volte a seu próprio tempo e lugar, como deve fazer um ser humano adulto.

Você pode querer escrever suas próprias visualizações nos encontros com a Deusa em diferentes pontos cruciais de seu próprio ciclo de vida: primeira experiência de educação, ritos de passagem na adolescência, começo da monarca, primeira experiência sexual ou casamento... Não importa qual seja a verdadeira experiência de sua vida, este exercício poderá ajudá-lo a experimentar a Deusa através do roteiro transformador, que pode esclarecer problemas surgidos de uma falta de conhecimento iniciatório.

Você pode, simplesmente, escrever uma visualização a respeito de sua própria morte. O Ocidente tem poucos métodos, ou então métodos ineficientes de preparação para a morte, de forma que a meditação periódica sobre o retorno à Criadora de Tudo pode ser muito útil. Quando a morte chega — e ela vem sempre, para tudo o que foi criado —, é melhor estar preparado para recebê-la e também estar plenamente consciente de que ela é apenas um estágio no ciclo do vir a ser.

A TRANSFERÊNCIA DA ILUMINAÇÃO

Alguns dos exercícios seguintes exigem a transferência da iluminação. Esta transferência é alcançada quando você está no interior do Templo da Sabedoria ou visualizando a Deusa ou um dos seus aspectos.

Ela só deverá ser utilizada quando você tiver conceituado e visualizado plenamente a Deusa. A transferência da iluminação tem como objetivo o alinhamento do seu objetivo com o da Deusa ou seu aspecto.

Visualize a Deusa nitidamente. Em seguida, visualize um claro raio de luz, cujo brilho passe do coração da deusa para o seu. Ao vivenciar isso, sinta o calor e a radiância de sua compaixão entrar em você e aí permanecer. *A transferência da iluminação não deve ser tentada até que uma visualização vividamente nítida a preceda de forma imediata.*

Isso é importante, porque a falta de clareza, seja da visualização ou de intenção, pode provocar problemas de personalidade. Na transferência de iluminação, a Deusa lhe dá poderes diretamente — e você fica capacitado para partilhar sua visão compassiva do mundo. Esse recebimento de poderes deveria estimular a presença da Deusa *através* de você, como seu agente, e não levá-lo a agir com arrogância. Cultive o senso de gratidão por sua misericordiosa compaixão enquanto pratica este exercício e você se guardará da tendência humana a sentir orgulho.

A CONSTRUÇÃO DE UM SANTUÁRIO

Poucas pessoas, nos dias de hoje, têm espaço físico para construir um templo próprio, mas, mesmo nas casas mais populosas, sempre há espaço para se colocar um santuário numa prateleira ou toucador.

Aqueles que partilham a casa com a família ou amigos que não têm simpatia por sua prática espiritual, não ofenderão ninguém se colocarem uma gravura emoldurada dobrável e um vaso de flores em seu quarto.

Crie um espaço sagrado para seu santuário de acordo com seus gostos pessoais, sua devoção mitológica e aspectual. Assegure-se de que ele esteja sempre limpo e cheiroso. Em primeiro lugar, você deverá purificar o local, abençoando-o com os quatro elementos: espargir terra e água, acender uma vela e uma vareta de incenso para o fogo e o ar. Enfeite seu santuário com devoção, deixando a colocação do quadro, imagem ou estátua central para o fim. Talvez você queira convidar os amigos para ajudá-lo a consagrar seu santuário e vê-lo entrar em funcionamento.

A construção do santuário é uma atividade comum, que envolve poucas regras. A mais importante delas é: fique certo de que você terá tempo para cuidar, adequadamente, do seu santuário. Ao montar um santuário, estará dando boas-vindas ao poder da Deusa a sua casa, mas, se negligenciá-lo ou tiver santuários demais em casa, talvez não consiga cuidar deles de forma responsável. Se isso acontecer, seu santuário começará a ficar semelhante a seu próprio estado espiritual: desordenado, empoeirado, descuidado e sem vida. Se não puder deixar uma vela queimando, permanentemente, no santuário, tente ao menos passar alguns momentos lá, diariamente, enquanto a vela estiver acesa. Se transformar isso em hábito, você garantirá a permanência da sua relação de trabalho com a Deusa.

CAVANDO UM TESOURO ESCONDIDO

Há uma lei esotérica que afirma: "O pensamento segue o desejo." Esta é uma outra forma de dizer: "Onde seu coração estiver, lá também estará seu tesouro".

A Deusa é representada pela sabedoria piedosa em todos os seus aspectos. Ela atende à nossa necessidade de forma tão direta quanto fazer amor satisfaz a necessidade sexual. A vida é uma espécie de troca de energia, embora raramente usemos todo nosso ser, reservando nossas maiores energias para algum tempo legendário, quan-

do poderemos usá-la para alguma finalidade genuína. Se for este o caso, não foi apenas a Velha Senhora à Sombra da Colina a ser depreciada, mas também nosso próprio tesouro interior que foi posto de lado para "uma ocasião especial". Abra seu tesouro agora e proponha meios de usá-lo.

A Deusa nos dá acesso aos níveis criativo e imaginativo, cuja utilidade é tão freqüentemente negada na vida cotidiana, já que nossa sociedade estabelece um valor baixo para essas mercadorias — ao menos em pessoas cujo trabalho diário é considerado "não-criativo". É claro que todo trabalho, como todo divertimento, tem que ser, de alguma forma, criativo, caso contrário nossa vida seria um tédio. Pelo fato de abrirmos, raramente, espaço para desfrutar de nossos tesouros, eles começam a perder seu sabor e nossas vidas se tornam, por conseqüência, empobrecidas. Assim, vamos descobrir o que são esses tesouros escondidos.

Visualize o santuário da que Dá Poderes de forma tão clara quanto puder ou monte um altar físico para ela. Traga oferendas que demonstrem respeito: flores, frutas da terra ou outras produzidas por sua habilidade criativa. Agora, medite sobre A Que Dá Poderes como a doadora e guardiã dos dons. Veja-a com seus emblemas e símbolos e faça a transferência da iluminação (ver pág. 140 do livro).

Deixe que a luz da Deusa passe através de seu corpo, trazendo iluminação aos lugares sombrios que há em seu interior. A Que Dá Poderes lhe pergunta: "Quais são seus tesouros?" Faça uma revisão, rapidamente, de seus próprios talentos, capacidades, aptidões e habilidades. Em seguida, a Deusa pergunta: "Como você os usa?" Responda honestamente, fazendo uma revisão da quantidade de energia que você realmente coloca, na prática, sobre estes tesouros. Faça uma oferenda deles agora, visualizando-os simbolicamente e comprometendo-os com o serviço da Deusa. A Que Dá Poderes os aceitará com suas próprias mãos, observando-os em si mesma.

A Que Dá Poderes agora lhe pergunta: "Quais são suas necessidades mais profundas?" Observe as áreas de sua vida nas quais você se sente menos confiante, mais temeroso, mais infeliz. Se você não conseguir chegar à raiz de suas necessidades, A Que Dá Poderes perguntará: "O que mais o preocupa agora?" Responder a essa pergunta ajudará a delimitar suas necessidades mais profundas, necessidades estas que freqüentemente suprimimos, caso nunca tenhamos sido obrigados a enfrentá-las adequadamente, mesmo a nível mental. Se admitir essas necessidades provoca sofrimento, lembre-se de

que você fez a transferência da iluminação e está sob a plena proteção da Deusa — portanto, ela o apoiará.

Agora, ofereça essas necessidades à Deusa de forma tão sincera quanto puder, visualizando-as simbolicamente, da mesma forma como você ofereceu seus tesouros, pois eles também são parte de você. Quando o fizer, A Que Dá Poderes os aceitará com suas próprias mãos, assimilando-os a si mesma. Mas, desta vez, ela os transforma. Visualize um raio de luz vermelha brilhante fluindo do coração dela para o seu: essa luz também dará calor e força para satisfazer suas necessidades. Deixe que ela passe através de seu corpo e dê graças. Você poderá também tomar consciência de que ela segura algo em suas mãos para lhe oferecer. Isso será o símbolo de seu tesouro escondido, um recurso desconhecido que o ajudará a ser mais eficiente na vida. Se o significado deste objeto ou símbolo não estiver claro, peça à Que Dá Poderes que lhe fale sobre ele.

A CURA DA TERRA

Admitir que somos parte da terra é muito importante, porque ela é criação da Deusa. Vivemos numa época que está colhendo os frutos plantados por várias gerações de teimosia humana. Há muitas associações pagãs e de Nova Era que se estabeleceram como guardiãs da terra, mas essa tarefa pertence a todos os que vivem no planeta. Além de assumirmos uma atitude ecológica mais responsável, também podemos fazer muito pela cura e preservação do planeta através de meios esotéricos. Na verdade, sem um propósito interior, até os atos políticos resultam em nada.

Para fazer este exercício, entre em seu Templo da Sabedoria, que está plenamente atuante. Você trabalhará no santuário central da Criadora de Tudo. Visualize um grande espelho negro colocado no chão. Olhe para a própria terra, mergulhando as vistas nas profundezas do espelho, como se estivesse fazendo numa piscina vazia. Consagre o planeta à Criadora de Tudo, sob o nome que você usa, e peça-lhe para abençoá-la e preservá-la. Agora, trabalhando com cada aspecto dos nove santuários que a rodeiam, veja no espelho uma estrela cuja luz se irradia para a terra e realça a qualidade daquele aspecto. Quando se tratar da Energizadora, por exemplo: veja o poder da Energizadora se irradiando sobre a terra, mandando para longe idéias antiquadas e gastas que estão obstruindo a perfeita saúde do planeta e suas formas de vida.

Elabore um único aspecto em cada sessão consagrando, em primeiro lugar, a terra à Criadora de Tudo, e passe ao menos dez minutos visualizando o efeito que cada aspecto tem sobre o planeta.

BÊNÇÃO E DESTRUIÇÃO

Todos nós possuímos o espírito de um ser humano encarnado, que vive em relação íntima e familiar com a Deusa, a quem podemos encarar como a fonte de espiritualidade. Isso nos coloca numa posição excepcional para distribuir bênçãos em qualquer lugar que estejamos. Quando uma coisa ou ação é abençoada, participa do espírito da Deusa.

Podemos aumentar nossa capacidade de sentir alegria e ter sabedoria praticando o ato da bênção. Em quase todos os lugares — salvo no deserto espiritual em que se encontram os céticos do mundo civilizado ocidental — as pessoas distribuem ou pedem bênçãos para todas as ações que realizam. Os judeus, por exemplo, pedem bênçãos para cada função física humana, tal como beber, comer, cheirar e assim por diante. Os católicos pedem aos sacerdotes para benzer suas casas, filhos e rosários.

Podemos atrair bênçãos à nossa vida cotidiana e a daqueles que nos rodeiam de formas muito simples. Podemos abençoar, em nome da Deusa, as ações domésticas, os instrumentos de nosso trabalho, as pessoas com as quais entramos em contato, como também pedir bênçãos para nossos planos e dos outros.

Todos possuímos o poder de abençoar e o de destruir. Todos gostamos do som das bênçãos, mas o da destruição pode nos parecer um tanto semelhante ao de praguejar. Como observamos ao longo deste livro, a Deusa está relacionada à criação, mas ela é também a senhora da destruição. Ela inclui, em si, a capacidade catabólica de destruir estruturas, como também de construí-las. Se não houvesse lei de destruição sobre a terra, não haveria decomposição e reassimilação da matéria. Imagine, simplesmente, um mundo onde nenhuma coisa morta se descompusesse, onde o lixo não fosse queimado, onde nada pudesse ser destruído. A Deusa garante, misericordiosamente, morte e decomposição a todas as coisas criadas.

Esse é o motivo pelo qual falamos aqui de destruir, ao invés de praguejar. Praguejar é uma ação negativa, que traz em sua própria dívida cármica e que, da mesma forma que palavras impensadas ou pensamentos destrutivos não enunciados e dirigidos contra uma outra pessoa, não fazem parte da estrutura da Deusa. Destruir, aqui, refere-se à erradicação controlada de qualquer coisa que está amadurecida ou decomposta dentro de nosso mundo ou psique.

A destruição deve começar e terminar conosco, sem estendê-la a mais ninguém. Pois ao passo que podemos dar bênçãos, livremente, para todos, a destruição precisa de uma perspectiva maior do que a humanidade pode alcançar. O auto-esclarecimento diário, através do qual investigamos nossas intenções, ações e maus hábitos deveria nos dar muitas oportunidades de requerer esta função. O que está envelhecido dentro das outras pessoas não é da nossa conta; abençoe estas pessoas e peça à Deusa para administrar o trabalho de destruição, caso ele seja necessário. Similarmente, se você sabe de algo ou alguém que esteja bloqueando o trabalho inteligente do mundo e a vida produtiva das formas criadas, peça à Deusa para que veja isso em seu próprio modo e tempo. Portanto, a destruição de qualquer coisa que não seja benéfica ou esteja madura demais permanece sob a plena responsabilidade da Deusa, não nossa. Quer peçamos bênçãos ou destruição, que isso não seja por interesse próprio, mas com total compaixão.

A COMUNHÃO RITUAL

É provável que a comunhão ritual com a Deusa lhe soe como uma paródia dos mistérios cristãos, a menos que você esteja consciente do fato de que quase todas as sociedades agrícolas da pré-história apresentavam à Deusa os primeiros frutos que brotavam da terra, assando bolos e fermentando cerveja em sua homenagem, como oferendas. Este exercício envolverá sua criação ativa dos elementos rituais, pois você vai fazer bolos e ter uma aproximação com a misteriosa bebida elêusica.

Para fazer a bebida, vá a uma loja de comida natural e compre um pequeno pacote de grãos de cevada, um limão e um pouco de menta (a que é específica para culinária, não a perfumada). Ponha dois bons punhados de cevada em meio litro de água fervendo. Adicione o suco de limão e uma pitada de menta e deixe numa tigela coberta durante toda a noite. Pela manhã, coe através de uma peneira ou use um pedaço de musselina seca para coar. A bebida está pronta para ser usada.

Para fazer os bolos, você precisará de farinha de trigo sem aditivos químicos (de preferência, farinha de trigo natural, mas qualquer

espécie servirá e use o grão consagrado de sua região, se for possível: milho, milho amarelo, arroz, trigo), sal, manteiga, leite e um pouco de especiaria (canela, aromas misturados ou gengibre), um tabuleiro de assar, uma colher para misturar e uma tigela. Coloque mais ou menos cinco punhados de farinha (1 e meia xícaras) na tigela e acrescente a especiaria. (Se achar necessário, acrescente um pouco de açúcar ou mel para adoçar.) Misture a manteiga gelada (2-3 colheres de sobremesa cheias) à farinha. Acrescente o leite apenas se for necessário: a mistura deverá ser pegajosa e grudar nos dedos, mas não parecer molhada. Desenrole a massa finalmente ou então modele os bolos a mão, dando a eles a forma que quiser. Por exemplo: uma lua crescente ou uma estrela. Asse numa fôrma untada, a uma temperatura de 150° C, por mais ou menos dez a quinze minutos, ou até dourar. Ponha para esfriar.

Agora você já tem seus bolos e bebidas sagradas: em seguida, coloque os recipientes adequados. Se não tem nada de especial, use sua louça de barro comum, a que usa em seu dia-a-dia —, mas não resta dúvida de que seria bem melhor se tivesse vasilhas e travessas especiais, principalmente se conseguir comprar louça de argila e depois cozê-la em seu forno.

Você provavelmente desejará realizar sua comunhão em momentos especiais, tais como noites de lua-cheia, festivais do fogo ou solstícios, mas use seu próprio calendário. Planeje um ritual curto e simples, fazendo a oferta dos bolos e bebidas em nome da Deusa. Abençoe-os e compartilhe-os em silêncio, mostrando-se grato à Deusa. Partilhe as iguarias com os amigos. Se sobrar alguma coisa, dê aos elementos, mas reserve sempre uma libação de bebida e bolo para a própria Mãe.

O ANO CÍCLICO

Temos, nos dias que correm, a tendência a viver pelo relógio, em vez de viver de acordo com os ciclos naturais que se desenvolvem ao longo do ano agrícola e sazonal. Mas tudo na vida acontece no *tempo próprio da Mãe*. Sabemos que apressar alguma coisa significa, freqüentemente, estragá-la, mas continuamos tentando colocar cada vez mais coisas em nossa agenda, apenas para descobrir, em um determinado momento, que estamos muito velhos para realizar qualquer uma delas.

Pessoas, como plantas, seguem o ciclo natural de semeadura, amamentação, crescimento, descanso, declínio e replantio.

Encontrar os ritmos cíclicos de nossa existência é outro fator importante dos Mistérios da Deusa. Descobrir o ritmo do dia, dividido em alvorada, meio-dia, crepúsculo e meia-noite; o do mês, marcado pelas fases mutantes da lua em seus aspectos crescente, cheia, minguante e nova; o do ano, em suas estações de primavera, verão, outono e inverno; e de nosso próprio ciclo de vida — infância, adolescência, maturidade e velhice. Faça seu próprio calendário a partir de uma avaliação destes ritmos e encontre novos padrões de existência dentro dele.

Atualmente, muitas pessoas observam o padrão cíclico dos festivais do fogo célticos, os solstícios e equinócios, como também as fases da lua, para fazer suas celebrações em honra da Deusa. Trabalhando com os aspectos de nove partes e tendo a Criadora de Tudo como o aspecto coordenador da Deusa, você poderá desejar celebrar estes aspectos de um modo significativo através das estações do ano. Você poderá desejar homenagear as tríades principais, nas fases também principais da lua: a Tríade Transformadora na lua nova, a Tríade Dinâmica no quarto crescente, a Tríade Abrangente na lua cheia e a própria Criadora de Tudo como potencial da lua nova. Talvez você deseje escrever um ritual a ser representado num ciclo sazonal, no qual os aspectos de cinco partes (ver pág. 129 do livro) serão as bases para sua própria seqüência de mistério. É tudo uma questão de preferência pessoal e tendência, como também de observação sazonal. Seja inventivo em suas celebrações da Deusa e encontre a energia que dela emana em todos os lugares de sua vida.

O ROSÁRIO DA DEUSA

Enfie uma série de contas, cristais ou outros objetos apropriados numa corrente ou pedaço de corda entremeado de nós. Existem muitas lojas de artesanato que vendem o material necessário para fazer essas coisas, mas você precisará, basicamente, de um pedaço de fio de nylon forte e algumas contas. Você poderá fazer seu rosário da Deusa de duas formas diferentes: ou usando contas simples para cada um dos nove aspectos e uma especial para a própria Criadora de Tudo, ou ainda uma série ou um agrupamento de contas para cada aspecto.

Crie uma série de preces, mantras ou invocações para acompanhar cada conta que for passando através de seus dedos. Vamos citar um exemplo de invocação à Criadora de Tudo: "Mãe, tu me fizeste e me modelaste, que a reverência e serenidade sejam tuas. Eu sou tua

vestimenta; tu, o espírito que a habitas. Fica comigo em tudo que eu fizer, que todos possam te conhecer." Para cada aspecto, coloque seu próprio nome preferido ou o título preferido, como quiser e continue: "Senhora Energizadora, me reanime. Irmã Medidora, limpe meu caminho. Senhora Protetora, proteja-me com segurança. Mãe Iniciadora, pegue minha mão. Cailleach, Desafiadora, transforma-me. Senhora Salvadora, venha em meu socorro. Tecelã da Teia, torne meu caminho claro. Mãe e Preservadora, cura-me. Filha Que Dá Poderes, torne-me sábio." Estes exemplos apenas mostram a série de títulos que você poderá usar. É claro que você não precisa apenas pedir coisas para si mesmo, mas também pode rogar para os outros, ou, se quiser, pode inventar palavras que sejam venerações ou afirmações daquele poder.

Você pode rezar seu rosário quando estiver sozinho, a qualquer momento. Em vez de seguir a corrente inteira, você poderá rezar junto a uma tríade particular de mistérios a cada dia: os Mistérios Transformadores às quintas e sextas; os Mistérios Dinâmicos às quartas e sábados, Os Mistérios Abrangentes às quintas e domingos e, na segunda, reze toda a corrente, com ênfase especial na Criadora de Tudo. Distribua seu rosário de forma alternada pelos dias mais adequados à sua maneira própria de funcionar.

ALÉM DOS ELEMENTOS DA DEUSA

A integração que deve existir entre a prática e o conhecimento vai demorar algum tempo para acontecer. Para pôr em execução um trabalho mais adiantado, você provavelmente se desfará da estrutura do Templo que construiu ou, finalmente conseguirá afastar-se para além de seus limites, em direção a outras áreas. O mito do progresso é muito difícil de ser rompido, mas você deve ficar consciente de que esse trabalho que desenvolve com a Deusa tem por base o esquecimento e a lembrança. Ao mesmo tempo em que você sempre conseguirá sintonizar as principais faixas de onda, talvez tenha que girar muito os botões para encontrar outras estações, que darão a impressão de surgir de forma desconcertante. Isso porque, embora a Deusa faça surgir a assimilação e a união de diferentes partes suas, o processo de aprendizagem depende da sua produção individual e é impossível prever suas permutações.

A prática contínua é o único modo conhecido de ficar em contato com todas as coisas. Mesmo instrumentalistas virtuosas sabem que

embora a prática melhore a técnica, ela nunca a torna verdadeiramente "perfeita", e que uma prática de um dia perdido significa uma técnica menos eficiente.

Ir além dos elementos da Deusa é uma aventura sua, que ninguém pode organizar antecipadamente, exceto você. Haverá momentos, raros a princípio, mas crescentes em intensidade, nos quais você sentirá que as distâncias que o separam da Deusa são bastante tênues e que vocês são uma só mente e um só coração. Ao falarmos desses campos místicos de experiência, vamos ser muito claros e francos, pois ocorrem aqui os mesmos problemas semânticos que enfrenta-se ao se tentar desvendar a Deusa em linguagem simbólica. Vivemos num mundo dualista, que divide a experiência do experimentador. No campo místico, esta divisão não existe, e o que há é um sentido de unidade, união ou comunhão. Essa não é uma experiência que possa ser adquirida por esforço intelectual ou mérito espiritual; a imagem que dela podemos fazer é a de sermos o braço do compasso que gira, enquanto a Deusa é o verdadeiro norte. Viramos de direção neste ponto de contato harmonioso vezes sem conta, até que nosso instinto faz com que nos alinhemos e reconheçamos esse fato conscientemente. Mas, mesmo essa imagem acaba fracassando, porque nesse estado de alinhamento, *tornamo-nos* o compasso e o próprio norte. Somos sua procura e objetivo ao mesmo tempo.

Quando você entender o parágrafo anterior através de sua própria experiência, em vez de fazer uso da teoria intelectual, estará pronto para "aceitar a Deusa". Esse método adiantado de trabalho raramente é ensinado no Ocidente, mas já fez parte, outrora, da antiga escola de ensinamentos de mistério, onde foi aplicado a todas as divindades. Ele é, ainda, a experiência dos xamãs e todos os que pertencem às tradições nativas.

Por favor, não tente a prática seguinte se você tiver uma história clínica de perturbação psicológica do tipo da esquizofrenia ou se você está usando alguma droga que altera o estado de consciência (seja ela receitada ou não pelo médico) ou ainda se você está num estado de desorientação emocional. Se você estiver em alguma dessas situações mencionadas acima, não receberá benefícios, mas apenas mais confusão. Se você tem alguma dúvida a respeito de sua capacidade de realizar a Aceitação da Deusa, pergunte a seu guia interior ou entre no santuário da Desafiadora e pergunte a ela, que testará sua aptidão diretamente, através de perguntas ou testes apropriados. Confie em seu julgamento.

Para poder aceitar a deusa é preciso que estejamos, em primeiro lugar, num estado de pureza — que significa a purificação do corpo, mente e espírito. A impureza impede o alinhamento e acentua os desequilíbrios humanos. Esta pureza é conseguida através de jejum, de um banho ritual e de roupas limpas, e é precedida por um período de auto-esclarecimento e de meditação. Em seguida, vem a geração da imagem do aspecto escolhido da Deusa e, para consegui-la, você tem que simplesmente seguir seu procedimento normal de visualização, fazendo o uso mais pleno que puder do simbolismo que associou ao aspecto escolhido. Pelas invocações e preces feitas, convide o aspecto escolhido a se unir a você.

Faça a transferência da iluminação usual (ver pág. 140 deste livro) mas, desta vez, você verá a luz penetrando no mais profundo de seu ser e purificando tudo que obscurece sua compreensão: toda ignorância, desejo e ódio, que serão purificados. Visualize-se como o aspecto escolhido e receba da Deusa a energia que dá poder. Neste ponto, não há separação entre você e o tema de sua meditação. Atendo-se a esse estado espiritual, você se sentirá realizado, tendo plena percepção de si mesmo e da Deusa.

Quando você executar, pela primeira vez, a Aceitação da Deusa, conclua sua meditação, assimilando lentamente a imagem em seu coração e restabeleça a consciência imediatamente. Essa experiência está além da adoração ou veneração, pois é puramente existência e identificação. Pela natureza dessa prática, você entenderá por que a purificação é tão importante e por que ela não é realizada de forma simples. É especialmente importante admitir, de antemão, seus próprios desequilíbrios, e pedir à Deusa que o ajude a saná-los através de cada ação da sua vida diária.

Depois de ter realizado essa prática, você aprenderá seus usos posteriores através da própria Deusa. Essa iniciação vai além dos limites deste livro ou do seu Templo autoconstruído. Depois que você tiver experimentado todos os aspectos da Deusa desta maneira, poderá, na verdade, intitular-se seu sacerdote ou sacerdotisa.

Que a Que Desperta, a Transformadora e a Abrangente o abençoem e o levem à real presença da Criadora de Tudo!

> Você descobriu as faces mutantes da Deusa ao acaso. Para outros, ela ainda se oculta, mas, para você, ela se revelou em sua plenitude.
>
> Boécio

GLOSSÁRIO DAS DEUSAS

A lista que se segue contém os nomes das Deusas mencionados neste livro e algumas rápidas informações adicionais sobre elas. Ao invés de ocupar um espaço valioso, ao longo do texto, preferi reunir as deusas num índice separado e explicativo, embora curto, dando uma rápida descrição de suas principais funções ou qualidades. Gostaria de deixar claro que essas deusas têm muito mais aspectos e funções do que os que foram listados aqui.

Aditi (hindu) Mãe de Adityas, Mitra e Varnuak, Aditi significa, literalmente, "livre de laços". Não há dúvida de que a expressão se refere ao céu infinito, que é o domicílio de seus "filhos": o sol, a lua, a noite e o dia. Aditi é o céu, o ar, todos os deuses, as cinco nações, é o passado e o futuro.

Afrodite (grega) Deusa do amor, tanto no que tem de mais nobre quanto de degradado. Na sua origem foi também a deusa da fertilidade. A lenda conta que era filha de Zeus e Dione, mas a tradição homérica criou outra história bem mais interessante para seu nascimento: quando Cronos castrou seu pai, Urano, jogou seus órgãos genitais no mar. Eles flutuaram, formaram uma espuma branca e dela saiu Afrodite, a essência da beleza feminina.

Amaterasu (japonesa) Deusa do sol, a lenda conta que Amaterasu nasceu do olho esquerdo de Izanagi e é adorada tanto como um corpo celestial quanto como divindade espiritual, e também como ancestral da família imperial.

Ambika (hindu) É um aspecto da deusa **Kali**. É chamada de "Pequena mãe" e considerada a geradora, localizando-se junto a outras deusas

que personificam vários aspectos da divindade. Ambika tem o lado destruidor que aparece em suas batalhas contra os demônios.

Ananke (grega) Chamada também de Necessidade, ela é a mãe das Parcas. O Fuso da Necessidade repousa em seu colo.

Angeborda (nórdica) Deusa escandinava gigante, tem três filhas: a cobra gigante, a que traz o fim do mundo e a rainha da morte.

Anu (celta) Os deuses celtas na Irlanda são freqüentemente chamados de Povo da deusa Danu, mas isso não significa que ela tenha dado à luz todos. A Deusa Anu (ou Ana) era confundida com ela. Anu foi uma antepassada primitiva.

Ariadne (grega) Filha de Minos, Ariadne foi trazida por Teseu para Creta e abandonada. Ela dormia à beira da água, em Naxos, e, quando acordou e percebeu que Teseu fora embora, pôs-se a chorar. Dionísio a viu, casou-se com ela pouco depois tiveram três filhos. É ela quem conduz os seres humanos através do labirinto.

Arianrhod (britânica) Filha de Don, mãe de Llew, Arianrhod tem o aspecto da Iniciadora.

Artemis (grega) A Caçadora, a princípio era uma divindade agrícola, adorada especialmente na Arcadia. Artemis é deusa da caça e da floresta, seu caráter é lunar e ela é representada como uma jovem virgem.

Astarte (babilônia) Seus ritos envolviam o oferecimento da virgindade das jovens a estranhos. Astarte personificou o mais belo dos corpos celestes, o planeta Vênus. Deusa do amor e da guerra, é raramente mencionada.

Atena (grega) Patrona de Atenas, foi objeto de um culto especial. Adorada como deusa da guerra, das artes, da paz e da inteligência prudente. Nos primórdios de seu culto, era venerada como noite de tempestade e tinha um culto meteorológico.

Atropos (grega) Atropos era uma das **Moiras** (terminologia grega), chamadas de Parcas pelos romanos. Para Homero, representavam o destino individual, do qual nenhum mortal escapa. As Parcas eram em número de três e filhas da noite. Era Atropos quem media o fio da vida.

Bagala (hindu) Protetora, ela é uma das **Dasa-Mahavidyas.** Destrói as formas negativas e é representada com cabeça de garça.

Baubo (grega) A energizadora Baubo era conhecida por sua irreverência e maus modos. Quando ofereceu uma bebida especial que tinha preparado para Deméter e esta recusou, fez gestos obscenos para a deusa, que achou muita graça, ao invés de se zangar.

Beltia (babilônica) Era "A Senhora", reinando nos céus. Seus adoradores a exaltavam, dizendo que ela estava acima de todos os deuses e tinha a capacidade de aliviar sofrimentos, dar vida, alegria e prazer.

Bhairavi (hindu) Uma das **Dasa-Mahavidyas**, Bhairavi é outro nome pelo qual Parvati, a personificação do "poder" de Siva, é conhecida. O nome dessa deusa tem um adendo: a terrível. Ela está sempre ligada ao poder, à destruição e ao sangue, embora tenha aspectos da Preservadora e da Criadora de Tudo.

Bona Dea (romana) Ela é "A Boa Deusa", patrona dos ritos femininos. Seu culto era administrado pelas vestais virgens e só era freqüentado por mulheres.

Brígida (irlandesa) Foi freqüentemente confundida e, portanto, encarada, como a deusa tripla. Sua adoração difundiu-se mais do que a de Anu e sobreviveu no cristianismo como Santa Brígida (ou Brida). Parece provável que ela tenha sido uma divindade que encarnava o conceito e a figura da deusa-mãe. Brígida era protetora da cura, do artesanato e da poesia.

Cailleach (celta) A deusa céltica Cailleach tem um aspecto sombrio, o que não a impede de se metamorfosear numa linda mulher quando deseja agradar o homem amado. Mas que ele se acautele, pois ela sempre quer o domínio, o poder.

Ceres (romana) Ceres veio da Campania, mas seu templo era em Roma. Paradoxalmente, seu templo e ritos eram gregos. Deusa da agricultura, protegia plantações e oferecia fartas colheitas.

Ceridwen (britânica) Na lenda celta, Ceridwen é chamada de A Mulher Sombria do Conhecimento. Tem grande habilidade em mudar de forma e guarda aspectos da Iniciadora e da Tecelã.

Cessair (irlandesa) É considerada uma antepassada primitiva, tem o aspecto de Preservadora, sua cor é verde e seu símbolo o navio.

Chinnamasta (hindu) Uma das **Dasa-Mahavidyas**, *também* **Varjayogini**, Chinnamasta é Iniciadora, domina o conhecimento tântrico e possui elementos altamente destruidores em seus aspectos.

Cibele (traciana) Etimologicamente, Cibele é a deusa das cavernas. Personificava a terra em seu estado primitivo e selvagem e era adorada no alto das montanhas. É uma grande mãe, dada sua ligação com o fornecimento do alimento.

Cipactli (mexicana) Criadora, essa deusa mexicana existiu, originalmente, sob a forma de um monstruoso jacaré nadando no espaço. Quando duas serpentes divinas cortaram seu corpo em pedaços, a parte de baixo transformou-se na terra, enquanto a parte de cima, no céu.

Circe (grega) Filha de Helios, foi, mais provavelmente, a deusa do amor aviltado. Circe era muito conhecida por seus feitiços e encantamentos. Casada com o rei dos sarmacianos, envenenou seu marido e foi morar numa ilha. Circe tem o aspecto de Tecelã e muda de forma.

Clotho (grega) É uma das **Moiras** (ou **Parcas**, segundo os romanos), também responsável pelo destino humano, sendo aquela que fia a Linha da Vida.

Daena (persa) É a desafiadora, com quem as almas dos mortos têm que se encontrar antes de passar pela ponte que definirá se irão para o céu ou para o inferno.

Dakini (tibetana) É chamada de "dançarina do céu", e considerada a divindade feminina da meditação. A luz do arco-íris é associada à meditação com as dakinis.

Danu (irlandesa) Antepassada primitiva, Danu tem os aspectos da Criadora de Tudo, sua cor é o preto e seu símbolo é a Via Láctea. Deusa dos Celtas na Irlanda — os deuses eram chamados de Povo da Deusa Danu, embora ela não tivesse dado à luz todos eles, mas o título mostrava sua força e importância.

Dasha Mahavidyas (hindu) ou as Dez Grandes Sabedorias da Deusa Kali. Podem aparecer sobre terríveis formas.

Deméter (grega) Representava o solo fértil e cultivado. Sua maior importância entre os gregos deveu-se à sua figura de mãe, embora seu caráter original, de "mãe terra", tenha sido preservado em certas regiões da Grécia. Mãe de Perséfone, rainha do Mundo Subterrâneo, Deméter estendeu sua influência através da filha. Sempre permaneceu em contato com os mortais a quem concedeu os benefícios da civilização.

Devi (hindu) Termo hindu para designar "Deusa".

Dhatisvari (hindu) **dakini** da "sabedoria cristalina", governadora do oriente e da água.

Dhumavati (hindu) É uma das Dasa-Mahavidyas, e tem o aspecto da Desafiadora.

Diké (grega) É a deusa da justiça e embora um dos mitos contados sobre ela diga que foi exilada na constelação de Virgo, o poeta romano Virgílio manifestou o desejo e a necessidade de sua volta à terra para corrigir as injustiças.

Donzela do Graal (Céltica/Medieval) A portadora do Graal, a que traz alegria.

Donzelas do Milho (americanas) As Donzelas do Milho são seis irmãs que dançam para que haja fartura. Fazem parte das lendas dos índios Pueblo, constando como doadoras de grãos e da sabedoria.

Dorje (tibetana) **dakini.** *Ver* a deusa **Dhatisvari.**

Durgha (hindu) Aspecto de **Parvati**. Durgha é uma das grandes Protetoras da mitologia hindu.

Dzalarhons (índios americanos) É a guardiã dos tesouros terrestres e fica furiosa quando vê a destruição da natureza. Mesmo assim, é Energizadora e Protetora.

Eirene (grega) Filha de Themis e Zeus, é a deusa da justiça.

Ereshkigal (sumeriana) Rainha do Mundo Subterrâneo.

Erínias (gregas) As Erínias eram às vezes chamadas de "cães do Hades". Eram divindades infernais, cuja missão especial era punir os parricidas e aqueles que violavam seus juramentos. Quando um crime era cometido numa família, apareciam imediatamente, e, por isso, ficaram conhecidas como guardiãs das leis terrenas. As erínias eram tão rigorosas no castigo que perseguiam o criminoso até o Mundo Subterrâneo, para além, portanto, da própria morte.

Estanelehi (índios americanos) *Ver* **Mulher Transformadora.**

Eumênides (grega) Significa "as bondosas", é um dos nomes usados pelas Erínias.

Eumonia (grega) Significa "a ordem legal" e faz parte do aspecto da Medidora.

Eva (semítica) Eva significa, segundo a escritura hebraica, "a mãe de todos os seres vivos". Ela guarda o aspecto da Energizadora.

Freya (nórdica) Irmã do deus Frey, ela tem uma rica casa no céu, onde recebia heróis derrotados com um incrível banquete. Foi, na verdade, a primeira das Valquírias e sua suprema comandante. Adorava jóias e enfeites e era considerada a deusa do amor.

Gaia (grega) Deusa da Terra. Seu aspecto é o da Criadora.

Hathor (egípcia) Uma espécie de fada, que às vezes aparecia no nascimento de uma criança. Pertencia a um grupo de sete ou até nove jovens e suas predições — às vezes favoráveis e às vezes não — nunca falhavam. Hathor é também Mantenedora, Rainha do Mundo Subterrâneo e oferece o encanto.

Hecate (grega) Divindade do Mundo Subterrâneo, Hecate era, em sua origem, uma deusa lunar. Nascida na Trácia parecia-se, de algumas formas, com Artemis. Poderosa no céu e na terra, Hecate dava

riqueza, triunfo e sabedoria. Cuidava da prosperidade e da navegação.

Hel (nórdica) Rainha do Mundo Subterrâneo.

Hera (grega) Foi, originalmente, rainha do céu, a virgem celestial. Casada com Zeus, vivia às turras com ele. Presidia todas as fases da existência feminina. Venerada no cume das montanhas, Hera tinha cinco ou seis templos e era representada sentada num trono, com um cetro na mão direita. Foi considerada a grande patrona das mulheres e rainha dos deuses.

Hestia (grega) A palavra grega "hestia" significa "a terra, o lugar onde a casa e o fogo doméstico são mantidos". A dificuldade que o homem primitivo tinha de encontrar o fogo explica facilmente por que ela era tão venerada. Além do mais, era em torno da lareira que a família se reunia e sua força era tão grande que, quando um dos membros ia embora, formar um novo lar, levava consigo um pouco do fogo de Hestia. Posteriormente, quando as cidades começaram a se formar, seu fogo era levado a público, e o costume simbólico foi mantido.

Horae (grega) A palavra grega da qual Horae deriva seu nome significa "um período de tempo que pode ser aplicado igualmente ao ano, às estações do ano e às horas do dia". Estes diferentes significados influenciaram as sucessivas concepções de Horae. Primeiro, foram divindades de caráter meteorológico, encorajando o amadurecimento das frutas e favorecendo a colheita. Depois, passaram a presidir a ordem que havia na natureza, tornando-se, por conseguinte, as guardiãs da natureza e exercendo influência não só física, mas também moral.

Inanna (sumeriana) Deusa do amor, da guerra.

Iris (grega) Mensageira.

Isis (egípcia) Grande Mãe, feiticeira e libertadora.

Kali (hindu) Deusa com os aspectos de Energizadora, criadora e destruidora. Uma das **Dasa-Mahavidyas**.

Kalwadi (australiana) Figura amplamente importante nos ritos iniciatórios. A grande vocação maternal da Deusa é patente, pois ela presta serviços de babá para engravidar de novo das crianças de quem cuida.

Kamala (hindu) Uma das **Dasa-Mahavidyas**, A Que Dá Poder.

Kausiki (hindu) Aspecto guerreiro de **Kali**.

Khando (tibetana) *Ver* **dakini**.

Kurukulla (hindu) É a protetora da sabedoria. Seu aspecto é o da Desafiadora.

Kwan Yin (chinesa/japonesa) Chamada de "Ouvinte das Súplicas", Kwan Yin concede iluminação suprema a seus devotos e promete a libertação deixando os canais mentais livres para novas percepções e a criatividade.

Lachesis (grega) Ela é uma das **Moiras** (Parcas, para os romanos), irmã de Atropos e a responsável pelo corte do fio da vida.

Lakshmi (hindu) Mulher de Vishnu e exemplo de beleza feminina, Lakshmi ou Sri, como às vezes é chamada, é a deusa da fortuna e da prosperidade. Como tal, segura seu símbolo tradicional, o lótus, numa de suas quatro mãos.

Le-Hev-Hev (melanesiana) Desafiadora, guardiã do Mundo Subterrâneo, recebe os que morreram frente ao seu labirinto. Ela submete as almas a enigmas, se são bem-sucedidas, vão para o Mundo Subterrâneo, caso contrário, as devora.

Lekyi (tibetana) **Dakini**, *ver* **Samaytara**.

Leto (grega) Deusa que protege o parto, que dá inspiração.

Levanah (semítica) A fase escura da lua, aspecto da Medidora. Controla o fluxo e o refluxo das marés.

Lilith (semítica) Primeira mulher de Adão, antes que ele se casasse com Eva. Posteriormente, foi considerada rainha dos demônios. Seu personagem é bastante controvertido e totalmente rejeitado em círculos religiosos ortodoxos do Ocidente.

Locana (hindu) **Daquini** de todo o "espaço abrangente", governante do centro do vácuo.

Luna (romana) A Lua.

Maat (egípcia) É descrita como uma mulher que está de pé ou ajoelhada. Na cabeça, usa uma pena de avestruz, que é um ideograma de seu nome: verdade ou justiça. Era a deusa da lei, verdade e justiça. Filha querida e confidente de Ra e também esposa de Thoth, o juiz dos deuses.

Macha (irlandesa) Deusa que morre de parto e amaldiçoa os homens de Ulster, desejando que eles sintam a fraqueza da mulher ao dar à luz por quatro dias e cinco noites, durante nove gerações. Tem também o aspecto da Medidora.

Machig Lapdron (tibetana) É uma salvadora, uma xamã.

Maeve (irlandesa) Rainha de Connacht, da guerra e do amor sexual.

Mamaki (hindu) **Dakini** de "toda a sabedoria enriquecedora", soberana do sul e da terra.
Maria (cristã) A Abençoada Virgem, Libertadora, Mãe das almas, Rainha do Céu.
Maria Madalena (cristã/gnóstica) Energizadora, simboliza o conhecimento.
Matangi (hindu) Uma das **Dasa-Mahavidyas**, a Energizadora.
Medusa (grega) Juíza, também guerreira. Este aspecto seu está ligado a Atena.
Mensageira do Graal (Céltica/Medieval) a companheira e desafiadora da Busca.
Metis (grega) "Conselho Prudente".
Minerva (romana) Deusa da Sabedoria.
Mnemosine (grega) Deusa da Memória, mãe das musas, padroeira das recordações.
Modron (britânica) "Mãe", padroeira da sabedoria que foi perdida, esquecida.
Moirae (grega) As Moiras eram o correspondente grego de "As Parcas" (o destino) que são três: **Clotho**, **Lachesis** e **Atropos**.
Morgen (britânica) Também chamada de Morgana, aquela que cura, a que consegue mudar as formas.
Morrighan (irlandesa) Deusa da guerra e também aquela que tira a morte e cura doenças.
Mulher Búfalo Branca (Lakota) Divindade cultuada pelos índios americanos. Traz em si o aspecto da Iniciadora e também da Que Dá Poderes.
Mulher Coruja Branca (Arapho) Entidade cultuada pelos índios americanos. Traz em si o aspecto da Desafiadora.
Mulher Transformadora (americana) Deidade venerada pelos índios nativos americanos, tem capacidades transformadoras.
Mulher Peiote (americana) Entidade cultuada pelos índios americanos que propicia uma visão ampliada do universo. Tem consigo o aspecto da Tecelã.
Musas (grega) Irmandade de nove partes de artes, ciências e artesanato. O termo ficou até hoje e, quando um poeta se refere a sua "musa inspiradora", está falando dessa irmandade que se tornou substantivo.

Neith (egípcia) Guardiã dos mistérios escondidos, também apresenta o aspecto de Tecelã.
Nemesis (grega) É a deusa da vingança, da desforra. Para ela, é preciso sempre dar o troco a quem nos faz mal.

Nerthus (germânica) É a mãe terra, mas, ao mesmo tempo, é aquela que tira.

Oxum (nigeriana) Deusa das águas, que refresca e revigora. Faz parte dos cultos afro-brasileiros.
Oya (africana) Simboliza as estações do ano. Como aspecto, traz o da Energizadora.

Pandasravasini (hindu) **Dakini** de "sabedoria discriminatória", governante do Oeste e do fogo.
Pandora (grega) Energizadora.
Parcas (grega, romana, nórdica) Título das **Moiras** e das **Nornas.**
Parvati (hindu) É também chamada de Shakti. Traz em si o aspecto da Energizadora e da Tecelã.
Pema (tibetana) **Dakini.** *Ver* **Pandar-avasini.**
Pirra (romana) Ancestral primitiva.

Radha (hindu) Deusa da abundância, do amor, que tem êxtases sensoriais profundos e os favorece.
Ragnell (britânica, medieval) É a entidade que doa a soberania, e tem como aspecto a Desafiadora.
Rhea (grega) É a mãe dos deuses, e seu aspecto é o da Preservadora.
Rhiannon (britânica) Rainha do Mundo Subterrâneo, é aquela que liberta dos fardos.
Rinchen (tibetana) **Dakini**. *Ver* **Mamaki.**

Samaytara (hindu) *Daikini* de "toda a sabedoria realizada", governante do norte e do ar.
Sarasvati (hindu) Deusa das águas, das artes e das ciências.
Sati (hindu) Encarnação de Devi.
Sekhmet (egípcia) É representada como uma mulher que tem cabeça de leão e está sentada num trono. Casada com Ptah, chamada de "a amada de Ptah", teve um filho com ele, Nefertum.
Selene (grega) Lua.
Shakti (hindu) É a energia da Deusa.
Sheila na gig (irlandesa) Mãe no sentido daquela que dá e tira.
Shekinah (semítica) A consorte energizadora de Jeová, criadora, como ele, do mundo e das coisas, numa espécie de comunhão de ações.

Sodashi (hindu) Uma das **Dasa-Mahavidyas**, Preservadora.
Sofia (grega/gnóstica) Deusa da Sabedoria. Tem o aspecto da Que Dá Poderes.
Sovereignty (céltica) Deusa da Terra. Com o aspecto da Que Dá Poderes.
Surabhi (hindu) É a vaca do espaço cósmico.

Tara (hindu/tibetana) É a deusa compassiva com o homem, aquela que o liberta. É também uma das **Dasa-Mahavidyas**.
Tellus Mater (romana) Mãe Terra, patrona das mulheres.
Themis (grega) "A que é firme". Representa a ordem e traz como aspecto o da Medidora.
Tiamat (babilônica) A Criadora de Tudo.
Tlazolteotl (asteca) É o "coração da terra", a Tecelã, a purificadora.

Ukemochi (japonesa) Criadora de Tudo. Traz também o aspecto da Preservadora.
Uncegila (índia americana) Desafiadora, Tecelã.

Vajra-Varahi (tibetana) É a "semente de diamante", a Energizadora.
Varjayogini (tibetana) *Também* **Chinnasta**. Traz o aspecto da Libertadora.
Virgem Negra (cristã) Uma das designações para a Virgem Maria, que se refere ao seu aspecto sombrio, embora curador. É interessante lembrar que a corrente esotérica que propõe a volta à Deusa (e já a cultua) considera Maria como um de seus aspectos.

Yeshe Tsogyel (tibetana) Aspectos: A Iniciadora, Libertadora e A Que Dá Poderes.

Zoé (gnóstica) Simboliza a vida, e em termos de aspecto traz o da Energizadora.

ESOTERISMO

Elementos da Deusa

Todo ser humano é filho da Deusa. Os que A ignoram levam existência órfã, mas quem conhece o poder da Deusa e A cultua, conta com Sua sabedoria, Sua energização e Sua Proteção, para fazer parte da fraternidade universal mais sintonizada com o Cosmos, do grupo iluminado que prepara a chegada de uma era de paz entre os homens. Homem ou mulher, você também pode fazer parte deste grupo, experimentar a energia revitalizadora da Deusa e modificar sua vida para sempre.

Elementos da Deusa revela:

- Existe mesmo uma Deusa?
- Como os homens e mulheres podem venerá-La?
- A história viva da Deusa ainda está sendo contada?
- Como a segunda vinda da Deusa influencia nossas vidas?
- Quais os aspectos da Deusa adequados aos dias de hoje?

9 788500 325939
ISBN 85-00-32593-3